



Universidade da Amazônia

O Arco de Sant'ana

de Almeida Garret

NEAD – NÚCLEO DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA

Av. Alcindo Cacela, 287 – Umarizal

CEP: 66060-902

Belém – Pará

Fones: (91) 4009-3196 /4009-3197

www.nead.unama.br

E-mail: nead@unama.br



O Arco de Sant'ana

de Almeida Garret

CAPÍTULO I

O ARCO DA SANTA

Mal pensa o voluntário acadêmico, quando descendo Rua de Sant'Ana abaixo, o braço no armão da peça, e os olhos na alta janela donde, entre o festivo azul e branco, lhe sorri constitucional beldade; e ele vai misturando, no alvoroçado pensamento, conquistas bélicas e amorosas, as damas que há de render e as guerrilhas que há de espatifar, — e mais que tudo, as histórias que sobre isso se hão de contar à noite no refeitório dos Grilos hoje, oh impiedade! Convertido em casa de tripudio e bambochata de maganos estudantes — mal pensa ele que terreno clássico vai pisando, por que veneráveis padrões históricos vai passando sem os conhecer, que interessantíssima cena romântica é essa em que, depois de tantos séculos, novo e não menos interessante ator, lhe coube vir figurar.

Falte-te, é verdade, ó nobre e histórica rua de Sant'Ana, falta-te já aquele teu respeitável e devoto arco, precioso monumento da religião de nossos antepassados, e que, certo é, mais te vedava a pouca luz do céu “material” que tuas augustas dimensões deixam penetrar, mas era ele em sim mesmo, foco da espiritual luz de devoção que ardia no bendito nicho consagrado à gloriosa santa do teu nome.

Caíste pois tu, ó arco de Sant'Ana, como, em nossos tristes e minguados dias, vai caindo quando aí há nobre e antigo às mãos de inovadores plebeus, para quem nobiliarquias são quimeras, e os veneráveis caracteres heráldicos de rei-d'armas-Portugal língua morta e esquecida que nossa ignorância despreza, hieroglíficos da terra dos Faraós antes de descoberta a inscrição Damietta! — Assentaram os miseráveis reformadores que uma pouca de luz mais e uma pouca de imundície menos, em rua já de si tão escura e mal enxuta, era preferível à conservação daquele monumento em todos os sentidos respeitável!

Com que “desapontamento” deste meu coração, depois de tantos anos de ausência, não andei eu procurando, em vão!... Na Rua de Sant'Ana, uma das primeiras que a minha infância conheceu, as góticas feições daquele arco?... E a alâmpada que lhe ardia contínua, e os milagres de cera que lhe pendiam à roda, e toda aquela associação de coisas que me trazia à memória os felizes dias de minha descuidada meninice! — Meninice que passou, sem mocidade, a esta tão trabalhosa, tão árida, tão despegada virilidade, em que não tardam as cãs e as rugas a visitar-me com mais precoce velhice ainda!

Ai, Rua de Sant'Ana! Que é do teu arco e da tua festa, quando se lhe armava aquele palanque com que ficava uma igreja improvisada, e um coreto e um púlpito, aonde grassava a música, berrava o frade, e toda a vizinhança tinha um dia de folgar?... E muito se rezava e muito se namorava e muito se comia, e todos iam para o céu — Ora que o façam hoje!

Foi o célebre fracasso de José U que acabou com a devota festa e com o meu querido arco também.

José U, para ilustração da presente história seja dito, era um curioso figurão da minha terra, uma das notabilidades, — como se dizia em França, e hoje por cá se diz também já nos botequins — umas das notabilidades desta nobre e sempre leal

cidade. Insigne mestre de capela, trazia arrematadas todas as festas e oragos menores do Porto e seus subúrbios, sem excetuar os três São Joões rivais; a saber, São João o velho ou o republicano, de Cedofeita, — São João o malhado, da Lapa — São João o realista, do Bonfim.

Com efeito, São João que da fama de pedreiro se não livra!... Não me faltava ver mais nada.

Era o Sr. José U homem bem apessoado, e de tal capacidade e rotundidade nas formas posteriores, que, por elegante e popular metonímia, lhe chamaram a parte pelo todo, e foi apelidado José U, ou José outra coisa que a gravidade da minha história me não deixa por aqui mais clara.

Andava, entre outras, de imemorial posse, na sua correição e jurisdição harmônica, a parte música instrumental e vocal da festa de Sant'Ana do arco. Corria o ano de 182.... Chegou o dia da santa, armou-se o palanque, treparam os menestréis ao coreto, saíram os padres detrás duma janela, principiou a missa cantada, sobre garraio capucho ao púlpito, começa José U com a sua gente o moteto de rigor... E eis senão quando, o travejamento de toda aquela caranguejola que dá de si, rende, casca — e zás por ali abaixo desanda tudo à rua. José U com o rolo de solfa na mão — o cetro, o bastão de general Colcheia! Cai com todo o peso do seu nome num rabecão já estatelado.

Foram dentro com tremendo som os tampos do bojudo instrumento; e foi tremendo o diapasão que no violento contato se fez...

Em tal estado e posição ficou o bem-aventurado, que, à primeira sensação de desgosto e terror geral, sucedeu o riso e turbulenta cachinada. Acabou-se a festa da santa, poupou-se ao capuchio muita berraria e muita sandice, e os festeiros jantaram mais cedo.

E assim terminou a última função da senhora Sant'Ana do arco. E o arco foi demolido daí a pouco tempo para minha eterna saudade e de todos os amadores e veneradores de arcos antigos e de semelhantes preciosidades.

Fora fatídica, fora fatal ao bendito arco a agourenta queda de José U!

CAPÍTULO II

A CONVERSA DAS VIZINHAS

Pois bons quinhentos anos antes deste fatal acontecimento, fora esse arco de Sant'Ana testemunha e próprio lugar de cena, da interessantíssima história que vou relatar, e que extraí, com escrupulosa fidelidade, do precioso manuscrito achado na livraria reservada do reverendo Prior dos Grilos, a quem Deus perdoe não ter deixado na sua cela, quando fugiu, nem uma caixa de doce, nem uma garrafa de vinho potável, nem gulosice de nenhuma espécie, das que eram de esperar naquele devoto aposento, e que bem contávamos achar nele os pobres estudantes quando ali chegamos mortos de sede e de cansaço. Por mim, bem contente fiquei com esta única parte do espólio que me coube, e — salvo o doce, que a esse não perdoava eu — não tomaria outra, apesar da legislação e prática então vigente, e que não sei se ainda hoje vige e viça, mas conheço muita gente que viçou, floreceu e frutificou por ela e com ela. — Vamos adiante! Eu, se por leis de guerra, não estou em boa posse do que assim houve e hoje dou por meu na presente crônica, sincera e publicamente me acuso, e farei plena restituição a quem competir. Não é costume entre os nossos irmãos escrevedores de histórias, contos e semelhantes; mas não importa.

Seriam dez horas da noite, horas mortas para aquelas boas eras em que nossos temporãos avoengos jantavam de dia às dez para as onze, e ceavam quase com dia, ao por do sol. A noite era de luar, mas o estreito da rua e a proximidade das muralhas da cidade, que então corriam pouco além daquelas imediações, mal deixavam penetrar um baço reflexo de seu clarão pela obscuridade permanente. Apenas a alâmpada do arco dava tênue e raro vislumbre de claridade, tão frouxo e túbio que mal indicava o sítio em que jazia, mas em que nada quebrava as trevas circunstantes. Era a estar horas e neste lugar, que de uma gelosia à esquerda do arco surdiu uma voz baixa e como de quem teme e deseja ao mesmo tempo que a ouçam. Dizia a voz:

— Aninhas, mana, Aninhas!... — Menina, mana, ouves? Sou eu: ouves?

Cada uma dessas palavras era dita com grandes intervalos uma da outra, e crescendo progressivamente de tem, por modo que a última já se devia de ouvir sem dificuldade em pequena distância. Mas, se alguém ouviu, ninguém respondeu. Seguiu-se um bom minuto de silêncio.

Logo, da mesma gelosia donde pareceu sair a voz, saiu também uma mãozinha delicada e alva que, de tão alva, resplandeceu com a pequena luz da alâmpada que toda refletia sobre ela. A mãozinha bateu mansinho nos vidros do arco, repetindo outra vez:

— Aninhas, psi! Ouves?

Não tardou a escutar-se o pé ante pé de quem acudia àquele chamado; foi um vulto escuro e, ao parecer, feminino, que, pelo postigo que da casa fronteira abria para o interior do arco, entrou daquele modo cauteloso e sorrateiro. Encaminhou-se até ao extremo canto oposto, onde o arco pegava com as casas da esquerda, e resvés com a janela donde surdira a primeira voz.

Sentiu-se então algum rumor debaixo do arco, e um murmurar de voz masculina que dizia:

— Bem digo eu que a moça é um anjo! É a santa que lhe vem falar: querem ver?

— Mana, mana! Exclamou de cima do arco o vulto que aí tinha aparecido: não ouviste uma voz de homem aqui por baixo?

— Não. E, daqui onde eu estou, até lhe veria a sombra, se aí estivesse alguém. Não tenhas medo: toda a vizinhança dorme já; e, a não ser o bispo ou Pêro Cão, não creio que ninguém mais vele em toda a cidade.

— Logo te lembraram esses fariseus... Que a virgem Maria os confunda, mais a senhora Sant'Ana!

— Amém! E justiça Del-rei D. Pedro que sobre eles caia!

— Ai Gertrudinhas! Que se Deus e seus santos me não valem, não sei que será de mim. Justiça Del-rei D. Pedro, dizes tu. E donde há de ela vir a esta terra, onde nem rei nem povo nunca puderam nada contra seus tiranos e opressores?... El-rei, filha, tão longe, e tão fora de eu nunca o poder ver... E os meus inimigos tão poderosos e tão perto... El-rei D. Pedro! O caso que eles fazem dele, e o que lha eles importa com sua justiça e suas leis! Eles sim!... Que nesta cidade mais reis são eles que nenhum rei: dizem os traidores; e dizem-no e fazem-no; e que outro rei

farão, em vez dele, se lhe não catar seus privilégios como já fizeram ao bisavô que se chamava...

— Ao irmão de seu bisavô, queres dizer; el-rei D. Sancho.

— Pois sim, será; que disse nada sei, nem sou lida e sabida como tu... Também não tenho tio físico que traz anel no dedo e gualdrapa na mula, e anda atrás de *el-rei cos alforjes* cheios de drogas. Cá eu, sou a pobre mulher de um ourives, que não sei senão governar a minha casa, deitar as minhas teias...

— E ser o exemplo das mulheres honradas. Que assim foram todas, e já estes clérigos de má morte, mais estes frades trapaceiros não fariam o que fazem.

A resposta de Gertrudes produziu o seu efeito, abrandando o tom picado que visivelmente transparecia na fala antecedente da que, já agora claro se vê, era a sua íntima amiga, a boa Ana, Anicas, ou Aninhas, como ela, pelo engraçado diminutivo minhoto, lhe chamava.

Tornou-lhe a sincera Ana com a primeira suavidade e mavioso acento:

— Minha querida Gertrudinhas, olha que to digo hoje aqui, na presença da senhora Sant'Ana que nos ouve... E eu que lhe acendo todos os dias a sua alâmpada, que é legado de meu pai, que bem dito o deixou no seu testamento, “que antes faltasse o unto no caldo de sua filha única, do que o azeite na alâmpada do arco da Santa”. E assim vê lá se eu lha acenderei todos os dias ou não! E quando estou doente é meu marido... Coitado! O que será feito dele? Quem no mandou ir lá para Lisboa, a troco de arrecadar essas dívidas que Deus sabe se ele nunca as haverá? Mas para lá foi, e por lá anda; e, com mal um ano da casada, eu cá fiquei só, com o meu Fernando, que já diz “Pai”, a pobre criança!... Mas nunca o pai lho ouviu dizer, nem Deus sabe se ouvirá! Diz-me cá uma coisa negra no coração que não...

E as lágrimas, fio a fio, a correr pelas faces da pobre noiva, que mais interessante e linda a faziam.

E deve de saber o leitor que ela era linda, como eu seguramente creio, e em poucas linhas se verá por quê.

As lágrimas porém da boa Ana, com serem mui sentidas e sinceras, não lhe interromperam o discurso nem por meio segundo; continuou logo:

— Sim, sim; e bem no digo eu. Tenho coisa cá dentro que me agoura grande mal a mim e aos meus: e não me vem senão daquele bispo, que é a perdição e ruína desta cidade, ele e os seus cônegos e os seus portageiros e os seus archeiros e toda essa gente da Sé.

— E mete na conta o reverendo padre Fr. João da Arrifana, que é boa peça. Mas não há de ser assim, Aninhas, que Deus nos há de acudir, e a justiça Del-rei D. Pedro.

— E donde há de ela vir, menina? Não sabes que desde o interdito grande e das excomunhões que houve nesta terra por causa do alvoroço do povo contra a tirania do bispo D. Pedro, e que depois se acordou tudo com el-rei e o papa, nunca mais as justiças Del-rei se quiseram meter com a nossa terra, nem catar-nos foros, nem ser por nós, e nos deixaram à mercê do bispo e da sua gente? Como há de el-rei D. Pedro agora?...

— Sei tudo isso, sei; mas olha que há de vir quando eles menos o esperarem, com aquela espada na sua real mão, que Deus temperou para destruição de tiranos e avexadores do povo.

— Que cedo faça Deus esse milagre, Gertrudinhas. Senão, mal estou; que ainda hoje aqui veio o almudeiro do bispo, aquele esconjurado leva-e-traz, que de manhã rouba o povo na casinha da portagem e de tarde faz o ofício do demônio tentador, a desinquietar quanto rapariga e mulher honesta tem o Porto...

— Para serviço e aumento da igreja de Deus!... Dizem eles.

— Não, filha, quem tal bispo nos deu... Também!

— Foi el-rei defunto que cá o pôs. No fim da sua vida faziam dele quanto queriam, principalmente frades e clérigos e gente de guerra, a quem parece que Deus deu este reino por seu... Deus não, que é pecado tal dizer: deu-lho o demo por nossas culpas. Mas que te disse o almudeiro?

— Esconjurado seja ele! Veio com os mesmos recados do costume: “Que tivesse eu mais juízo e prudência; que fosse onde me diziam, ou desse hora em que o bispo cá viesse; que não escorraçasse a fortuna que à porta me batia... Que meu marido, se eu teimasse, nunca mais o veria; que nas covas dos paços da Sé mo haviam de enterrar vivo, donde sol nem lua veria, e pão e água comeria como um forçado das galés Del-rei”. E trazia-me presentes de ricas pedras e de ouro fino que me lançou no regaço, e teimou tanto até que...

— Até o que, menina?...

— Que lhas arremessei à cara com quanta força tinha. E bem arranhada lhe ficou: inda bem!

— Inda bem, querida Aninhas! E o ladrão do almudeiro?...

— Fez-se negro de raiva com o insulto; e, sem dizer palavra, começou a ajuntar o que estava pelo chão, pérolas, ouro... Jóias bem lindas eram elas! E meteu tudo nos golpes de saio, e foi-se sem mais Deus te salve do que um sumido Tu mo pagarás, que ia rosnando pela escada abaixo.

— Tens razão para ter medo, filha; agora o vejo eu: mas ainda lhe havemos de dar remédio.

— Quem?

— Eu... Nós, se Deus quiser; nós e a nossa boa fortuna.

— Nós! Tu com dezesseis anos e eu com vinte, teu tio na corte, meu marido em Lisboa, que havemos nós de fazer, mulheres, sós e sem ninguém?

— Sem ninguém!

— Sem ninguém não, que aqui tenho a minha madrinha e padroeira, a minha senhora Sant’Ana.

— E eu o meu Vasco, que há de fazer o milagre sem ser santo.

— O teu Vasco! Que se há de ele atrever contra o bispo cujo é?

— Do bispo ele como eu sou do mouro de Granada. É estudante, mas não quer ser clérigo; e, em tendo idade que lhe não possa pegar o tio, há de ir para Salamanca.

— As covas de Salamanca! Apelo eu, filha! Bruxo queres o moço?

— Bruxo! Que bruxo é meu tio, que tantos anos lá esteve, e saiu curando de toda a moléstia e enfermidade com suas drogas e mezinhas? Que por isso anda na corte com el-rei D. Pedro que Deus guarde, e nunca d’ao pé de si fora o quer, que outro físico o não trata!

— E que há de fazer o teu Vasco no meu apertado caso?

— Há de partir logo para onde está el-rei D. Pedro, e dar-lhe de tudo parte, que nos valha com a sua justiça, e venha açoitar este malvado bispo, e enforcar os seus cônegos, os seus frades e portageiros.

— Bem simples sou eu; mas não sou tão simples como tu, Gertrudes. Com que el-rei D. Pedro há de atender a duas pobres raparigas, e sobretudo a uma do povo como eu, para castigar fidalgos e senhores que todo lo podem, e sempre, desde que há sempre, fizeram o que quiseram? E clérigos então! Se eu tal via na nossa terra, dizia que andava o mundo às avessas.

— Pois hás de ver, hás de ver! — replicou a entusiasta Gertrudes, com um acento que nem a mais exaltada malhada ou setembrista dos nossos dias saberia imitar — com uma firmeza e confiança que a fariam admitir sem mais provas na república de... Em qualquer das repúblicas com que nos mimoseia de vez em quando a polícia para maior glória sua e descanso nosso.

— Hás de ver — disse ela, — e antes de muito; que ainda há Deus no céu, e justiça na terra; nem há de clamar em vão tanto sangue que brada desses patíbulos, tanto suspiro que sobe à presença divina desses calabouços, tanta lágrima que se chora por essa terra com as violências e maldades dos nossos algozes. Hás de ver el-rei D. Pedro nesta cidade, e os malvados a tremer e a fugir diante dele; mas sem lhes valer fugir, que os há de alcançar a espada de sua justiça.

— São capazes de lhe resistir, filha, de lhe negar a obediência que lhe devem, de se alevantar contra ele, e desnegá-lo de seu rei e senhor que é.

— São, são; e de o excomungar também, e apelida-lo de herege ou mouro. Mas tanto pior para eles que mais cru será Pedro Cru com quem assim o ofender.

— Mas dizem que é tão brando e generoso, tão fácil de perdoar a traidores!

— É sim, é; mas quem perdoa também cansa; e ele já tem cansado muitas vezes, nem há de esperar agora para mais cansar.

— Deus te ouvira, querida Gertrudes; que eu muito medo tenho de ir parar às covas dos paços do bispo, e nunca mais...

— Não hás de, não. E agora vai-te deitar Aninhas, que é tarde. Amanhã saberás boas novas, e que não dormi no teu caso.

— Adeus, Gertrudes, adeus, querida vizinha! Deus te pague as consolações que me dás: que já tinha morrido de puro desalento sem ti, ou algum mau anjo me tentaria a perder-me... Mas isso não! Isso nem sem ti. Adeus!

— Adeus!

E, pelo mesmo modo e caminho por que viera, se retirou a sincera Aninhas para o interior de sua casa.

Gertrudes, apenas a viu entrar, tirou um lenço branco e acenou com ele para debaixo do arco.

CAPÍTULO III

O SENHOR ESTUDANTE

— Gertrudes! — disse uma voz de homem, mal reluziu nas trevas o lenço da linda entusiasta.

— Vasco! — lhe responderam da gelosia.

— Dorme teu pai? Temos ainda um instante para falar?

— temos; e precisamos muito. Ouviste a minha conversa com Aninhas?

— Ouvi.

— Pois vai-te; e corre a bom correr. Não comas nem bebas, nem tua cabeça descanses, até chegares a el-rei D. Pedro e lhe dizeres o aperto em que estamos. Fala com meu tio: por ele entrarás logo a el-rei. E vai-te, que nem mais uma fala te quero ouvir.

— Gertrudes, Gertrudinhas, pois assim com esse desapego e desamor! Há três dias que te não vejo, e há boas três horas que aqui estou ao relento a esperar que essa interminável conferência acabasse...

— E nunca mais me verás se já, já não partes.

— Vou, vou; e custe o que custar, morra eu na empresa, que lá diz a copla:

*Morrer por mi dama,
Morrer, morrerei;
Que viver sem ela
Eu viver não sei.*

— Boa escolheste a hora para versos e coplas, estudante!

— *Estudante, estudante,*

*Que ponte á aquela?
Minha dama bela
Por ela
Passeia;
E eu, longe dela,
Me estou mofinando
Nestes livros velhos,
Velhos, relhos.
Que os leiam francelhos,
Trebelhos;
Não eu que morro, que me estou finando,
Finando!
Finando e matando
Por quem de meu mal, meu mal vai zombando.*

— Ora acabaste de cantar? (à parte) E que linda voz que ele tem! (alto) Em má hora acabaste! Pois vai já e corre.

— Corro, corro; assim não corresse comigo a pena de te ver cada dia mais ingrata e desabrida.

— Requebros? Boa estou para tal!

— Não estás não. A quem o dizes?... O diacho é a moça. Não há senão obedecer-lhe...

Foi rosnando, e foi subindo a rua acima, andando e olhando para trás, até que sentiu fechar-se a gelosia. Parou, afirmou-se, e dizendo — “Foi-se deveras” — começou a caminhar mais depressa.

— O diacho é a moça! — continuou depois o nosso estudante, como quem atava, em solilóquio, o diálogo interrompido. — Com aquela carinha de alfenim, aquela figurinha de alcorce, tem uma alma, um coração naquele peito, que se fosse mister de uma Judite... Mas cabeças de bispos não se cortam como as de capitães e

generais de exércitos. E então sua Reverência que toma umas cautelas, expõe tais vigias em seus paços namorados, que se a metade tivera o pobre lapuz de Holofernes, nunca judia o mandava em pecado mortal para o outro mundo. Mas deixemo-nos de graças, e vamos ao que é sério. Em boa estou eu metido. Se D. Pedro não é o homem que dizem, a troco de uma moça de mais, cedo me vejo com uma cabeça de menos. *Quid nunc*, Sr. Estudante? Uma moça de mais, disse eu!... Gertrudes não é das que se contam assim num rol de fieira em que muita gente entra. Se há filha de Eva por quem descende de Adão deva arriscar a vida, é a minha Gertrudes. E o ódio que eu tenho àquele maroto de Pêro Cão, e àquele hipócrita daquele bispo!... Estou resolvido. A eles.

*E com esta folha
Por minha dama lo juro,
Que não fica mouro vivo
Nem alcaide nesse muro.*

— Mude mouro em bispo, e fica certa a copla por mais que me digam.

Dizendo isto, e tirando meia espada, como para ver se a tinha pronta e corredia na bainha, foi apressando o passo, no trepar em que ia pelas empinadas ruas daquele íngreme bairro, que a essa hora ainda estavam solitárias e quedas como o resto da cidade.

Deixa-lo seguir o seu caminho; não nos metamos a adivinhar o que se ia revolvendo em seu pensamento em que tão opostas idéias combatiam... Ele estudante, ele valido e protegido do bispo, seu senhor... Ele namorado, ele querido de Gertrudinhas sua dama!... Deixa-lo, deixa-lo e transportemo-nos nós, amigo leitor, para mui diverso, posto que não mui apartado lugar. Façamos, com a rapidez com que em um teatro britânico se faz, a nossa mutação de cena; e deixar gemer as unidades de Aristóteles, que ninguém desta vez lhe acode.

Vamos, daqui da beira do rio, donde te estou escrevendo, leitor benévolo, vamos pelas congostas acima, nome que (em parêntesis seja dito) bem pouco tem de poético e romântico. Passemos o venerável são Crispim, que tão solenemente desmentiu o dito do pagão Horácio — *ne suttor ultra crepidam* - , e encomendando-nos de passagem à sua benta e milagrosa sovela, deixando à direita as hortas em que séculos depois se abriu a bela rua nova de São João — tornemos a passar pelo nosso primeiro lugar de cena, saudemos, de memória, a devota alâmpada que ardia no milagroso arco, e tomemos Banharia acima.

Cá estamos junto á veneranda estátua do velho Porto que, rodeado de assopradas tripas, olha, como de próprio trono, para sobre os domínios de sua jurisdição. Não tinha ainda, naquele tempo, iconoclástica brocha ousado assarapantar de vulgar e rabujenta oca, nem arrebricar de crasso vermelhão aquele primor do cinzel portuense, que então resplandecia em toda a nitidez do primitivo granito. Cometamos pois o desculpável anacronismo, se o é, de saudar o respeitável emblema da nossa ilustre cidade, e vamos direitinhos, sem mais cumprimento nem mesura, aos paços da Sé, ou paços do bispo, como hoje se diz e talvez então se dissesse já. Creio que dizia. O precioso manuscrito donde tiro esta verdadeira história lê “paços do bispo”: na sua fé vá como ele quer.

E bem pudera eu agora, amigo leitor, fazer-te aqui pomposa resenha dos pergaminhos que revolvi no cartório da nossa câmara, do censual do cabido cuja letra quadrada soletrei, e dar-te mil outras provas de fácil erudição com que te secaria de morte, sem nenhum proveito meu nem teu, e o que mais é, da nossa

história. Contenta-te pois, assim como eu me contento, com a autoridade irrefragável do nosso manuscrito. E que se livre alguém de o atacar, por que já temos apalavradas para uma tremenda defesa as eruditas colunas de três jornais literários que ninguém lê, e de outros tantos jornais políticos que todos lêem — quando lhes faz conta.

Que não era o paço do bispo do Porto no tempo de el-rei D. Pedro em que isto se passa, o que hoje é no tempo do duque D. Pedro em que se conta, já o leitor está esperando ouvir. E mais esperará ele decerto, que é uma descrição, em todas as regras d'arte, do palácio como ele era, com uma sapiente dissertação sobre os diversos gêneros de arquitetura gótica, a algum dos quais forçosamente havia de pertencer — que é gótico por força todo o palácio de romance ou novela antiga — inda que o construíssem os Abencerrages de Granada ou el-rei a Almansor de Vila-Nova. Mais em questão incidente sobre o florido e o misto, e o canelado das colunas, o lavrado dos capitéis, e outras coisas de igual interesse e aproveitamento...

Mas frustrada, por não dizer desapontada, já que tanto mo criticam, ficará a esperança do amável leitor; porque eu, sem reparar na arquitetura do paço episcopal, vou entrando por ele dentro, tão sem cerimônia e com tanta pressa como por ele fora saiu o outro dia o pobre bispo João, a quem saudades dos seus livros matarão decerto... Coitado do pobre velho! E coitados dos pobres livros!...

Contentando-me pois de dizer que a residência pontifical da Sede portuguesa ainda conservava importantes restos da antiga fortaleza sueva que já fora, e que bem lhe cumpria aos bispos manter pelo estado de guerra em que há tantos anos andavam com o povo da sua boa cidade, subamos a escada, entremos na sala vaga ou sala dos homens d'armas... E espreitemos àquela porta donde se ouve um rumor de vozes abafado e indistinto.

CAPÍTULO IV

OS PAÇOS DO BISPO

A porta é no fim da câmara, uma tremenda porta de castanho já quase negro e defumado, toda repregada de cravos de ferro de cabeça pontiaguda, que a ouriçam como de espinhos, e lhe dão um aspecto melancólico e terrível. E mais terrível a faz ainda a atlética figura de um homem de armas, que a está guardando de morrião na cabeça, e na mão a meia lança que diziam ascuma ou azevã: valha a verdade!

Por sobre uns bancos rudemente lavrados de escultura sueva, ou mais bárbara ainda, se é possível conceber coisa mais bárbara, jazem meio dormidos, meio sopitos da pesada fadiga da ociosidade, os beneméritos defensores do trono e do altar... Desse tempo — que são os mesmos de agora — as saias pretas do prête ou padre, e os vermelhos saios do saião-soldado. Mais, um ou dois frades garraios cuja pouca importância os não deixava passar da antecâmara episcopal, e cuja estada ali denotava o que hoje denota a presença de uma ordenança em qualquer antecâmara ou portão; isto é, que se acha dentro a importante personagem a quem está de ordens.

Rumor de passos à entrada... Quem será? É o nosso próprio estudante de inda agora. Por aqui ele a estas horas! Vejamos o que faz.

De uma vista de olhos, Vasco percorreu todo o largo aposento; e, como quem trilhava sítios conhecidos e costumados, foi direito à formidável porta do topo da sala.

— Boas noites vos dê Deus, Rui Vaz! — disse Vasco ao homem d'armas, que, por esta saudação e pelo ar familiar com que ela foi recebida, mostrava ser conhecido velho.

— Bem vindo sejais, Sr. Vasco... E mais devia de dizer D. Vasco; mas não tarda que vem.

— Com essas coisas vindes sempre, Rui. E, por minha vida que não entendo vossos meios dizeres e palavras surdas! Não falareis claro um dia, homem?

— Assim Deus fale à minha alma como eu falarei claro e alto, e boa verdade, em havendo quem me solte a língua. Mas por ora está mais seca e perra que essa negra porta.

Dizendo isso, apontou com um gesto significativo para a tremenda *janua inferi* a que estava de guarda, benzeu-se, e continuou:

— Mas não nos ouçam eles, Sr. Vasco! Estas não são paredes para se lhes contarem segredos. Vindes cedo hoje.

— Cedo demais sempre eu venho. Quem está cá?

— Quem há de estar? Vosso tio Frei João, os outros amigos, e aquele grande cachorro de Pêro Cão: os do costume, os do costume.

— Posso entrar? Não há ordem nenhuma de novo?

— Nenhuma.

— Então adeus, Rui Vaz, que tenho pressa: vou-me lá dentro.

— Olhai, Vasco, mancebo; quereis um conselho? Sabeis que sou vosso amigo deveras, que vos tendes sempre dado bem com os meus avisos... Tomai o que ora vos dou: não vades lá dentro.

— Por quê?

— Porque...

E deitando a mão ao estudante, chegou-o ao pé de si o archeiro; e ao ouvido, abaixando a voz, continuou:

— Porque se faz hoje ali alguma maldade muito grande... Adivinha-mo o coração, leio-lho nas caras, que andam com um sorriso diabólico... E tão aforismados todos! Alguma traça infernal andam tecendo.

— Bem sei que andam; e por isso cá venho.

— Vós!

— Eu... Para lha desfazer.

— Criança!

— Nem tão criança que... Adeus, Rui Vaz: até logo, que já volto.

E não esperou mais; e, deixando o bom do homem d'armas à sua porta grande, foi-se, como quem sabia os cantos da casa, a uma portinha pequena que estava meia encoberta a um lado, e que mal distinguiria da parede quem não estivesse na posse e uso das *petites entrées* do paço episcopal.

CAPÍTULO V

VASCO

Vasco tinha os seus dezenove anos, e há cinco que estava no Porto — para cônego dizia o tio em cujo poder estava — para ir depois a Salamanca e ser físico, dizia ele. O seu grande desejo, as suas aspirações de glória eram vir a ser o sucessor daquele tipo, como ele o cria, de toda a ciência humana, Mestre Simão, o físico Del-rei.

A sotaina de Mestre Simão, as gualdrapas da mula de Mestre Simão... E a sobrinha de Mestre Simão, a bela e espirituosa Gertrudinhas, eram todos os seus enlevos.

— Se eu chego a levar com a borla amarela, — dizia ele nos seus sonhos de ambição — estou um homem estabelecido, caso com Gertrudinhas; toma-me o tio para seu ajudante, deito logo mula com gualdrapa, ando atrás Del-rei, porque ando atrás de Mestre Simão... E todos a perguntar logo: Quem é este físico tão moço que vai no cortejo Del-rei? — É Mestre Vasco, o sobrinho de Mestre Simão que casou com a bela Gertrudinhas do arco de Sant'Ana...

Ora o tio — não este tio futuro, porém o tio presente — deitava-lhe outras contas muito diversas: queria-o ordenado, e cônego prebendado da santa Sé episcopal do Porto: e tinha suas boas razões o tio.

Era este não menor pessoa e personagem que Fr. João da Arrifana, um franciscano gordo, espadaúdo, pessoa de grande autoridade e influência na ordem, e fora da ordem, não por suas letras, que eram gordas como ele, mas por tretas, que tais as tinha e tantas que os cronistas modernos da Seráfica lhe chamam o Passarola do século XIV.

Era além disso Fr. João da Arrifana... Mas não cansemos o pincel a retratar nem este nem os outros importantes caracteres da nossa história: deixemo-los daguerreotiparem-se aos olhos mesmos do leitor, e à luz de seus próprios ditos e gestos, segundo lhos vamos contando.

Do nosso estudante falemos um pouco mais. Estudante era ele; e quem dizia estudante naquelas eras, quase que dizia clérigo, que andava pelo mesmo. O seu trajar era meio da igreja, meio de secular, e participava da natureza indecisa ainda de sua profissão. Mais forte em esgrimir, em manejar a besta, em andar à gineta e em todos os exercícios de cavaleiro, não lhe faltava todavia certa instrução, nem desaproveitara inteiramente o tempo que assaz constrangido — confessemos a verdade — tinha dado e continuava a dar à escola de Paio Guterres, o arcediogo de Oliveira, famoso escolar daqueles tempos, cujo valido era o diabrete do rapaz, apesar de sua pouca e intermitente aplicação.

Digo intermitente, porque tinha semanas inteiras de ser o melhor estudante e o mais aplicado de quantos entravam nos claustros da Sé, e ora queria ser físico e ser doutor, ora ser cônego e até ser papa, se possível fosse. Mas de repente dava-lhe a veneta e jurava por São Barrabás que ou havia de ganhar as esporas de ouro e o cinto de cavaleiro, ou então queria antes ser homem de ofício, burguês pançudo e massudo — que assim melhor o deixariam casar com Gertrudinhas, que, no fim de contas, era a única idéia fixa ou semifixa de seu móbil espírito.

Como todos os caracteres veementes, em que o sentimento domina muito mais que o pensamento, Vasco não andava senão pelos extremos. A sua ambição

saltava em ziguezague das dintções aristocráticas para a ilustração literária, daí para a popularidade; e tão depressa aspirava a ser conde ou rico-homem, bispo, físico ou doutor, como a erguer-se em caudilho das turbas, tribuno de comunais, e a abater com a foice revolucionária todas essas mesmas preeminências que mais o seduziam.

Neste ponto da nossa história a mania dominante era, como disse, a de ser físico, e obter assim a mão de Gertrudinhas. Mas Gertrudinhas era sobretudo patriota, partidária Del-rei D. Pedro, inimiga portanto do bispo; e o pobre Vasco, o melhor coração de rapaz que jamais se viu entalado em tais apertos, era todo ele homem do bispo, seu dependente e seu protegido.

Andava aflito o bom do mancebo, coitado!

Diziam que em seus apuros e dificuldades ele tinha sempre valedor seguro em não sei que misteriosa proteção que sob diferentes formas lhe aparecia. O que quer que era, era da outra banda do rio, nos tortuosos becos de Gaia que ele o ia buscar.

Mas quem, mas como, mas o que era?

Sigamos por agora ao interior dos paços episcopais, por onde ele se sumiu.

CAPÍTULO VI

PALESTRA DE MORAL

Disse que o nosso estudante se sumira da antecâmara do bispo por uma portinha escusa; mas não disse ainda onde essa portinha ia ter. Vamos a isso. Entrou Vasco pela dita porta, fechou-a cautelosamente, e foi, em pés de lã, por um corredor estreito e escuro, andando sem apalpar, como homem que o conhecia de há muito, e parou ao pé de outra porta de donde se ouviam distintamente vozes claras e como de quem ou não resguardava o segredo, ou estava seguro de não ser ouvido.

Dizia uma delas:

— Assim nos ajude nosso seráfico padre, e a abundância da colheita nas comarcas do Sul de ânimo à caridade dos fiéis, para nos chegar ao convento alguma coisa melhor que este vinho verde que por cá temos, e que, a dizer a verdade, nem a minha goela franciscana pode com ele...

— E que dizeis a este, meu padre?

E sentiu-se um som como de vinho que se emborca do pichel no copo.

— Deste rara vez se bebe nos tinelos dos bispos, que são prelados seculares e príncipes da igreja... Quanto mais no refeitório de pobres frades! Mas, dizia eu que assim me acudisse aquela benção do céu, como é verdade o que vos contava, meu santo e generoso prelado. El-rei saiu de Coimbra há dois dias e vem caminho do Porto.

— Sabemos o contrário, venerável irmão, por cartas que de lá nos mandaram ainda hoje: el-rei saiu a montear, tomou o caminho do campo, e não virá por agora à nossa boa cidade. Mas que viesse... Pouco se me dava.

— Inda assim!

— Pouco se me dava por ele e pelo seu poder. Tão senhor sou em meu feudo como ele em seu reino. Mas verdade seja, melhor é que se deixe estar lá. É assaz mexeriqueiro o nosso senhor e rei e intrometido em vidas alheias... E este rapaz, este Vasco dá-me que entender. Não sei o que ele traz na cabeça; mas boa coisa não é. Já não folga nem brinca tanto, nem quer ir ao monte, nem me estafa quantos cavalos tenho, como dantes fazia... Esta maldita bruxa de Gaia... Se ela lhe terá dito? Mas é impossível. Bem mal fiz não a queimar numa boa fogueira...

— Vós, senhor, faríeis queimar a bruxa de Gaia?

— E por que não? Se não fora aquele excomungado de Paio Guterres... Mas tenho medo dele, confesso. Se foi o hipócrita quem me perdeu o rapaz? Ah! Que se tal venho a crer...

— Vasco não sabe nada, senhor: descansai e deixai o mancebo comigo.

— Sois o meu braço direito, Fr. João. O esquerdo é este gentil pagem, meu almudeiro. Olá, Pêro Cão, está tudo pronto, homem? Fiel e zeloso rafeiro, entra esta noite no redil a ovelha bravia e alfeira que recusa nossos pastorais afagos e cuidados?

— Tudo está pronto, meu senhor: e vão sendo horas.

— Então, primeiro a obrigação que a devoção.

Ouviu-se rumor e tropeada, como de umas poucas de pessoas que ao mesmo tempo se levantam e põem em movimento. Vasco não esperou mais; provavelmente tinha escutado quanto queria: bateu três pancadas à porta por certo modo misterioso que parecia de sinal dado. Imediatamente cessou o reboliço, e uma voz sobressaltada exclamou:

— Oh! É Vasco.

E abriu-se a porta. Vasco entrou.

— Seja bem-vindo o Sr. Estudante! Já cuidava que o não veríamos hoje. Faz-se desejado nesta casa o nosso futuro cônego.

E caminhou para ele o bispo, que assim dizia, com uma expressão de contentamento em todo o rosto, que bem mostrava a particular afeição que lhe tinha. Vasco, segundo usam de fazer rapazes estragados do mimo, deu pouca atenção àquelas demonstrações; e, sem responder à alta personagem eclesiástica que assim se dignava festeja-lo, nem fazer caso dos que o rodeavam, chegando-se à mesa:

— Oh! A ceia foi esplêndida hoje. Se estarão quentes ainda, que se comam, estes pastéis?

E sentou-se, sem mais cerimônia, em uma das ponderosas cadeiras que estavam à roda da mesa; e começou a tasquinhar naquelas preciosas tortas e covilhetes de picado que ainda hoje são a glória dos pasteleiros da “cidade eterna”, e cuja veneranda origem, por esta mui verídica história se vem agora a descobrir, foi nada menos que de invenção episcopal.

Bem o desconfiava eu: que tão bom bocado — e realmente é uma das melhores e mais saborosas gulosinas que nesta boa terra de Portugal se comem! —

devia de ter sido inventada pela sapiência culinária de algum grande homem dos bons tempos da monarquia.

Aqui se hão de rir decerto os nossos estrangeirados, estes viajantes do Palais Royal que diante das vidraças de Mme. Chevet estiveram embasbacados a papar moscas, jurando que não havia mais Índia que aquela... mas, feito o juramento, iam jantar por vinte soldos um arlequim requentado de segunda mão...

Pois saibam, meus desdenhosos e elegantes senhores, que eu já comi jantares feitos por M. Pigeon, o Paracelso de Restauração, que, por sua maravilhosa alquimia, dominou bons seis anos o mundo, de entre os fogões de M. De Villele. Tive sem, a honra de adorar no seu ocaso essa estrela flamejante da gastronomia e da política: admirei o novo Watel, maior e melhor diplomático do que o antigo... E todavia não estive no poder da sua arte fazer-me esquecer os caseiros e modestos pastéis da minha terra...

Está-me parecendo que sou um grande pateta.

Tornemos à nossa história.

O moço comia desenfasiadamente como naquela feliz idade se come; e o bispo, com o riso na boca e nos olhos, o contemplava em grande complacência.

— Abusais um tanto, Vasco — disse um frade gordo e vermelho que não parecia ver a familiaridade do mancebo com a mesma indulgência excessiva: — abusais um tanto, Vasco, das bondades do nosso santo prelado para convosco.

— À vossa saúde, tio Fr. João!

E, com duas gargalaçadas do pichel no copo, o encheu a derramar: daí, empinou o possante vaso a mais de meio, e, dando aquele estalido com a língua no céu da boca, que os ingleses, por mui feliz onomatopéia, chamam *smak*, disse pausadamente o Sr. Estudante:

— Bom vinho! Se o haverá tão maduro e tão cereal em Salamanca?

— Não quero ouvir falar mais em Salamanca — atalhou o bispo de mau humor. — Não irás lá, por minha vida! Que nem eu nem teu tio damos licença. Para um bom e honrado cônego te queremos... que não é para sangrador de mulas e vilões, quem vem do teu sangue.

— Ah! Com que assim venho eu de um sangue que?... E os rapazes do coro aqui na Sé que me motejam de filho das ervas... de um que se não sabe de donde veio! Bem: saibamos pois, quem é a minha grande fidalga pessoa.

O bispo, que visivelmente se deixara levar da paixão a dizer mais do que queria, cuidou em se retirar com melhor ordem do que avançara:

— Bem sabeis que vos sofro muitas demasias, Vasco; e que de mim fazeis quanto quereis... Menos numa coisa será: estais para clérigo, clérigo sereis, e cônego prebendado na nossa santa Sé, com a mercê de Deus. Levareis vida folgada e solta, que felizmente já lá vai o tempo da igreja militante... e ainda bem! Nós os de hoje somos de triunfante. É a vontade de vosso tio Fr. João a quem vossa mãe à hora da morte vos encomendou, Vasco... e é a minha, porque vosso pai foi um nobre senhor de Riba Dão... o maior amigo que nunca tive... lá ficou em Tarifa das lançadas dos mouros... e... e...

— E tudo será assim. Mas, senhor meu tio, e senhor meu bispo, o caso é que eu estou guapamente ceado; e agora, tenho uns mancebos, meus particulares amigos e matalotes, que moram para Val-de-Amores, guapos companheiros que estão à minha espera para irmos de além Douro esperar as rolas bem cedo nos

pinhais... E eu não tenho nem maravedi que levar na bolsa, nem cavalo que me leve a mim. E se não hei de pensar mais em Salamanca, ao menos...

— Pêro Cão, dai três doblas a este mau filho, já que assim o querem não sei que maus feitiços que me ele deu... E disse que lhe aparelhem os estribeiros aquele alazão que me mandou de Cuenca meu venerável irmão. É a mais linda estampa e os mais seguros quatro pés de cavalo que quero que haja em toda a Espanha.

— *Jube, domine, benedicere!* — disse em tom e corda coral, o maganão de Vasco, pondo as mãos e inclinando-se ao prelado com ridícula gravidade, como clérigo em coro antes de ir cantar sua lição.

— Birbante!

— Viva o meu santo prelado! E venha a benção, que já não falta mais nada. E dois trincos para Salamanca e para as suas covas, que não há mais alquimia que esta. Seráfico tio, encomendo-me às vossas penitentes orações. E vós vinde Pêro Cão, que não posso aguardar mais: vamos.

— Que cavalos são aqueles?

Que além ouço relinchar?
Vossos são, dom cavaleiro,
Que se enfadam de esperar.

E com esta cantarola, partiu empurrando diante de si a mal-azada figura de Pêro Cão, o almudeiro do bispo, que também cumulava as duas altas dignidades e carregos de seu mordomo ostensivo e de seu mercúrio secreto.

Pêro Cão ria contrafeito, que não queria bem ao rapaz; mas voltava a desdentada boca para o bispo, para que ele o visse rir... Rir daquele alvar riso mau dos tolos velhacos — que é o mais detestável riso que há na natureza.

Pêro pouco austero prelado, esse ria de gosto e deveras; e seguindo com os olhos o mancebo:

— Dá-lhe rédea ao alazão, rapaz, e não o piques, que é de sangue generoso, não sofre castigo. E espera, Vasco, filho: que te dêem da armaria a melhor besta de garrucha que lá houver... a própria com que eu fui às caçadas Del-rei quando... Mas já o não ouvia o rapaz, que se fora correndo, se bem corra, com Pêro Cão agarrado, e como quem não podia sofrer mais delongas.

— Bem se vê o sangue que tem! Montear e cavalgar é o seu deleite. Havemos de fazer dele um bom cônego... E agora, amigos e fiéis meus, cada qual aa seus cuidados!... Inda bem que o rapaz teve esta vontadinha de se ir ao monte tão a propósito e de feição: escusamos de o ter por aqui nesta conjuntura...

— Parece-me, se me dais liberdade, que o deixais senharear-se demais de vossa afeição, e que lhe não podereis ir à mão quando quiserdes.

— Não tenhais medo; a raça é boa, e há de acudir por quem é. Asperezas, nem ele as suportava nem as podíamos nós ter com ele. Cuidais que é possível fingir com aquela criança? Conhece-nos por dentro e por fora... *Intus et in cute*: creio eu que é o latim da sentença, se ainda bem em lembra do meu pobre latim... Boas noites, reverendo irmão. Amanhã conversaremos mais de espaço.

CAPÍTULO VII

O ALAZÃO

Com suas doblas na algibeira, boas doblas de D. Pedro, que era o melhor e mais leal dinheiro de ouro que nesta terra se cunhou até aos tempos verdadeiramente dourados das dobras e dobrões de D. João V, chegou Vasco às cavalharices episcopais acompanhado do relutante Pêro Cão:

— Onde está, aonde está ele, este querido alazão?

E sem esperar resposta, foi, por entre muares e cavaleares, procurando o apetecido e gabado ginete que lhe tardava de sentir já entre os joelhos a devorar com ele o espaço...

— Ei-lo aqui, ei-lo aqui!... — E deitou-se aos peitos do generoso animal que parecia entender e responder aos afagos do mancebo, relinchando com simpática inteligência, como por esse magnetismo animal que estabelece aquela inexplicável, mas inquestionável correspondência entre as afinidades de duas naturezas semelhantes.

Atrevidos, generosos ambos, atuados ambos pelo vago desejo de se lançar ao incomensurável espaço, imprudentes, desprevenidos, o jovem cavaleiro e o jovem cavalo sentiam que eram feitos um para o outro, que a um e a outro os chamava o palpitante interesse de correr impensadas aventuras.

Selaram, embridaram o cavalo, que os cavaleiros pasmavam de ver tão manso. Vasco ficou de um pulo sobre ele, tão consubstanciadas as duas formas e naturezas como se as duas partes de um antigo centauro, que estivessem divididas, se tornassem a reunir para viverem sua vida natural e primitiva.

Partiram trotando largo e seguro por aqueles despenhadeiros escorregadios e mal calçados que nossos avós, de tão bom contento, tinham a indulgência de chamar ruas.

Vasco tomou pelo arco da Vandoma, onde os Gascos e seu bispo Nonego colocaram a milagrosa imagem da Virgem, proteção e armas de nossa cidade; veio sair ao que hoje é de São Sebastião, e daí outra vez rua de Sant'Ana abaixo. Parou junto desse arco, viu erguer-se logo um postigo de gelosia, e ouviu que lhe diziam em voz baixa mas clara:

— Bem. Correr sempre! Agora nem mais palavra.

E viu um lenço branco que lhe acenava. O lenço deixou-se cair: colheu-o no ar, beijou-o com devoção, e o meteu nas pregas do seio. A gelosia fechou-se, e ele partiu.

Já chegava à porta da cidade, que àquela hora se não abria decerto a qualquer outro: mas a quem vinha dos paços da Sé, montado naquela rica e bem conhecida estampa de cavalo, ao sobrinho do mestre Fr. João de Arrifana, o valido do bispo, quem lhe havia de duvidar de coisa alguma? Abriam-lhe a porta, foram-lhe acordar barqueiros que o passassem de além Douro...

Vasco ficou só na praia, aguardando que viessem passa-lo à outra margem do rio: os pés na areia úmida, os olhos fitos na corrente do Douro que murmurava,

encostado ao seu alazão tão imóvel como ele, e que ambos pareciam meditar. Triste e melancólica era a atitude do nosso estudante tristes e melancólicas as suas meditações. Onde ia ele? Que ia ele fazer? Qual seria o resultado destas perigosas aventuras em que, rindo e folgando, se começara a enredar, de que não podia desprender-se já agora, que o levavam em seu remoinho rápido, irresistível a não sei que abismos que nunca sondara, que nem imaginara — que se lhe abriam tremendamente agora para o tragar talvez, para devorar quem sabe, talvez o que lhe é mais caro, o que mais junto está e deve estar de seu coração?

Este cego amor pela bela Gertrudes, este exaltado entusiasmo pela causa dos comunais, que é a dela — e a dele também — este ódio que tem aos opressores da sua terra, e a oculta voz do coração que ao mesmo tempo lhe clama por aquele mau bispo e mau senhor, que para ele Vasco é todavia a bondade, a indulgência mesma, sempre, sempre, e sem jamais se desmentir!...

Como há de a singeleza de um coração jovem e não calejado ainda pelo trilhar das injustiças do mundo, meter-se a conciliar, a abrigar dentro do mesmo peito afetos e sentimentos tão opostos? Virá o tempo, virão os desenganos, virão as perfídias do amor, as traições da amizade e as brutais lições do egoísmo universal, virão todos e tolherão essa alma, que não será já a imagem do Criador que a formou — senão o disforme e aleijado espírito de mau demônio que a contorceu.

Virão: mas não vieram ainda. Vasco está na sua primeira tortura. Agora o sentaram no potro; inda não começaram bem os algozes o seu ofício...

— Quem é lá? — bradou Vasco a um vulto que se encaminhava para ele dentre umas casinhas térreas junto à muralha.

— Sou eu, Vasco.

— Vós aqui, Rui Vaz! Inda agora vos deixei de sentinela no paço!

— Achei um bom camarada que lá ficasse por mim; e eu vim a toda a pressa para vos encontrar, que não partísseis sem vos eu dizer...

— O que?

— Que bem sei onde ides. Tratado está entre os nossos que fosseis; e lá onde ides achareis novas nossas. Mas, senhor, Vasco, mancebo, não vos ponhais a caminho para Grijó sem falar primeiro com ela.

— Ela! Quem?

— Quem há de ser? A bruxa de Gaia.

— Tal não farei. Tenho jurado que não hei de parar nem repousar sem cumprir o que prometi. A Grijó hei de ir primeiro; depois...

— Depois?... Seja. À volta de Grijó, entrai na capela de são Marcos, e lá encontrareis quem vos diga o que ora não posso eu aqui.

— Será assim, e...

Mas nisto chegaram os barqueiros; Rui Vaz desapareceu como uma sombra, e Vasco entrou com o seu alazão no saveiro que os transportou ao burgo novo.

E tudo listo que levamos contado, e achar-se o nosso estudante nas praias de Vila-Nova, e daí galopando a toda a brida para o alto agora dito da Bandeira, tudo isso foi obra de poucos quartos de hora. Ainda era noite, noite deveras e escura fechada, quando chegava a esse alto hoje tão célebre por nossas sanguinosas lutas civis.

Deixa-lo ir seu caminho, o senhor estudante: caminho que eu fiz tantas vezes, em muito menos generosas cavalgaduras e me mais moderada andadura, quando,

morto de saudades pelo meu pátrio Douro, ia choitando no proverbial macho de arrieiro para as doces margens do Mondego que tento praguejava este ingrato coração, como se em toda a minha vida neste mundo eu houvesse nunca de ter dias mais felizes do que tantos, tantos que ali passei na inocente e descuidada seguridade da vida de estudante.

CAPÍTULO VIII

PARLAMENTO, DISCUSSÃO

Deixemo-lo pois ir o senhor estudante; e voltemos nós com a nossa história ao sítio donde ela começou e aonde está o foco, o interesse todo desta mui verídica narração.

Soavam talvez ainda na rua de Sant'Ana, e por baixo de seu bendito arco, as estridentes patadas do alazão episcopal que tão folgado ia descendo com o leve peso de seu jovem cavaleiro, quando um vulto, dois vultos, depois três, seis — eram já bem doze ou quinze, - começaram a surdir das várias ruas e vielas que ali iam dar: vinham, manso e manso, como ladrões que espreitam ocasião de chegar sem ser vistos, ao prazo dado de sua noturna empresa, que de antemão e com todo o artifício fora traçada.

Vinham tão rebuçados todos em longas capas escuras, que nas espessas trevas da noite era quase impossível distinguir o movimento sorrateiro com que se mexiam. Juntaram-se a pouca distância do arco; e, trocando certo sinal que manifestamente viera pactuado, disse então uma voz:

— Estão todos?

— Todos, Pêro Cão.

— Leva rumor! Aqui não há Pêro nem Paio. Quem traz gazua?

— Eu: e ainda vem quente da lima, por sinal. E mais, escaldei os dedos a forja-la.

— Não te enfades; é a amostra do pano de Belzebu. Melhor to fará ele quando te pingar a consciência, ferreiro de maldição...

— Quando eu para lá for... E não digo que não... À boa companhia em que ando. E às boas bulas que hei de levar da Sé e dos seus paços...

— Não te calarás, excomungado?

— E quem há de excomungar a mim?... Estou vendo que será o nosso bispo. Aqui houve gargalhada geral, que mal se abafava nas capas dos embuçados: tão popular foi a observação que a excitou.

Pêro Cão — já está visto que era ele, e os outros, portageiros e esbirros menores, que eram o resto da infame caterva que ali se reunia — fizeram todos, como por simultâneo impulso, um psiu!... Que foi assoviando surdamente pela rua abaixo. Seguiu-se breve calada.

— Leva rumor agora! — disse Pêro Cão — logo no paço, e depois da fazenda feita, devisaremos dessas coisas todas; e cada um dirá, qual mais e melhor, o que tiver que dizer. Lá está um odre dos que ontem chegaram de dízima, almudado por mim à consciência — bem o heis de crer — para aguçar a língua ao que a tiver mais

romba. Agora vamos ao que temos que fazer, que são horas, e o... o... o pastor está impaciente pela ovelha. Avança, meus rafeiros!

— Pastor, pastor... E quem é lobo então?

— Que te vai a ti se é lobo ou pastor, contanto que te ele pague?

— Isso paga ele como um senhor que é.

— E guapo senhor!

— Lembra-me uma coisa Pêro Cão...

— Já te disse que aqui não há Pêro nem Pelaio.

— Sim, a coisa é arriscada. Quando amanhã se souber em toda a cidade do Porto o vilão feito que esta noite se vai fazer ao pé do arco de Sant'Ana... Estou vendo que há de haver duas opiniões sobre saber quem fez o tal feito. Não há de ser logo uma voz só entre maiores e comunais: Aquilo só Pêro Cão, só o danado de Pêro Cão.

— Pela Senhora da Silva, que é maior santa e está em mais alto lugar do que esta Sant'Ana — com quem agora não quero nada pela má vizinhança que lhe vamos fazer!... E por quantos santos de vulto e de roca, em osso e em pau, quantos tem a bendita igreja da Sé!... Que esta faca de mato vai pela boca dentro do primeiro que deitar por ela fora o meu nome.

Ninguém tugiou nem mugiu; sabiam que Pêro Cão era homem de palavra... E de obra também.

Mas o rezingueiro. Com quem andava o diálogo que vamos contando, sempre tornou daí a pouco:

— Pois não se fala mais em nome tão melindroso. Não quero ter que descoser com a tua faca de mato... Nem tu quererás... Nem tu hás de ter muita vontade também de afazer conhecimento com esta choupa, que é forjada, temperada e amolada por minha mão... E não nas costume fazer das que torcem o fio no melhor peito d'armas de Milão, ou búfalo pespontado de Veneza... Vá! Deixemos isso. O que eu queria saber era: se quando nós, bons populares, que em má hora leve Belzebu como se fôramos fidalgos!... Quando nós, desastrados populares, vendemos a nossa alma a teu senhor... E ao diabo, que tudo foi no mesmo escrito, e ambos lá o tem para nos fazerem pagar cada um a seu tempo... Quero eu saber se quando assim lhes vendemos a alma para apoquentarmos e roubarmos o povo nas casinhas da portagem, se também ficamos obrigados a andar, por noite velha, pelas casas de nosso parceiros e comunais da mesma terra, a roubar-lhes mulheres e as filhas para serviços do mesmo diabo, ou do mesmo...

— Não batais mais nesse ferro, ferreiro: bem sei onde queres ir ter. Este serviço é de fora parte, e tem seu soldo e comedorias que vão com ele. Não tenhas dúvidas. Compramos-te a alma mais caro do que ela vale. Medo tenho eu que o diabo me não dê quitação por tamanha paga.

O rezingueiro resmungou, disse não sei que meias palavras sobre a sua consciência, sobre a razão que tinham os populares descontentes, e o que devia fazer qualquer burguês e homem honrado que quisesse salvar sua lama e arrepende-se.

Pêro Cão, hábil político e homem quase parlamentar, viu que a discussão se ia tornando séria demais, e podia desmoralizar a maioria. Meteu o caso à bulha com o vulgar ridículo de uma torpe blasfêmia; e, por esta tão sabida e tão imoral estratégia, despegou do sério aquelas almas grosseiras: almas como as há sempre

em todas as categorias da sociedade, capazes de rir e mofar no meio das maiores atrocidades.

Em mui semelhantes discussões, preparatórias de não menores infâmias, outros parlamentos, sem ser o do arco de Sant'Ana do Porto, tem visto levantar-se um truão homem de estado a aconselhar, com vileza e crueldade, os maiores flagícios, dizendo sandios gracejos e torcendo-se em visagens de bobo para fazer rir, nos solenes momentos de angústia pública, outros cúmplices tão grosseiros e vendidos como os de Pêro Cão há quatrocentos anos.

Pêro viu, nos compridos e forçados risos dos nobres colegas a quem falava, que tinha conseguido o seu fim parlamentar; e, aproveitando o momento favorável e supremo, fechou a discussão, resumiu os votos, e disse:

— Vamos a isto, que é tempo de obrar, não de falar. Vós (e separou seis da sua quadrilha) ide por detrás da cassa, não se nos escape daí a ovelha. Nós aqui, calados e quedos como marcos de estrada. Dá cá a chave.

Tomou a chave, embuçou-se mais apertado: e dali a dez ou doze minutos de medonho silêncio, meteu a gazua na porta da casa que pegava com ele da esquerda... A porta abriu-se... E Pêro Cão subiu, com mais dois, pela escada acima, deixando o resto de sentinela e reforço à porta.

CAPÍTULO IX

MOTIM E ASSUADA

Amanheceu o dia seguinte, belo e puro como um dia de abril que era; o toldo de névoa, que a madrugada costuma estender sobre o Douro, tinha levantado mais cedo. Desde o nascer do sol, as mais escuras e tristonhas vielas do Porto se inundavam de claridade. A nossa rua de Sant'Ana não foi das últimas que, em sua estreita e cava sinuosidade, viram penetrar a luz aviventadora daquele dia. Seriam sete horas da manhã: os postigos da gelosia à direita do arco da santa já por vezes se tinham agitado, já os vivos e ardentes olhos da animada Gertrudes foram vistos fixar-se com ansiedade nas janelas ainda fechadas da casa fronteira.

Gertrudes está inquieta, não sabe bem porque: dá-lhe que entender, hoje mais que nunca, o silêncio daquela casa, que todavia não é das mais temporãs a dar sinais de movimento e de vida exterior logo de manhã. Ana bem se ergue cedo, com a aurora, de seu viúvo e desconsolado leito; mas lida muitas horas no interior da casa para satisfazer a seus tantos cuidados domésticos, primeiro que apareça às duas queridas vizinhas que sempre lhe tem valido, a boa santa que a protege e a boa amiga que a conforta.

Mas dão sete, mas dão oito, mas são quase nove horas... E as janelas de Aninhas não se movem. A impaciência, os temores de Gertrudes sobem de ponto... alguma coisa sucedeu... E é preciso saber o que foi.

O honrado Martim Rodrigues, honesto e pançudo caldeireiro da rua de Sant'Ana, pai da nossa Gertrudes, tipo e vera efígie de um abastado burguês desta burguesíssima cidade, saíra, há muito, para as casas do conselho, onde ocupava a primeira cadeira curul como digno juiz da terra que era. Gertrudes está só. A velha dona que, desde que seu pai enviudara, lhe fazia companhia e a ajudava na labutação da casa, saíra para a missa das almas ainda lusco-fusco, e numa série de

missas, jaculatórias, novenas e trezenas que trazia prometidas e em bom caminho andado de satisfazer, se tinha ficado pelas capelas da Sé, onde está São Gonçalo e São Tiago, e a Senhora da Silva, e a Senhora do Ó, com vários outros santos todos de sua particular devoção; com o que, se lhe costumava ir a manhã até às dez horas pelo menos: hora a que ela ainda não começa para a dorminhoca progênie que hoje vive.

Gertrudes não pode esperar mais: desce, a correr, aquelas precipitosas escadas de que ainda há tantos modelos-monstros na nossa boa terra, e vem à lógia onde os oficiais e aprendizes de seu pai martelavam, em sonora dissonância, os arames roxos e amarelos que são a glória e o timbre... timbre que bem retinia!... de mestre Martim Rodrigues.

Gertrudes era a valida, a admiração e o amor de todos os ciclopes da rua de Sant'Ana e da vizinha Banharia. Os de seu pai adoravam-na. Boa, oficiosa para todos, impunha-se-lhes, de mais a mais, por um certo ar de superioridade, e para assim dizer (perdoem-me a aristocracia da frase) de fidalguia natura, que é a mais rara, a mais preciosa e a mais verdadeira, posto que não tenha assentamento na casa nem ande nos livros da mordomia-mor.

Pararam os martelos suspensos no ar, cessou a infernal música dos caldeireiros de mestre Martim, apenas viram as roupas brancas, e a quase mais branca mão de sua linda filha acenar-lhes silêncio.

— Quem viu hoje entrar ou sair alguém da porta aqui defronte? Ninguém sentiu por aí rumor ainda hoje?

— Da porta defronte? Da casa do ourives?

— Sim.

— Ele... hoje... Eu parece-me... A gente não reparou. Mas é verdade... que ainda está tudo fechado.

— Vá já um ver, bata à porta, empurre-a... entre já por força...

Não foi um, foram os marteladores todos. E Gertrudes, à porta da sua lógia, aguardava, em expectativa ansiosa, o resultado da diligência.

Bateram: nada. Martelaram com seus amotinadores martelos: nada.

— Arrombem essa porta! — bradou Gertrudes.

Não foi preciso repetir a ordem: o ferrolho era fraco ou estava mal corrido: a porta foi dentro com pequeno esforço.

Dali a dois segundos, um dos cic2lopes abria a janela do primeiro piso, e com uma cara espantadiça e esgazeada, com uma verdadeira “cara de caso” , disse para baixo:

— Cá não está ninguém.

— Ninguém!... Repetiu a aterrada Gertrudes. — Bem mo adivinhava o coração... Ah pobre Aninhas! Levaram-na, levaram-na os malditos...

E atravessou a rua, e entrou na casa da sua amiga, e correu-a de baixo a cima num instante. No primeiro piso não viu ninguém... subiu ao segundo. Com que espetáculo foram dar os olhos da boa Gertrudes!

Uma criancinha de dois anos, ainda nua, e como quem tinha saído por seu pé do berço em que dormira, brincava descuidadamente com um gato valido. Que

parecia adivinhar o abandono do inocente, e, com o redobrar dos saltos e folguedos, querer entretê-lo que se não carpisse.

Gertrudes tomou a criança nos braços, envolveu-a à pressa em algumas roupas que achou à mão, e disse para a sua gente:

— Um fique a tomar conta nesta casa; outros vão já chamar meu pai. Oh Aninhas, Aninhas! — E não pode conter mais as lágrimas.

— Mas que foi isto senhora?

— Que foi? O que havia de ser? Não conheceis vós Pêro Cão?

— Ah! Pêro Cão, Pêro Cão... O excomungado bem rondava por aqui estes dias atrás. Foi o desalmado do bispo que a mandou furtar: querem ver? Não foi outra coisa. Foi, foi: nem há mais que ver, nem que dizer.

— Oh vergonha para a nossa rua!

— Para a nossa cidade!

— Para esta terra toda!

— Isto não há de ficar assim.

— Não, não!

— A eles, aos cães, aos Pêro Cães! E aos cônegos, aos bispos, aos portageiros e malsins, e a toda esta cambada de Belzebu!

— Por menos entramos nós há dez anos nos paços do bispo e lhe matamos dois maus criados seus.

— Aqui Del-rei, aqui Del-rei, que furtaram a mulher de Afonso de Campanha, a boa Aninhas, a honrada Aninhas!

Um vai buscar o mais sonoro arame que achou na lójjia, e a golpes repetidos de martelo começa de soar um rebate tão tangido e tão apressurado, que, de mistura com os gritos, exclamações e imprecações dos companheiros, em breve juntou ao pé do arco da gloriosa Sant'Ana a mais tremenda emeute — alvoroço de populares que ainda se vira desde as guerras do príncipe D. Pedro com seu pai, ou do último levante em que o povo se desenganara a fazer justiça por suas mãos no bispo seu senhor e excomungador.

Gertrudes tinha voltado para casa com o desvalido filho da sua amiga nos braços. E mostrando-o da janela ao povo, concitava aquele generoso entusiasmo que a indignação contra os atos de prepotência excita sempre nas classes menos corrompidas da sociedade... A que chamam as ínfimas: e o são decerto na ordem da vilania, e do egoísmo sem paixões, porque todo é interesses...

O povo ia-se juntando, e uns contavam aos outros o estranho sucesso, e a indignação crescia com o recordar as tantas torpezas e abominações que se tinham feito e sofrido neste últimos tempos... E vinham as queixas dos tributos, e o tão geral quanto desigual das vexações, e tudo o que, nas breves horas da ascendência popular, costuma vir sempre à colação, porque o instinto diz aos perpetuamente oprimidos que é preciso aproveitar a hora da vingança e do castigo, que a opressão dura séculos, e a liberdade é de instantes.

A maior parte das crueldades e injustiças demagógicas — não menos crueldades nem menos injustiças contudo — explicam-se por esta teoria do terrível instinto dos povos, que os não engana, posto que os desvaire.

CAPÍTULO X

OS LEGÍTIMOS REPRESENTANTES

No mais alto da efervescência e do tumulto, chegava à sua boa rua de Sant'Ana mestre Martim Rodrigues, acompanhado de seu colega e alter-ego, o segundo juiz popular. Eram os dois que no dia de São João antecedente, na forma da concordata ou sentença que servia de foral à cidade, tinham sido escolhidos pelo bispo dentre os oito eleitos do povo.

Os bons e prudentes magistrados resolveram enfim vir ver e prover ao que acontecia.

— Viva o nosso juiz! — rompeu de toda a multidão: que é outro instinto da multidão ter sempre alguém a quem aclamar e vitoriar... embora o apedrejem depois.

Os dois colegas passaram gravemente por entre as alas de povo, que se dilatou pela estreita rua abaixo, a fazer-lhes praça, e entraram em casa de Martim Rodrigues para ouvirem e consultarem do caso maduramente.

— Ainda bem que chegastes, senhor pai! Era uma vergonha: todo esse povo aí junto a bradar por justiça, e o seu juiz sem lhe aparecer!

— Praz-me de vos ouvir, filha: sois atilada e apertinente. Mas tomai tento, Gertrudes, que sois minha filha, e não de qualquer do povo! A filha de um oficial do conselho, dum cidadão a quem os seus comunais entregaram o cuidado e a guarda de seus foros e liberdades, não há de falar assim soltamente. O povo brada?... Deixa-lo bradar.

— Deixa-lo bradar, meu pai!

— Quero dizer: o povo não pode bradar nem deve bradar; nós é que somos os seus bradadores.

O venerável colega de mestre Martim deu um meditabundo sinal de assentimento, meneando sua municipal e respeitável cabeça.

Esta teoria constitucional, que se considerava eminentemente conservativa no século XIV, seria hoje havida por completamente demagógica e subversiva, considerado o imenso adiantamento das luzes, os progressos de civilização que temos feito, e os hábitos de liberdade que ultimamente havemos adquirido...

— Mas se os ferem a eles, senhor, se nos ferem a nós todos, meu pai, esperaremos, para nos queixar, que?...

— Que em virtude dos poderes que nos confiaram, e dos direitos que em nós renunciaram todos por eleição de alguns poucos, nós sintamos o seu mal, nos doamos por eles... e meditemos, em nossa sabedoria e pausadamente, a queixa que se deve fazer.

— Oh senhor meu pai! E se este inocente ali morresse ao desamparo, quem lhe havia de acudir, com toda essa prudência tão pausada?

E mostrava-lhe a entusiasta oradora de Gertrudes, o inocente que tinha nos braços e que, com os olhos fitos nos dela, parecia implora-la como seu único refúgio e proteção.

— Cujo filho é esse, Gertrudes? É um querubim! Vede-mo bem, compadre Gil Eanes. De quem é tão lindo garção, Gertrudes?

— Ai! O querubim da minha alma! — Exclamou dali outra voz muito conhecida na casa, mas que não conhece ainda o amável leitor. Não era menos nem de menor pessoa que da tia Briolanja Gomes, a boa dona da nossa Gertrudes, que voltava enfim das suas devoções.

— Ai! O querubim da minha alma! — repetiu ela. — Não o conheceis, mestre Martim Rodrigues? Olha quem! E a perguntar cujo é! Cujos há de ser o anjo do céu, rico Serafim da tribuna do Deus menino! Cujos há de ser, homem, senão daquela santa em corpo e alma, digna afilhada da mais santa madrinha que tem o céu, depois da Virgem Nossa Senhora... E não desmerecendo na bem-aventurada senhora Santa Isabel, mãe do Batista, que a própria Virgem a foi visitar a sua casa, e ambas com os seus benditos ventres para cada hora... Que o precursor se pôs de joelhos (lá diz o Evangelho) dentro das entranhas de sua benta mãe, e disse: “eu te adoro e te arreverencio, porque és o Verbo: Verbum caro fato es...”

— Oh! Mulher, oh! Mulher, por quantos santos há no céu, e na Sé, calai-vos já em nome de Deus, que me mata e ensurdece, e falta o fôlego... De ouvir o fôlego que tendes. Que criança é esta, Gertrudes?

— É filha de Aninhas, da triste mulher do ourives ali defronte.

— Ah! E então como dizem que esta noite?... Não pode ser. Já lá foram a casa da vizinha?

— Não haviam de ir? Foram, e o que lá se achou de coisa viva, foi este inocente sozinho e desamparado, e o gato branco de Aninhas que folgava com ele.

— Então é verdade?

— É verdade, sim, meu pai. E foi ele, foi ele: voou meter as mãos no fogo por que foi ele, o infame, aquele amaldiçoado de Deus, que, em nome de Deus, nos anda deitando bênçãos pelas ruas, como se... e Jesus!... Não houvesse raio de Deus para estes malvados, nem...

— Gertrudes, Gertrudes, lembra-te o que ainda agora te disse, filha. Bom é ser a gente boa, bom é sentir as injúrias do próximo... Mas primeiro está a prudência, filha, que senhores e prelados podem muito.

— Oh meu pai, quem quer viver no temor e respeito dos maiores, não devia aceitar o carregamento de punir e zelar pelos pequenos!

As teorias sociais de mestre Martim Rodrigues e de seu digno colega caíram diante desta singular argumentação da cândida Gertrudes. Como quase todas as teorias sofisticadas do nosso tempo, e de todos os tempos, elas são feitas à semelhança do gigante assírio: uma pedra, lançada da funda do inocente que peleja em lisura e verdade diante de Deus, as prosta mortas e estateladas no chão.

Os dois graves senadores calaram-se: não sabiam, não tinham que responder.

E Martim Rodrigues bendisse a palradora língua de Briolanja que o veio tirar de apertos com a sua perpétua serra-madeira-de-carpinteira, que, em a deixando, era de nunca mais acabar.

— Ai! Filha, apelo eu! Pelo que vejo e vos ouço, quer-me parecer que também vós... Ai! Nome de Deus! Jesus venha à minha alma!... Vai-te para as areias gordas, tentação de mau demônio praguento!... Também vós, Gertrudinhas! Ele era o que faltava. Não ouvirei eu ora mais com estes ouvidos pecadores que a terra há de comer!... E na capela seja da Senhora da Silva, e ali fique eu quieta e

descansada, sem que me toquem nem cabelo da cabeça até o dia da ressurreição da carne em que lhes farei figas a todos os demos tentadores... Eu e tu, filha, e mestre Martim Também, e todos nós, todos os remidos daquele sangue que é sangue, e é vida eterna, amém Jesus!... Mas tal me não direis vós, filha Gertrudes; não me digais tal, que já estive para esgadanhar a cara a um excomungado de um aprendiz de caldeireiro... Ou latoeiro seria, que é mais ruim raça aquela... Os nossos caldeireiros são gente de outra criação e mais brandura. Pois não me quês dizer o maldito... Abrenúncio de Satanás! Vai-te para as profundezas de tua terra maldita!... Pois não me quis dizer que era... Ai Senhor!... Que era coisa do paço...

— E daí é, tia Briolanja, em mal que pese a Deus... Que Satanás folgará, por mais que o praguejeis vós aí. Esta noite teve ela folgança e festança de missa nova... Antes velha; que o desamparado de Deus bem velho é já para se meter com raparigas da sorte e primor da minha Aninhas... Ai pobre Aninhas!

— Pois sempre ele será verdade? Ai terra que me não cobres, ai ouvidos que vos não fechais para tal não ouvir, ai olhos que não cegais para tal não ver! Santo Deus de Israel, que deve de estar perto do dia de Juízo! Aninhas... Aninhas, a filhada da minha senhora Sant'Ana, que lhe acendia a alâmpada todas as noites, que lhe rezava todos os dias!... Aninhas, aquele anjo de lindeza e de bondade!... Ai, o que há de ser de nós pecadoras! Ai, mestre Martim Rodrigues, que amanhã são capazes de me vir buscar a mim também!...

Com toda a sua oficial gravidade, eno meio da sua grande entalação, mestre Martim não teve em si que se não risse; a seriedade do colega desmanchou-se a acompanha-lo na mesma risada; e a própria Gertrudes mal pode apertar os seus pudibundos beijos de donzela para não soltar uma boa gargalhada com os receios da tímida Briolanja.

CAPÍTULO XI

VOTOS! VOTOS!

Mas já nestas desultórias conversações se tinha passado muito tempo, tanto tempo como leva uma daquelas proverbiais questões de ordem de São Bento, que engolem o espaço sem tocar na matéria... E o ministério pede votos, votos! E acabou-se. Resolveu-se tudo sem se decidir nada.

A diferença esteve agora em que desta vez quem pediu os votos foi... o povo; coisa que ele raramente faz, mas quando o faz, tem que se lhe diga...

A émeute tinha esperado pacientemente que os magistrados consultassem, à sua vontade e puridade, do negócio que a todos interessava. Mas esperou, esperou; e não vendo resolução, enfadou-se.

— Aos paços da Sé, aos paços da Sé! E o nosso juiz que nos venha capitanear, como é de sua honra e obrigação.

— Aos paços da Sé!

— Queremos que nos entreguem Aninhas, e já.

— Já, sem mais detença.

— E Pêro Cão para o enforcarmos numa figueira de Judas.

— Não: no arco da portagem.

— Ah! Ah! Ah!

- Bem dito! E com a breca todas as portagens e portageiros.
- Não queremos mais portagem, nem dízima.
- Não queremos.
- Não queremos pagar mais.
- Nada! Não se paga aqui mais nada: não queremos.
- Os cônegos que trabalhem, se querem comer.
- E o bispo que vá para Roma, a ver se o padre santo Ihe pode dar absolvição, que o não queremos nós cá.
- Os burgueses do Porto querem bispo com temor de Deus e amor do seu povo.
- El-rei que nos dê outro.
- Ainda que seja preto como o bom de D. Soleima que D Afonso Henriques deu aos de Coimbra.
- E mais, foi bem bom bispo o negro: dizem.
- Está bem de ver: bispo negro, missa branca.
- Ah! Ah! Ah!
- Este é branco, e diz missa negra.
- Como negra tem a alma, o cão.
- Cão de bispo! Tu e teu Pêro Cão hoje o pagarão.
- A ele! Vamos a ele!

E os caldeireiros batiam nos arames estridentes seu infernal rebate. A algazarra, a vozeria, as risadas ferozes e descompostas, a alegria terrível da multidão que se prepara para o festim da carnagem... O profundo revolver das tremendas iras populares, formava tudo medonha consonância: era uma seqüência infernal cantada pelas vozes discordantes dos demônios... Os dies irae que se há de entoar no abismo à véspera do terrível dia do Juízo final.

- Que Ihe diremos, que Ihe faremos nós? — dizia, titubeando, o aterrado Martim Rodrigues para o outro conscrito do senado portuense.
- Que assosseguem, que esperem; que nós vamos ao paço, e veremos... E faremos por que sejam desagradados.
- Sim, sim; esse é aviso de acerto e de prudência.
- Por que Iho não ides vós dizer, compadre Gil Eanes, vós que sois o mais bem falante homem da comuna?
- Eu compadre! Eu, verdade seja, devia ter sobre esta desatentada gente a influência que os meus serviços, os meus... Ide vós porém, ide que eu...
- Vós tendes medo.
- Não é medo, é que nestas ocasiões de distúrbio...

Sorriu-se, e chegou à janela o honesto Martim, e começou perorando às virtuosas massas como homem que não sabia bem o que dizia, nem por que, nem a quem. O que ela sabia bem era o que fazia... Que era coisa nenhuma.

Enfim lá Ihe foi acudindo a musa, e por entre as anfractuosidades oratórias, como de um secretário de Estado defendendo as verbas do orçamento que ele bem sabe que se comem, mas não sabe quem, nem para que, lá foi conseguindo o digno magistrado fazer entender às turbas que ia descer abaixo, tomar informações... E que, se preciso fosse, iria ao paço.

- Pois abaixo, abaixo, e vamos! — respondeu a vozeria das turbas.

E os dois varões senatórios desceram as escadas de Martim Rodrigues com a mesma vontade e apetite com que subiriam as da força.

CAPÍTULO XII

OS CÔNEGOS

Enquanto, desde a primeira manhã, se iam passando estas coisas junto ao memorável arco de Sant'Ana, onde o forte braço popular se levantava em convulsiva energia, apesar da tibieza, da prudência, ou da fraqueza dos magistrados e escolhidos defensores... outras mui diversas e extraordinárias cenas se passavam entre os representantes da oligarquia eclesiástica a quem, para salvação de sua alma, a boa rainha D. Tareja tinha entregue para todo o sempre a muito nobre e sempre leal cidade do Porto.

De uma das altas grimpas do antigo templo, o sino tocava preguiçosamente a laudes: e os cônegos, mal descansados do primeiro trabalho das matinas, que os havia despertado antes d'alva, acudiam mais preguiçosamente ainda às segundas preces do dia.

— Se não fosse o rabujento do ponteiro — dizia um cônego moço com um bocejo que lhe abriu a boca até as orelhas: — má hora que eu viesse aqui hoje outra vez! E o nosso bispo a dormir regaladamente nas suas almofadas de pluma, enquanto a gente...

— Deixai-o, deixai-o: não lhe queirais o descanso que ele hoje há de ter — tornava um pobre velho capitular que ai arrastando, com quanta pressa podia, o trambolho de uma perna reumática.

— Pois que! Permitirá Deus enfim que alguma vez lhe cheguem os incômodos deste mundo! Que sabeis vós dele, vós que tudo sabeis, arcediogo Paio Guterres?

— Não sei nada, não sei nada, Afonso Peres. O que for soará, o que for soará. Vamos que hoje é dia de São Marcos, e o caminho da procissão tem de ser comprido.

— Se virá o bispo à mais antiga e mais respeitável festividade da nossa igreja?

— Pois não há de vir, homem? Dia de São Marcos, do fundador desta nossa igreja portuguesa — que foi o santo evangelista — deixai falar de Basílios e Basileus, e da sua Sé de Miragaia. Miragaia era um triste burgo, quando já Gaia era cidade romana, e nela foi nossa primeira Sé. Por memória disso lá vamos hoje além do rio à capela do santo onde essa era. Vedes vós? E ali incensamos o bom povo da antiga Cale e lhe dizemos: “Boa gente, boa gente.”

— Assim será. Mas boa gente os de Gaia e Vila-Nova que são os inimigos naturais da nossa santa Sé, e nos roubam meio rio pelo menos!

— Deixai isso, deixai.

— Deixo, deixo; mas é heresia pensar o contrário. Lá estão as bulas no censual. Vamos adiante. Bem sei que homem sois, a indulgência cristã em pessoa, meu bom Paio Guterres. Mal vos escolheram para nosso vigário e penitenciário: sereis um passa-culpas...

— Folguemos com o que é folgar, mancebo!... Dizei-me cá: se nos terão posto um jantar que se coma, a boa gente da banda de além, ou se teremos de ir

escorregando por esse Codeçal abaixo, passar o rio, visitar o bom São Marcos em jejum, cantar-lhe o Boa gente, boa gente, e se ainda em cima nos darão jantar de azevias e caramujos os mestres barqueiros de Gaia, que hão de guardar para si o sável, o capatão...

— Capazes são eles disso e de mais. Não sabeis as figas que nos fazem os pescadores da outra banda, que não são sujeitos ao foral da cidade? — Mas vede lá: no paço ainda tudo fechado!

— Deixai o paço, homem, e vamos à sacristia, que já dão as últimas badaladas do sino.

E soavam com efeito as últimas badaladas naquele dom-dom expirante e prolongado, que é como o derradeiro e moribundo arranco de bronze na agonia da momentânea vida que lhe imprimiu o movimento.

CAPÍTULO XIII

FRADE E SOLDADO

Eram em verdade sete horas bem dadas, e não se ouvia, nem via rumor de vida na parte alta ou nobre dos paços da Sé. Cavalheriços e estribeiros pensavam mulas e ginetes no largo alpendre; as vastas cozinhas recendiam com o cheiro confortativo da succulenta comezaina que volteava no espeto, ou palpitava no fervedouro das amplas marmitas. Mas nem Pêro Cão aparecera ainda para fazer conduzir o substancial almoço ao refeitório privado do pouco abstinente príncipe da igreja, nem antes disso se atreveria ninguém a servir no tinelo comum o inferior, mas não menos substancial, alimento dos fâmulos e clérigos de seu estado.

Dois franciscanos chegavam à porta do palácio; um, gordo, anafado e vermelhão, com um sorriso malicioso e contente que lhe brincava nas roscas da barba e das bochechas; o outro, cabisbaixo e humilde, verdadeiro tipo de leigarraz estúpido e servil: é Frei João da Arrifana e o seu companheiro. Desbarretaram-se moços e escudeiros ao valido e amigo íntimo do prelado.

— A paz de Deus convosco, rapazes! Já por aqui apareceu hoje Pêro Cão, o nosso digno mordomo?

— Inda ninguém lhe viu hoje a cara bendita, nosso padre. — O focinho excomungado — emendou, à parte, o estribeiro que respondera.

Fr. João impeliu, com o possante galgar das robustas pernas, a enorme barriga pela escada acima, aparentemente sem grande esforço nem canseira. Era a mais desembaraçada e valente gordura que ainda se desenvolveu debaixo do burel seráfico: não havia ali banha nem toucinho; era tudo músculo tuchado, de febra elástica, potente e cheia de vida: há gorduras assim, Pichéis da Bairrada e cansatras de Lamego tinham muita parte na construção daquela sólida e bem arcada máquina que podia servir de modelo ao Hércules Farnésio.

Seguia-o a custo seu mais leve e desembaraçado companheiro.

Chegaram à antecâmara, agora sé e sem mais habitantes que o nosso antigo conhecido Rui Vaz o archeiro. Este tinha arrumado a ascuma a um canto, e passeava a largas passadas diante da ponderosa e repregada porta de castanho,

murmurando entre dentes o que mais tinha sabor e jeito de juras e imprecações que das rezas devotas da manhã.

Fr. João não ouvia, ou fez que não ouvia, o praguejar do archeiro, e disse com suavidade franciscana:

— Paz seja nesta casa, e a bênção de nosso padre São Francisco a todos os morantes nela... mui particularmente ao nosso bom Rui Vaz...

— Paz nesta casa? Seja; e em quem a pode ter aqui. Amém. Nanja eu; que Satanás seja à minha alma, se desta hora já me não vou daqui para onde nunca mais me apareçam frades nem clérigos, nem... nem o próprio Satanás na figura deles. Amém, e re-amém para sempre!

— Que ruim bicho vos mordeu, Rui Vaz? Maus trasgos há nesta santa casa?

— Santa!

— Ou duendes malignos que voa andaram de noite com a cabeça às voltas? Precisaís bento.

— Bento preciso; e a excomunhão levantada com boas varas de marmelo e estola preta... E água da pia qu'ó farte, ao demo que eu tenho em mim! Tenho, tenho!

— Abrenúncio, homem!

— Dizei, dizei; e vade-retro, vai-te para as profundezas!... a ver se me sai Belzebu desta casa.

— Pois que sucedeu, homem? Falai já, que me tendes em susto.

— Em susto vós, mestre Fr. João! Ele pode ser... Deus fale à minha alma!... Ele pode ser que vós não saibais nem sejais parte nas malezas do inferno que por aqui vão... Ah excomungado Pêro Cão! No focinho daquele maldito alão negro anda a maldade toda: não duvido. Ora sabeí, padre Fr. João, que eu bem no supunha, bem no esperava; mas parecia-me impossível, sempre me parecia impossível que viesse a acontecer. Pois aconteceu... e foi esta noite.

O frade mudou de cor e de tom: e como homem que deseja e teme saber, mas quase que sabe já, a novidade que lhe vão dar, disse:

— Então o que sucedeu esta noite?

— Que a trouxeram ai em braços, presa e com mordanças na boca... Jesus, senhor Deus! E para que? A coitada não via nem sentia, vinha desmaiada dos pratos dos fariseus.

— Quais fariseus homem? Estais sonhando, Rui Vaz.

— Fariseus! Mais fariseus que os dos fogaréus na procissão de quinta-feira maior. Oh santo Cristo! E lá a levaram a pobre da Aninhas...

— Aninhas!

— Sim, Aninhas, a mulher de Afonso de Campanha, a Aninhas do Arco de Sant'Ana.

— Ah! Prenderam uma mulher, pelo que vejo. Ao aljube a levariam. Não admira: há tantas mulheres más nesta terra em dias de hoje...

— Má aquela, mestre Fr. João? Tão boa fora a minha alma! — Por não dizer a tua, frade maldito!

A última parte da jaculatória foi dita em à parte, que, segundo é sabido e aceito, fica em segredo entre o ator que o diz e os espectadores que o ouvem; e não pode ouvir ninguém mais esteja em cena... Tirado o ponto no seu buraco.

Fr. João respondeu pois à primeira parte da fala antecedente como bom ator que não ouviu o à parte, e conforme as leis cênicas:

— Ora vamos ver o que isso é, Rui Vaz. Deus o fará pelo melhor.

— E o diabo, cujo és, te ampare! — disse o bom do archeiro nas costas do frade, que penetrou, sem mais cerimônia, nos secretos penetrais do Dalai-Lama tripeiro.

CAPÍTULO XIV

O GABINETE DE SUA EXCELÊNCIA

Deixemos o honesto Rui Vaz exalar em inúteis imprecações a sua santa cólera, e sigamos Padre Mestre Arrifana ao refeitório particular onde entrou, e daí a outra câmara, e outra, até chegar à própria parte do gabinete que nós diremos em frase vulgar, e traduzindo na língua corrente de hoje, o gabinete particular de sua excelência.

A um toque simbólico, e dado por mão de iniciado que penetra em recinto defeso a profanos, respondeu de dentro um voz conhecida:

— Entrai, Fr. João, entrai.

Fr. João entrou.

O bispo, em toda a majestade de seus hábitos pontifícios, estava diante dele. Sobre o longo manto de púrpura, que arrastava no pavimento sua cauda imensa, assentava a muraça de arminhos quase reais. A cruz de pedraria resplandecente que lhe ornava o peito, as luvas bordadas, o anel brilhante, o barrete na mão, tudo indicava que o príncipe da igreja se preparava a ir aparecer como tal, em todas as pompas do sólio, diante do seu povo.

Fr. João pasmava e mirava o bispo dos pés à cabeça, como homem que lhe custa a crer o que vê, e se não atreve a dizer o que sente.

O prelado sorriu com um ar digno e reservado:

— Diriam que nunca nos viste em nossos hábitos episcopais, Mestre Fr. João, ao espanto com que nos estais contemplando. E todavia, venerável irmão, este é o nosso mais próprio vestir, segundo a apostólica missão que temos do divino Pastor e de seu vigário na terra, por cuja mercê temos o báculo e o anel para reger e governar, não por investidura profana de nenhum poder secular que não reconhecemos, e havemos por vazio e nenhum em quanto a nós e à nossa autoridade é tocante.

— Certamente, certamente...

— E assim vamos hoje à nossa festa e ladainhas de São Marcos, e apareceremos, na plenitude da suprema autoridade eclesiástica, ao nosso bom povo, que há muito não vê o seu pastor revestido assim das insígnias desta autoridade que não tem superior na terra, se não é a santa cadeira de Pedro em Roma, diante da qual nos inclinamos, e a outro poder não...

Mal proferira o orgulhoso e ultramontano prelado estas últimas palavras, ouviu-se um confuso, mas tremendo som de muitos brados que estalou de repente — e tornava, e recrescia, e se aproximava, e não parecia já muito longe.

Era o poder popular que proclamava, na rua de Sant’Ana, a sua curta sempre, mas terrível e incontrastável investidura.

— Que será isto?...

— Motim do povo? Não pode ser. Porque?... Só se... Agora o saberemos, que sinto os passos de Pêro Cão. — Saí vós, André Furtado — continuou o bispo para o camareiro que o vestira: — deixa-nos em paz, que não preciso mais de vós aqui. Os archeiros que estejam prontos; e os fâmulos que vão avisar o nosso que nos venha buscar segundo é teúdo.

Ficaram sós um momento o bispo e o frade; e os olhos com que se olharam, as perguntas e respostas que naquele só olhar se deram e fizeram em menos dum momento... Não há língua que as descreva.

Pêro Cão entrou logo.

O terror, o susto, um reflexo das angustiadas desesperações do inferno crispava medonhamente as ignóbeis feições do almudeiro.

— O povo... — exclamou Pêro Cão — o povo!

— Que tem o povo?

— Está... está levantado.

— Por que? Que lhes fizeram?... Alguma das vossas, Pêro Cão...

— Das minhas, senhor!

— Das vossas. Pois que outra coisa amotinaria este leal, paciente e bom povo da nossa cidade, se não for alguma vexação nova que lhe vós fizeste? Apertais demais, muito demais às vezes, o torniquete fiscal, meu pobre Pêro. Os pescadores queixam-se, as regateiras ralham, até já os flamengos furtam ao peso dos queijos com medo da portagem... Olhai, Pêro Cão, mugis-me muito a vaca, muito demais... E eu não quero sangue no tarro.

— Senhor, senhor!... Eu mujo a vaca... E os flamengos... E o tarro com sangue!... Sangue! E o meu sangue é o que eles querem, os desmandados, o ruim populacho que aí se está a juntar mais basto do que bando de sardinhas em Ovar. Mas fale Deus à minha alma... Ou o diabo, cuja ela é já agora... Dai-me perdão que não sei o que digo.

— Não sabeis, não.

— Não sei, não sei; é verdade: mas sei que não é a sisa nem a dízima, nem a portagem que amotinou aí esse povo agora. É que souberam... É que adivinharam... Ou o diabo, que me ajudou, lho disse...

— O que Pêro Cão?

— O que eu fiz esta noite por vossa ordem.

— Ah! — disse o bispo, e olhou para Fr. João, que se fez verde, vermelho, amarelo, negro... Um arco íris vacilante e cambiante de todas as cores do medo. Segui-se um silêncio breve mas profundo.

Um estampido de brados, mais feroz e mais perto já, detonou no ar como trovão de tempestade que se aproxima.

— Onde está a mal-aventurada? — balbuciou Fr. João — Pode ser que ainda tenhamos tempo de...

O bispo revestiu-se de uma gravidade tão serena que espantou e confundiu os seus trêmulos agentes e conselheiros; e respondeu friamente:

— A mulher que fizemos conduzir a noite passada ao nosso aljube, por boas e fundadas razões que para isso havemos, veio esta manhã a perguntas, e está na câmara particular do nosso despacho. Dali voltará para onde veio. Tomai as chaves, Fr. João, e tornai essa mulher às enxovias, donde não sairá senão quando à nossa justiça prouver. Ireis pela passagem secreta.

— Justiça! Justiça! Justiça Del-rei D. Pedro!

— E a do povo!

— Morra Pêro Cão!

— Aninhas, Aninhas!

— Ao diabo portagens e portageiros!

— O nosso foral, o foral da sentença de são Jorge!

— Que dizem eles?

— Bradam por...

— Por el-rei?... Coitados!... E por essa párvua sentença que lá deram no mosteiro de são Jorge e que meus antecessores tiveram a fraqueza de aceitar?... O ra pois: é um negócio de poucos maravedis que depressa se pode compor. Ide vós, Fr. João, e fazei como vos hei dito. Pêro Cão, os meus archeiros, os meus clérigos. Que venham e me sigam; o reverendo cabido há de estar à porta.

CAPÍTULO XV

“ ECCE SACERDOS MAGNUS”

O bispo saiu: na imediata câmara estava a família e séquito episcopal. O caudatário tomou a longa cauda de púrpura no braço; e o prelado marchou alto e direito pela longa fieira de câmaras e salões da vasta residência. Mudos e pasmados seguiam os clérigos; os archeiros caminhavam adiante. Assim desceram gravemente a escada, e pararam no vestíbulo da porta principal.

Um espetáculo grandioso se oferecia naquele momento à vista em o pequeno largo, ou plaçuela, que fecham dum lado o frontispício da antiga Sé, à sua esquerda os paços do bispo, defronte da catedral as pequenas casas, ocupadas provavelmente então, assim como hoje, por vários membros do seu clero, e à direita o elevado terraço donde descem as escadarias que levam a São Sebastião e a todo o segundo socalco, para assim dizer, da antiga e empinada cidade, cujas ruas e casas direis que se precipitaram desde o alto pináculo da sé até onde é a Porta Nobre e últimas abas do monte ao pé do rio.

O espetáculo era verdadeiramente grandioso e magnífico, e digno dos pincéis de Cláudio Coelho ou de outro grande eternizador das fastuosas grandezas do culto. À porta do bispo os archeiros, tendo tomado a dianteira do cortejo, formavam duas alas cerradas que se estendem numa curva quase diagonal, e iam tocar nos degraus do adro da Sé. O prelado, em toda a altivez e suntuosa grandeza da púrpura, a frente alta, a grande estatura direita, era rodeado de seus clérigos e ovençais, de um imenso acompanhamento secular e eclesiástico. Da igreja, ao som

estridente e solene do órgão, saía o majestoso clamor da antífona: Ecce sacerdos magnus secundum ordinem Melchisedech. E o cabido, presidido pelo deão com o bento hissope na destra, desfilava em longa e grave coluna, com seus capelos roxos e mantos pretos, arrastando as longas caudas pelas lajes sepulcrais do adro.

O deão chegava ao pé do bispo, e inclinava-se a beijar-lhe o anel antes de lhe entregar o hissope, quando pela pequena rua que vem dos antigos paços do conselho desembocar defronte da porta principal da Sé um tropel imenso de passos, de gritos, de tinir de armas, um estupendo charivari de caldeiras e de toda a sorte de vasos de arame, rebentou descompassadamente no pequeno largo... E logo um golpe de muitos centenares de homens do povo, de regateiras da Foz, de padeiras de Avintes e de Valongo, correndo e vozeando com estupenda grita:

- Justiça, justiça Del-rei D. Pedro!
- O nosso foral!... Queremos o nosso foral! A sentença de São Jorge!
- Aninhas, Aninhas!
- Morra Pêro Cão!

Todos estes brados que aqui explicamos distintamente, soavam confusos no ar, e tão implicados como, se é licita a expressão, as emaranhadas madeixas de uma trança de fúria — como as diversas línguas de uma mesma flama que só se farpam na extremidade, mas sobem em um corpo aos ares.

Os cônegos recuaram em desordem: o deão largou o hissope bento no meio do chão... Quis erguer-se... Caiu de joelhos diante do bispo, e ficou, como um deus egípcio, sentado sobre os próprios talares; mas, em vez de colocar gravemente as mãos nos joelhos, como o seu tipo hieroglífico, ficaram-lhe esbandalhadas para trás e pendentes. Os archeiros desordenadamente romperam a forma; tal houve que largou a ascuma e fugiu para o sagrado da Sé...

O bispo ficou impassível, ereto, grande e quieto, no meio do alvoroço e desmaio geral!

A torrente da plebe enfurecida parou, involuntariamente respeitosa, diante daquela impassibilidade.

Fez-se um grande silêncio.

Os populares olharam uns para os outros inquietos: a vista direita e segura do bispo fascinava-os. Foi um alívio verem chegar os seus magistrados que, impelidos pela multidão, não tinham enfim remédio senão aparecer na presença do bispo.

— Mestre Martim Rodrigues, mestre Martim Rodrigues! O nosso juiz, o nosso juiz!

— Mestre Martim Rodrigues que fale por nós!

Os doutos edis portugueses desbarretados, coçando a cabeça, metendo as mãos pelo barrete e o barrete pelas mangas... e, olho no povo, olho no bispo, olho no chão, não sabiam o que fazer de si, muito menos o que dizer.

Estavam no que a moderna língua de hoje diz, “uma falsa posição”; em que se não pode estar muito tempo, e de que o mais acanhado e lerdo procura sair quanto antes e seja como for, porque enfim não é posição em que se esteja.

Os padres conscritos caminhavam para o prelado em passo desmanchado e lento: e, sem saber mais nem melhor que fazer, ajoelharam... O bispo estendeu tranqüilamente a mão e ofereceu o anel ao devoto ósculo municipal.

Todavia os órgãos legítimos da opinião popular não davam o mais leve ronquido... E não era falta de fole! Assaz lhe tinha assoprado às orelhas o bradar do povo justamente enfurecido.

Um sorriso quase perceptível mas de expressão imensa... Vislumbrou rapidamente nas feições do altivo príncipe da igreja.

— Erguei-vos! — disse o bispo com afetada complacência, — erguei-vos, senhores juízes. O que quer, o que deseja esta boa gente em cujo nome me parece que vindes?

— Trazidos... Obrigados por eles, senhor bispo — acudiu ansiosamente Martim Rodrigues, e repetiu Gil Eanes com não menos ânsia.

— Bem, bem: para falardes por eles e procurar por suas coisas, vos nomeou e elegeu este bom povo. É vossa obrigação faze-lo. Praz-me de os ver guardar e usar tão bom termo. O que se pretende de nós, e que quer o nosso povo, senhor juiz?

— Saberá vossa ilustre reverência, que este povo está... Está amotinado...

— Não vejo eu isso, homem. Antes bem pacíficos e quedos os vejo, aguardando que ponhais vós por eles seu pleito, e exponhais o agravo... se é que o tem...

— Senhor, começou isto com a má vontade que há na terra contra um oficial vosso, senhor...

— Pêro Cão? Sei que agravou o povo. Há de ser castigado: merece-o. Tem feito demasias na portagem, e abusado de nossa autoridade, que é toda paternall, e menos de senhor para vassallos, que de pastor que somos e queremos ser para nossas ovelhas. Justiça será feita no vilão.

— Viva o nosso bispo! Gritou uma voz.

— Viva o nosso bispo! Responderam umas cem vozes talvez.

Mas um sussurro duvidoso e dubitativo fez eco a esta primeira expressão de reviramento... Da reação que, nas grandes crises, tantas vezes desanda de repente do clímax da irritação popular para os mais opostos e inesperáveis sentimentos.

O bispo continuou:

— Disto ficai certos; e segurai-o. Em nosso nome, a esta boa gente. Mas, vedes, o nosso espera: e temos de ir longe, como sabeis, com as ladainhas à igreja do evangelista. Voltai pela sesta, e falaremos. — Vamos, meus reverendos irmãos. Porteiro da maçã, guiai o préstito. Archeiros, fazei o vosso ofício.

E o porteiro levantou a maçã, e marchou; os archeiros, fazei o vosso ofício.

E o porteiro levantou a maçã, e marchou; os archeiros, já mais compostos, arredaram com tento a multidão, que cedeu sem violência: e o bispo precedido do seu cabido caminhou a passo grave mas seguro para a porta da catedral. Os sinos tangeram, o órgão levantou a sua voz solene... E as abobadas antigas do vasto templo ecoaram de novo com o — Ecce sacerdos magnus secundum ordinem Melchisedech.

CAPÍTULO XVI

AS LADAINHAS

E o povo e a sua tremenda fúria e o seu poder irresistível e formidável?

Parecia ter-se evaporado tudo com a primeira e terrível explosão de brados em que o tumulto se declarara. Ouvia-se apenas um murmurar disperso aqui e ali por alguns grupos. No geral, uns pasmavam sem dizer nada, outros destomavam pelas portas laterais para entrar na Sé; o maior número estava imóvel, sem ação. Caíra naquele estado paralítico que sucede às grandes irritações. Não se podia dizer dissipado, mas era quebrado o tumulto.

De repente uma voz aguda e estridente rompeu da multidão:

— Aninhas, Aninhas!

Um rufar de caldeiras e de arames de toda a sorte, tim,tim,tim, respondeu com infernal dissonância àquele grito agudo: a assuada recobrou toda a vida febril e temulenta de sua primeira nascença

Brados, uivos, imprecações, clamores e gritos espantosos deram fé que o braço popular, entorpecido um momento pelo magnetismo da autoridade e sangue frio do bispo, tornava a levantar-se mais irritado e tremendo.

Tudo isso foi obra de um instante. E o bispo, alerta sempre e sem perder a compostura do ânimo e do corpo, viu o perigo em que estava, apressou o passo, deu ordens rapidamente aos seus, e entrou na igreja. Ao mesmo tempo as portas da sé e as do paço se fecharam sobre o povo.

Mestre Martim Rodrigues e seus dignos colegas tinham entrado com o préstito na igreja.

O povo ficou só, único senhor e possuidor do pequeno largo da Sé, e de o estrurgir com seus clamores e berreiros à vontade.

O povo gritava e bradava, e fazia uma bulha insuportável: o motim renascia e recrudescia... de repente a janela de alta empena e vidros multicores que está sobre a porta principal, e olha, como em todas as catedrais antigas, para o ocidente, abriu-se de par em par: Martim Rodrigues e o seu colega, enfiados, trêmulos, os olhos esgazeados, apareceram no grande balcão de donde se publicavam e liam ao povo as bulas, indulgências, excomunhões e todos os grandes atos do poder eclesiástico e civil que na nossa terra do Porto era um quase e indistinto, como todos sabem.

— Silêncio! — bradou uma voz sobre todas as outras dentre a multidão. — Silêncio! Ouçamos o que diz o nosso juiz.

Fez-se profundo silêncio nas turbas.

Gil Eanes deu sinal que ia falar. O povo assustou-se e tremeu com a ameaça daquela avalanche de palavras que o esperava. O nobre orador, segundo hoje se chama ao maior vilão ruim e mais ludroso calça de couro que se atreve a abrir a boca diante de gente, o nobre orador disse:

— Meus bons amigos e honrados compatriotas...

— Bom, bom! Isso é outro modo de falar.

— Ah, ah! Já nos tratam de honrados...

— Silêncio! Ouçam.

Tornou-se a fazer grande silêncio.

— Ouvi-me, bom povo, e sabereis grandes coisas, amigos. O nosso venerável prelado e pastor, o nosso senhor e bispo...

— Barrabás, Barrabás!

— Não sou, meus amigos, não sou. Escutai-me.

— Pedras ao traidor! Acabemos com o Judas que nos vendeu!

— Ouvi-me, ouvi-me, por Deus que está no céu, e ficareis satisfeitos.

— Ouçam, ouçam.

— O nosso bispo e o nosso cabido tem de ir hoje a São Marcos de além do douro.

— Não, não enquanto justiça não for feita.

— Não: São Marcos é pelo povo.

— Grande santo São Marcos evangelista! Nós estamos pela lei de Deus; queremos que se cumpra a lei de Deus. E justiça Del-rei D. Pedro nos valha!... Que antes São Marcos fique sem festa nem procissão, do que lha façam em pecado mortal esses iscarotes.

— Justiça tereis, boa gente: ouvide. Pêro Cão!

— Enforcado Pêro cão!

— Morra, Pêro cão!

— Morra, morra!

— Não morra: queremos come-lo vivo.

— Vivo não; é muito duro.

— Assado e de molho de vilão, o vilão!... Como el-rei comeu o coelho...

— O coelho que lhe matou a amiga.

— Dobra a língua, bruto: a mulher.

— Pois a mulher: seja. Contanto que o cão vá pelo caminho do coelho.

— O cão atrás do coelho é razão natural.

— Ah! Ah! Ah! Ah!

— Tem razão, bem dito. Venha o cão, morra o cão!

— Morra Pêro Cão!

— Morra, morra.

O aturdido orador do alto da sua tribuna emparvecia de susto e confusão. Martim Rodrigues, que não estava muito melhor, mas que, porquanto não era tão papelão como ele, não perdia tão completamente a tramontana, Martim Rodrigues deu-lhe ânimo o excesso do medo, empurrou da varanda o estonteado colega, e bradou agitado da mesma agitação que o rodeava:

— Seja feito como quereis. Pêro Cão é um enredador, um tredor. O nosso bom prelado o manda entregar nas vossas mãos para que façais nele segundo a vossa vontade.

— Viva o nosso bispo, e morra Pêro Cão!

Outra vez se abrandava o tumulto; e outra vez surdiu, dentre as turbas quase aquietaadas, a mesma voz estridente e magnética:

— E Aninhas, Aninhas!

Começava-se a irritar de novo a sanha popular; Martim Rodrigues perdeu de novo a cabeça. Como homem que não sabe o que há de responder, e que vê todavia a necessidade de um resposta peremptória, olhava para todos os lados, engolia em seco, fazia gesto de quem ia falar... Mas ficava.

Em que pararia esta pasmosa cena do povo portuense com os seus magistrados, não é possível imagina-lo: grandes desgraças iam acontecer talvez se, ao pé das rotundas e apatetadas figuras de Martim Rodrigues e de seu colega não fosse visto aparecer ao mesmo balcão o homem mais popular e o mais respeitado clérigo que havia na cidade por aqueles tempos. Era um ancião venerando, um daqueles raros homens que, no meio da maior corrupção a Providência conserva sempre no mundo para que se não apague nunca de todo na terra a crença na virtude e a fé no poder do céu. Paio Guterres, o arcediogo de Oliveira, vigário e penitenciário do bispado, verdadeiro ministro do altar, devoto sem hipocrisia, austero com suavidade, grave sem fasto, era honrado de todos, do próprio bispo que o detestava, do povo que o amava.

Apenas apareceu no balcão Paio Guterres, foi saudado por uma aclamação geral e entusiástica da multidão.

— Meus filhos, sossegai, e ouvi-me.

Não se ouviu o menor sussurro. Ele continuou:

— Aninhas, foi presa esta noite... à minha ordem.

Um rumor de espanto e de indizível assombro soou por toda aquela multidão.

— Sim, à minha ordem. Está acusada de graves culpas... Deus permitirá que falsamente.

— Falso! ... É falso. Aninhas é uma santa.

— É, é uma santa, Aninhas.

— Será: assim o espero. E hoje mesmo há de ser absolvida e posta em liberdade se assim for. Tende confiança em mim. Seu feito está em meu poder; sou eu que o hei de julgar. E eu... Responda da sua pessoa.

— Ah! Então...

— Ide, meus filhos: sossegai. São horas de sair a nossa procissão. Mostrai-vos bons cristãos e tementes a Deus; deixai-nos cumprir com os preceitos da igreja. Retirai-vos, meus filhos, com a benção de Deus.

— E a vossa. Queremos a vossa benção.

— Em nome do senhor de toda a justiça, do premiador e castigador eterno, do que julga os povos e reis, do que morreu por todos nós, e não mais por uns do que por outros! Meus filhos, eu vos abençôo: ide em paz.

A força de uma voz respeitada, no meio da efervescência popular, é um dos contínuos milagres que atestam o poder de Deus, e justificam da sua glória.

O tumulto sossegou e dissipou-se.

Dali a pouco as portas da catedral estavam abertas, e a procissão saía gravemente, entoando as ladainhas e preces públicas. O bispo, em todo o esplendor da pompa católica, seguia no coice da procissão. A mitra resplandecente carregava-lhe nas altivas rugas da testa; o braço parecia agitado de leve tremor quando se abordava no báculo de ouro; mas o pé caminhava firme, e os olhos iam serenos no livro do cantor que o precedia.

Tomaram para a porta do Sol, desceram o íngreme Codeçal abaixo, e chegaram à escura margem do rio, cantando, rezando e invocando os mártires e os apóstolos, os confesores e as virgens que rogassem por nós!

CAPÍTULO XVII

A PROCISSÃO

Nestes prosaicos e minguidos tempos em que nós vivemos, sabe Deus o que lhe custa à excelentíssima câmara municipal de Lisboa a ir a casa de Santo Antônio no seu dia, e à ilustríssima câmara municipal de Coimbra a ir pela festa da Rainha-Santa visitar a sua padroeira de além da ponte. O código administrativo não beatificou mais santos que Santa Urna, e os espíritos fortes do conselho são iconoclastas decididos, que fazem guerra a todas as velhas superstições daquelas desgraçadas e vergonhosas eras em que Portugal estava tão atrasado que apenas descobria a Índia, circunavegava e civilizava a África, povoava a América, escrevia as Décadas de barros, compunha os “Lusíadas” de Camões, edificava Belém, e fazia outras soezes ninharias do mesmo jaez.

Pobre Portugal velho e relho, que não tinha agiotas nem lordes do tesouro, nem pontes pênsis nem garantias pênsis, nem barões, nem pedreiros-livres, e eras o escárnio da Europa que hoje pasma de te ver correr como um caranguejo por essa estrada da civilização fora!

Dancemos a polca, e via o progresso!

Inda assim: o progresso do nosso regresso, como diz aquele grande e coruscante orador nosso, cuja eloquência, de parêntesis seja dito, também dança a polca.

Dançar, dançavam os cônegos do Porto, ainda em tempo de minha avó que o viu, e mo contava quando eu era pequeno: dançavam sim diante do altar de São Gonçalo no seu dia. E era uma devota dança hierática, segundo agora se diz em grego — que nós demos furiosamente em falar grego desde que o não sabemos. Que mandávamos os Teives e os Gouveias ensina-lo a Paris, falávamos português.

Pois dançavam é certo, dançavam os cônegos do Porto diante de São Gonçalo de Amarante, em trinta préstitos e procissões em que iam a muitos oragos e festas de vários santos e santas. E assim mesmo iam os outros cabidos e colegiadas do reino, que hoje nem ao coro vão; e mais, não tem nem sequer o código administrativo a que se apegar.

Entre as muitas festas processionais da nossa boa sé — me dizia um beneficiado velho que andou comigo ao colo, e era a mais santa a1lma de beneficiado que ainda houve — foi talvez a primeira a de são Marcos evangelista que os de Gaia ou Cale pretendiam ser o fundador da santa igreja potugalense, em oposição aos de Miragaia, que a queriam fundado por são Basileu na sua freguesia de São Pedro estra-muros.

Já na minha infância porém, e quando o meu velho beneficiado me enriquecia o espírito e a memória com estas tão interessantes e romanescas arqueologias, já a procissão das ladainhas de São Marcos não passava de São João-novo, e dali de ao pé da ermida da Esperança é que os cônegos, incensando para Gaia, cantavam o Boa gente, boa gente! Antífona em vulgar de que nunca pude saber a explicação nem pelo meu beneficiado nem por nenhum outro cronista oral ou escrito, dos muitos que tenho consultado.

O caso é que a cerimônia ainda assim se praticava em nossos dias, e que em eras mais remotas a procissão passava, como a descrevi, de além do douro, a ia à própria capelinha do santo cujas ruínas ainda hoje estão a meia encosta das ribanceiras de Gaia.

E devia ser razão bem ponderosa a que obrigava bispo e cônegos, os senhores da terra do Porto, a passar o rio, e a visitar essa gente de Gaia e Vila-nova que lhes não obedeciam nem pagavam tributo, e que, fortes da proteção real, lhes faziam acintes com a sua pesca livre, o seu comércio franco, e até com o monopólio do sal que tantas vezes lhes dava el-rei só para apoquentar os vassallos e homens do bispo, que eram todos os da cidade.

Fosse ela qual fosse a tal razão, e durasse a prática desde quando e até quando durasse, que o não sabemos ao certo; o certo é, e o sabemos, que ainda durava no tempo desta nossa história, pois aí vai chegando à margem do rio a solene procissão das ladainhas, e ressoando pelos cavos alcantis que lhe emparedam os precipitosos caudais, o sublime e plangente responsar do coro:

*Ut nos exaudias!
Te rogamus, Audi nos!*

Uma flotilha de saveiros com seus toldos embandeirados e ornados de festões de flores, seus conveses juncados de espadanas, está prolongada com a praia, e recebe a procissão a seu bordo.

As ladainhas não pararam, o canto não cessou: acompanha-o agora o remar certo e compassado dos barqueiros cujas vozes, roucas mas afinadas, se juntavam também ao clamor geral do coro, e bradavam com ele:

Te rogamus, Audi nos!

É impossível imaginar espetáculo mais solene e grandioso, do que esse que então ofereciam as águas e as margens do douro.

Toda a divina poesia da religião e da natureza, todo o pitoresco dos costumes feudais, toda a animação dos grandes ajuntamentos populares, se reuniam e se harmonizavam nesse quadro.

Um sol de primavera batia a prumo sobre águas, rochas e verduras. O ar estava sereno e tépido, o céu azul e transparente, a água corria mansa; de um lado e outro do rio a população da cidade e da vila, prolongada pelo brancos areais que se espelhavam com o sol, contemplava em religioso silêncio a marítima procissão que, em longa diagonal, ia cruzando o rio quase como se o descesse, pois é considerável a distância que vai donde hoje é a Porta Nobre, em que embarcara, até o desembarcadouro de Gaia onde foi ter.

Rio acima, as várzeas de Campanha, de Ramalde e de Avintes resplandeciam com as esmeraldas da jovem primavera; para a banda da Foz os ceiceirais de Val-de-Amores descaíam sobre a água como se ainda estivessem acoitando os traidores e vingativos barcos Del-rei Ramiro quando veio desde Galiza em busca da mulher que lhe tinha o mouro, porque ele tinha a irmã.

Esse Val-de-amores, que depois foi Val-de-Piedade quando os Capuchos aí fizeram seu convento e o beatificaram com o devoto nome que ainda tem — hoje... Oh triste, tristes tempos nossos! É Val de tanoeiros ou Val não sei de que, porque lhe fizeram da igreja um armazém, e da cerca tão viçosa e tão fresca. Algum mau campo de milho talvez.

Eu, ainda me lembra, e era bem pequenos, das tardes da trezena do santo em que aquela linda cerca parecia o jardim de Kesington ou o das Tulherias, de

povoada que se fazia pelas mais belas e elegantes damas da cidade, por um concurso imenso de todas as classes e idades: naqueles treze dias o Val-de-Piedade tornava a ser o Val-de-Amores.

Seria o melhor passeio público que o Porto podia ter, e rivalizaria com os primeiros do mundo, se nisso o tivessem convertido. Venderam tudo por não sei quantos mil réis, mas poucos — e em títulos azuis, havia de ser.

Ex digito gigas: ninguém faz melhor a sua transição do antigo para o novo estado social, do que nós a fizemos. Juízo, gosto, proveito, tudo se juntou.

Tornemos à nossa história.

A procissão cantava:

Exaudi nos, domine!

E os saveiros abicavam nas praias de Gaia. Desembarcando e cantando prosseguiram nas ladainhas; e assim foram subindo até o principio da encosta que leva ao castelo, e onde a igreja ou ermida do santo era situada.

Todo o povo da vila e suas vizinhanças acompanhava, como em triunfo, e recebia quase como homenagem à sua independência, a visita do senhor bispo e do senhor cabido, tão senhores do outro lado do Douro — ali hóspedes, respeitados sem por seu caráter sagrado de eclesiásticos, mas sem autoridade nem poder civil de nenhuma espécie.

E contudo ajoelhavam, e o bispo abençoava; e o clero prosseguia cantando e o povo respondendo aos versos da ladainha... A religião do Crucificado á a religião da liberdade e da tolerância, não faz partido com nenhuns ódios e discórdias civis: os que dizem racca a seu irmão desobedecem aos preceitos do Cristo.

Via-se porém nas fisionomias dos vilnoveses não sei que expressão mais ativa do que o costume, mais animada — ao que parecia — pela consciência de sua liberdade e independência. Olhavam para o bispo com certo ar, seguiam os cônegos com tal desgarre, respondiam às preces com uma voz tão segura e folgada, que um amigo de semelhanças clássicas não duvidaria compara-los aos jovens e altivos concidadãos do filho de Réia Sílvia recebendo nos infantes muros de Roma uma procissão de sacerdotes albaneses que lhe trouxesse, em vassalagem, e para futuro paládio de sua grandeza, a cativa imagem de Vesta que já não tem que fazer em Alba-Longa.

A clerezia do Porto eram os albanis patres, Gaia afetava as soberbas de alta moenia Romae.

Perdoai-me porém, ó veneráveis irmãos românticos, perdoai-me, que eu prometo não tornar a fazer a mais leve alusão às proscritas reminiscências do meu pobre velho latim...

Mas havia sem, havia o que quer que fosse extraordinário, que animava os independentes populares de Gaia e Vila-Nova. Eles seguiam todavia quietos e devotos a procissão; e assim chegaram todos à capela do santo onde entraram.

O bispo subiu ao seu trono; à volta dele, em círculo, os cônegos; e logo começou a missa com que se ia concluir a festa e rogações daquele dia.

Chegava já a missa ao ofertório, e a congregação de joelhos e inclinada comunicava devotamente no augusto mistério do Sacrifício que nos regenerou e fez livres, quando um mancebo elegantemente vestido mas todo coberto de pó, a afadigado ainda, ao que parecia, de caminhar longo e pressuroso, entrava, com algum disfarce, na igreja. Deitou um relance de olhos percrutador pela variada multidão que ali se juntara, e foi ajoelhar-se a um canto da igreja, detrás de dois

homens de madura idade, cujo modo e traje os inculcava pertencentes a uma como meia gradação entre burgueses e homens da plebe.

É essa espécie que os modernos Rabelais designam hoje pela tão característica denominação — l'épicier: espécie rara dantes, mas que atualmente constitui a maioria das grandes cidades, dos grandes focos de população civilizada. Mole como a sua manteiga, estúpido como os seus macarrões, pateta como os seus chouriços, e rançoso como o toucinho que vende, o merceeiro — l'épicier — é o tipo dessa bastarda aristocracia da plebe que se propagou e cresceu tão numerosa, e cuja missão política é unicamente engolir as petas de todas as proclamações, dar consumo às sandices das gazetas dos governos, acreditar no sistema que felizmente nos rege, e por luminárias nos dias de gala.

Quando eram poucos, tinham a energia e as grandes aspirações de todas as classes que precisam viver fortemente para viverem, porque se não fiam na bruta segurança do número.

O recém-chegado ajoelhou, benzeu-se, e depois de breve oração, que provavelmente foi mental porque lhe não boliam os beiços, com a ponta da vara que trazia na mão, tocou levemente no ombro de um dos dois homens que lhe ficavam adiante. O homem voltou-se rapidamente, e encarando com o mancebo que assim o interpelava, exclamou em voz baixa:

— Oh! Vós aqui!... Já?

— Bem tarde me parece Amim. Vinde: saíamos para fora, que temos que falar.

— Deixai acabar a missa.

— Não: já. Viva Deus! Que entre a hóstia e o cálice, na própria presença d'Aquele que está no altar, te quisera eu dizer o que tenho a dizer-te... Mas não pode ser; vem.

— Vamos. Meu irmão também?

— Teu irmão?... Eu sei? Não tenho fé em teu irmão. Ele não era?...

— Era sim; e eu também, por meus pecados. Pouco melhor que ele. Acudiu-nos Deus a ambos. Agora podeis falar diante dele como diante de mim.

— Pois que venha.

Esta conversação breve, rápida, cochichada a ouvido e ouvido, não foi percebida de ninguém mais na igreja. Os dois populares e o jovem cavaleiro saíram, sem ser vistos, por uma porta lateral.

É tão fino e perspicaz o amável leitor, que, estou certo, já adivinhou quem era o mancebo...

Era sim, senhor, era o nosso estudante, o nosso Vasco. Os dois populares é que não adivinhou seguramente quem seriam.

Tenha a bondade de ler o seguinte, e lá lho diremos.

CAPÍTULO XVIII

COALIZAÇÃO

O mancebo caminhava silencioso adiante; no mesmo silêncio o seguiam os dois companheiros. De rua em rua, se aquilo são ruas — antes de beco em beco, ou

mais exatamente de socalco em socalco, iam saltando pelos informes gradins do pouco esplêndido anfiteatro em que se encastela o triste lugarejo de Gaia.

Chegavam ao pé da romanesca fonte Del-rei Ramiro que, em seu gárrulo correr, vai ainda repetindo o palrear incessante da faladora Peronela, quando ali vinha do castelo buscar água para sua ama — e tardava, tardava, pela trela que dava, enquanto a infusa enchia e a senhora esperava... deixá-la esperar.

Passam essa fonte tão celebrada na tradição popular, passam a antiga casa que o povo apelida também de “Paço Del-rei Ramiro”, mas que visivelmente é uma construção do décimo quarto século, e que talvez fosse naquele tempo a residência dos ciosos reis de Portugal quando ali vinham quase ocultamente — aforrados, diria um purista — conspirar com o povo contra os bispos seus senhores. Conspiração permanente por mais de quatro séculos que os reis foram demagogos, porque precisavam do povo, para resistir primeiro, para destruir depois, a aristocracia eclesiástica e secular que tantos os pejava.

É comparativamente moderna a desinteligência dos reis com os povos. Foi necessária muita má fé, muita traição de coroados tribunos para desenganar o pobre do povo que tantos anos combateu por eles e quase só para eles, cuidando que para si combatia.

Depois da vitória, o leão fez a partilha do costume; e ainda em cima pos-se a devorar o sendeiro que o auxiliara...

Sendeiro que briga com um leão, mas que se deixa albardar depois como quem é...

Vasco, o nosso estudante, pois não há mister de mais mistérios — e perdoem-me o “mister” que aqui veio mais pela graça da aliteração do que por outra coisa: tão safado e sáfaro o trazem por aí os periódicos e os dramatas, que ninguém já pode com ele! — Vasco, digo, o nosso estudante, tomou por uma estreita viela à esquerda da fonte; e, a poucos passos nela andados, entrou por uma porta baixa e aberta de que pendia tristemente o escuro e emblemático ramo de pinheiro.

Os outros dois entraram após ele.

Era uma taberna de pescadores, de marujos e azeméis. A taberna estava só, as estreitas e mal compostas mesas desertas. Sentaram-se os três a uma delas.

— Um pixel do melhor! — disse Vasco.

E uma velha, com mais traça de bruxa que de taberneira, ergueu, da baixa lareira onde estava acocorada, a mal-azada cabeça, e tornou logo a descair no que podia ser sono ou letargo.

— Um pixel, bruxa excomungada! Não ouves?

— Bruxa, bruxa!... Já ouve bruxas em Gaia, que era a terra delas e sempre o foi. Hoje não há bruxas que valham, onde estão benzedeiras e rezandeiras que todo lo levam e todo lo comem... Má eira as colha!... Que bruxas? Hum!

Rosnando assim, vinha a bruxa, arrastando-se nos decrépitos tamancos (leia “socos” no mais alatinado dialeto portuense) e chegando aonde estavam sentados os três, estacou de repente. Com olhos que não pareciam já feitos para over da vista exterior, se pôs a contempla-los numa atitude de indefinível expressão.

Disseras de um cadáver que reconhece um vivo... De um esqueleto em cuja caveira se iluminasse de repente o vazio das órbitas descarnadas para vos olhar e saudar.

Os três homens estavam fascinados; a velha parecia ter o poder de fixar sobre todos três ao mesmo tempo, e com igual e não dividido alcance, aqueles olhos tão mortos... E tão vivos.

Um sorriso infernal correu mais para um lado, e sem as desfranzir, as asquerosas rugas daquela boca sumida: e a velha disse:

— Com que são hoje as ladainhas de Marcos evangelista? Devem de ser. E bem as canta quem as canta. São os cônegos na Sé. Dizei-me vós a mim quem é.

E riu-se, riu-se de bruxa: uma risada tossida e para dentro, destas que fazem arrepiar e estremecer.

Daí, com uma pieira rouca e desafinada, se pos a cantar, ou antes, a regougar estas trovas de má mente e mau esconjuro, que lhe saíam trepidando dos beiços como espuma de feitiços que fervem nem lar maldito em caldeirão de três pés, manco, rachado e al lume de figueira verde.

O bispo com sua bispança,
Bem lhe praz fazer folgança,
Mais os padres de Santa Maria,
E mais a raposa que fia.

Bem fia a raposa, bem ela fiava,
Rezava a Senhora, rezava e cantava:
Caiu a raposa no laço que armava.

Foi o raposinho
Que aventou o ninho.
Entraram os lobos... Eles hão de entrar
Oh, se hão de entrar!
E o bispo, a raposa e o seu raposinho,
Tudo há de dançar.

Dançar, dançar, meu São Gonçalinho!
Bebei do meu vinho.

E com uns saltos trôpegos como de dança de entrevados, a velha bailava em cadência com o seu arrepiado cantar. Parou de repente, fitou os olhos no mancebo e, soltando uma longa gargalhada infernal, virou-lhe as costas. Arrastando, arrastando. Foi buscar um bom pixel de mais canada, encheu-o de vinho, e voltou a por-lho sobre a mesa.

O três pasmavam e não diziam palavra, ainda fascinados do estranho olhar, do mais estranho cantar, e das arrastadas evoluções da dança da bruxa.

Ela tornou para o seu canto na lareira, acocorou-se, e descaiu a cabeça no mesmo letargo ou sonolência de que tão extraordinariamente despertara.

— A que má cova de Satanás nos trouxestes, mancebo? — disse um dos três por fim,. — Peçonha terá este vinho, por mais que me digam.

— Tem, tem, e da pior, que é verde como agraço, o cão — respondeu Vasco depois de vazar a meio um daqueles imensos copos minhotos que fariam espanto e meteriam respeito até à mesma bíbula pregênie britânica. E continuou logo: — como

um cão, o maldito! E para quem está acostumado a fazer penitência no tinelo de certo prelado apostólico...

— À porta Santa de Roma farei eu penitência sete anos... sete anos e um dia bem contados, se com tal me perdoasse Deus o mal-amassado pão que lá comi, o agro vinho que lá bebi, o próprio ar empestado que lá respirei...

— Não haveis mister de ir a Roma, que perto tendes a absolvição. Esta noite resgatareis a alma se quiserdes.

— Esta noite?

— Sim. As ordens que trago são para que esta noite se levante tudo, a acabemos por uma vez com a insuportável tirania que nos oprime e nos desonra. El-rei está em... Podemos falar seguramente aqui?

— Se não receais a bruxa... Mas dela bem sabemos que nada há de temer!... Cá por nós dois...

— Teu irmão largou com efeito o serviço do diabo e do almudeiro?

— O almudeiro não, não o largou de todo — respondeu o terceiro interlocutor que até ali estivera em profundo silêncio: — não o largou de todo, não, que ainda tem de ajustar com ele um resto de contas. O almudeiro almuda bem, mas precisa aferido. E há de ser pela minha mão: não cedo esse encargo a ninguém.

— Bem está. Pois agora sabeis ambos... Mas que se não diga por enquanto na cidade... Sabeis que el-rei veio aforrado ao mosteiro de Grijó, que aí está desde esta madrugada, e daí sairá à boca da noite para entrar no Porto sem ser visto. É preciso que nós seguremos as portas com tempo, e primeiro que todo a Sé, que é o mais forte de toda a cidade. De que ânimo está o povo?

— De se pagar por suas mãos, que é o único pagamento seguro que tem.

— E que farão os nosso juízes e vereadores?

— O costume: dar divas a quem vencer.

— Estareis vós de vigia no paço esta noite, Rui Vaz?

— Por quem tomais vós, senhor Vasco? Eu era homem do bispo, servia-o com lealdade; pesava-me na consciência, é certo, mas servia-o, porque fé e lealdade estão primeiro que tudo... Desde hoje não sou homem seu, nem como seu pão, nem bebo seu vinho; posso fazer-lhe guerra por conta Del-rei, e do povo cujo sou, e por minha conta também, e mais... Mais de uma outra pessoa, senhor Vasco...

— Falastes com Gertrudes, vós? Falastes com ela, Rui, meu amigo?

— Falei sim: e não há falar com aquele anjo que se a gente não sinta virar para melhor, como de dentro para fora. Aqui tendes a meu irmão Garcia Vaz que ela converteu também.

— A ti! Pois também a ti! — disse o estudante voltando-se para o exportageiro.. Ex-cabo de polícia traduziríamos hoje... Esperemos em Deus para salvação da sua alma e bom fim da nossa história que a verdadeira tradução seja ex-tratandte.

— A mim, sim senhor, — respondeu ele; — a mim, que de a ouvir falar ao povo com aquele inocentinho nos braço... O filho da pobre Aninhas que eu ajudei a ... E o mais culpado de todos fui eu, porque já o coração me dizia que o era antes de fazer o que fiz. Era, era. O coração bem me dizia que, em vez de dar a Pêro Cão a gazuia que lhe forjei para ele abrir a porta, com esta choupa lhe devia eu ter aberto a barriga a ele... Saísse o que saísse... Que não havia de sair coisa boa. Mas é verdade que de a ouvir falar ao povo com aquele inocente nos braços, e dizer-lhe o que lhe Lea disse, toda esta alma se me voltou; jurei por quantas juras há, más e boas, que o mal que lhe eu fiz, alguém mo havia de pagar.

— Pois bem homem! Agora o mal está feito e o que devemos tratar é do remédio. Paio Guterres é certo que respondeu por Aninhas?

— Certo: ouvi-lho dizer eu diante do povo todo; e daí seguros estamos que lhe não pode suceder nenhum mal. Mas...

— Mas — Interrompeu Garcia Vaz — também o bispo prometeu que nos entregava Pêro Cão para o enforcamos, e ele ainda está dentro do paço, rindo e zombando dos gritos do povo... Que por fim é povo, não sabe senão gritar.

Vasco ficou pensativo e abstrato, sem dar atenção ao que diziam os dois irmãos, que continuaram a conversar entre si pelo mesmo teor. Ele permanecia como fechado dentro de suas meditações.

Passado algum tempo, levantou-se da mesa de repente e disse:

— Parti já: quero as portas da cidade seguras. A Sé fica por minha conta.

— Vós, Vasco! Vós, senhor, fareis essa... Essa?...

— Essa traição: é o que queres dizer. Farei. E sei o que faço.

— Não sabeis não, mancebo. Oh senhor Vasco, eu pesa-me na consciência... É verdade que jurei não vo-lo dizer, mas agora, mas nesta ocasião...

— Não vos pese, nem pese nada, amigo. Sei tudo, e sei o que faço, sobretudo. Parti já ambos sem mais detença. E o povo que não assossegue nem durma no seu caso. Povo que dorme, tirania que desperta. El-rei é por nós, mas não basta: os grandes não são pelo pequenos senão enquanto os pequenos podem. Adeus! Parti já. Eu não tardo no mesmo caminho.

— E vós?... Já falastes com ela, vós?

— Com a velha? Com esta velha que cuida que é bruxa? Deixai-a por minha conta, que a conheço de há muito, e sei... que nenhum perigo corremos com ela.

— Bem o sei, mas...

— Ide n' hora boa, ide já, ide.

— Vou. E ela virá?

— Virá.

O ex-archeiro e o ex-portageiro saíram enfim.

Mas Rui, o nosso antigo amigo, tornou logo atrás, como apertado de um escrúpulo interior que não podia vencer, e baixo ao ouvido de Vasco, lhe disse:

— Lembrai-vos do que ontem à noite vos disse naquela negra sala de armas do paço?

— Lembro, sim.

— Sabeis, Vasco, filho, mancebo?... O bispo... Bom bispo não pe ele... Mas sabeis vós tudo... Tudo o que lhe deveis?

— Ide em paz, honrado homem; ide e deixai-me, que tudo sei.

— E apesar disso?...

— E apesar disso, e por isso mesmo... Deus será juiz entre nós, Rui Vaz. Ide, que se faz tarde.

O archeiro encarou o mancebo como quem lhe queria ler a lama no semblante. Vasco sorriu com um sorriso misterioso e descorado que se não deixou interpretar.

— Adeus! — disse o homem do povo; — senhores lá o sabem e o entendem. Tendes sangue e criação para tudo, mancebo. Mas olhai que o que Deus mandou, mandou-o para todos.

— Assim é, meu amigo, ide.

— Vou, vou, e a Sua vontade seja feita sobre tudo! Falai bem com a bruxa; que vos diga, que vos ponha em claro...

Vasco já não ouviu estas últimas palavras: passeava a largas passadas no chão desigual e úmido da taberna, que não era senão terra batida. Rui Vaz saiu sem o ele ver, nem interromper seu distraído e agitado passeio.

As puas verdes e resinosas das folhas de pinheiro que juncavam o chão, rangiam melancolicamente debaixo dos pés do mancebo; e por alguns minutos não se ouviu naquela desolada estância mais som que este triste som. Via-se, nas expressivas e caracterizadas feições do jovem que o seu espírito e o seu coração lutavam alguma luta tremenda; mas tudo se passava lá dentro, não veio nem um suspiro à flor dos lábios.

Que tempo seria, não sei; mas foi muito tempo que se passou assim.

De repente Vasco foi-se à porta da rua, fechou-a, e levantando a tranca enorme que atrás lhe jazia, atravessou-a e firmou-a nos grosseiros encaixes que para isso estavam esburacados nos informes alizares de bruto granito. Daí, às apalpadelas, porque a casa ficou quase às escuras, caminhou para a larga e enfumada lareira onde ardia um resto de tronção de pinheiro, e de donde agora faiscavam, mais do que ele, os olhos da velha que parecia ter acordado de seu habitual letargo. Os olhos da velha luziam, luziam como carvões acesos... O mancebo caminhava lento mas certo para aquela luz terrível... A velha ergueu-se em pé, direita, alta e forte, como se o asqueroso sapo que ainda agora se arrastava disforme pelo torpe lodo daquele chão, subitamente se transformasse nem dos gênios maus da miraculosa lâmpada de Aladim.

CAPÍTULO XIX

Tornemos ao Arco

Dez anos esteve Cervantes para fazer trasladar e por em ordem os manuscritos de Cide Hamet Benengeli, e nos dar enfim a última parte da história do Cavaleiro da Mancha. Eu não te fiz esperar senão cinco, leitor amigo e benévolo, por este segundo e derradeiro tomo do bendito arco de Sant'Ana. E tive de fazer eu tudo, eu só por minha mão, decifar a enrevezada letra do códice dos Grilos, que, entre palavras safadas, linhas inteiras ilegíveis, folhas rotas e outras dificuldades semelhantes, me deu mais que fazer do que um verdadeiro palimpsesto.

Não tive neste intervalo, é verdade que não tive, quem me fizesse uma segunda parte sub-reptícia e caluniosa, como lhe fizeram ao pobre de Miguel de Cervantes, que o obrigou a dar tantas satisfações, e a torcer até o rumo de sua história. Mas críticos e censores não me faltaram, pragas e praguentos me vieram de toda a parte; e chegaram a acusar-me de quixotismo, que sonhei gigantes em moinhos de vento para ter com quem brigar, e degolei exércitos de inocentes cordeiros como se foram a pugnaz mourisma Del-rei Almançor, o de arregaçado braço.

E tudo isto por que leitor amigo? Porque ameacei com a ponta do azorrague Del-rei D. Pedro as pretensões absurdas e anti-evangélicas de certos agiotas do catolicismo que abusaram da boa fé da presente geração e pretenderam granjear em proveito seu, de suas pessoas, o espírito mais religioso da época.

Há cinco anos chamaram-me visionário. Que dizem hoje, senhores censores? Vejam a Inglaterra, onde, à sombra de puseysmo e de outras formas de transição e transação, o catolicismo entrava já nas mais fortes cidadelas da fé luterana, vejam como por lá se tem abusado, e como o governo se começa a arrepender de sua tolerância. Vejam na Itália como se está suicidando o papado, e pregando-se urbi et orbi o cisma, a heresia, a dispersão da Igreja universal. Vejam enfim, na nossa pequena e pobre terra, a ignorância, a crápula, a simonia, o servilismo político andar desonrando a estola e a mitra, entregando-as ao desprezo e ao ódio popular.

E com tudo isto, querem dominar, e são ferozes e atraídoados inimigos da Liberdade, que, filha do Evangelho, só pode e só há de sustentar o Evangelho; que, tendendo à universalidade, como a Igreja, é a sua mais poderosa auxiliar, a sua única verdadeira esperança na terra. Porque hoje, se não há Dioclecianos perseguidores nem Julianos apóstatas, também não há Constantinos protetores. Os príncipes querem para si: tomara o trono que lhe acudisse o altar, quanto mais ampara-lo ele! A Igreja, quem lhe resta é a Liberdade; é pela Liberdade que se há de cumprir a promessa divina de que não prevalecerão contra ela as portas do inferno.

Dizia o meu amigo R.: “Tu não chegas a imprimir nunca o segundo volume do Arco” — Imprimo, imprimo, respondi eu, em me chegando outra vez a mostarda ao nariz com estes padrecas ingratos. Valemos-lhe nós, nós os rapazes do meu tempo, que entramos a pregar a favor deles, em economia política deste século e a filosofia do século passado. Ambas os proscreviam; todos os homens graves e sérios de quarenta anos para cima, votavam por elas: a rapaziada é que se meteu no meio e não deixou. Vem eles depois e voltam-se contra nós porque julgam que já nos não precisam... Agora o veremos.

Inda assim, meia dúzia de padrecas soezes, um que outro bispo ignorante e depravado não são o Clero nem a Igreja. Por esta somos nós como sempre fomos e seremos. Aos maus sacerdotes havemos de pendura-los do Arco abaixo. Que puguem daí os seus sermões para os gaiatos se rirem; que excomunguem daí os que não crêem nos milagres que eles inventam; e os que forem acadêmicos que escrevam daí as suas memórias. Não lhes damos outro castigo nem queremos outro divertimento para nós.

Aí os deixo pendurados como ex-votos de cera, com serem bem sebentos alguns deles.

E nós vamos leitor amigo, em busca do nosso estudante, do nosso Vasco. Vamos ver o que ele faz metido há tanto tempo naquela taberna de Gaia, só, ali fechado com aquela bruxa tão feia. E vamos saber de Aninhas e da sua amiga Gertrudes. E se a bernarda dos caldeireiros gorou ou foi por diante, e conseguiu aclamar o Senatus Populusque Portucallensis sobre as ruínas do trono episcopal. Se a seráfica pança de F. João da Arrifana ou o municipal abdômen de mestre Martim Rodrigues, metidos cada qual em sua cuia da balança, conseguiram restabelecer o equilíbrio do estado, fazer reinar, com o braço e barço de Pêro Cão, a “ordem de Varsóvia” naquela inquieta terra do Porto. Se no meio disso, veio el-rei D. Pedro e se comeu a polpa da ostra, dando a metade da casca a cada um dos litigantes. Vamos ver tudo isso, que é tempo.

E, sem mais preâmbulo, amigo leitor, entremos no âmago da história, que agora te vou contar muito direitinha e enfiada desde o principio do seguinte, para o qual te peço que voltes a folha.

CAPÍTULO XX

A Bruxa de Gaia

Deixamos o nosso Vasco na presença da velha bruxa que se erguera do seu letargo e crescia diante dele como um espectro tremendo.

— Estamos sós, Guiomar — disse o mancebo com voz que queria ser firme, mas que vibrava descompassadamente para não tremer.

— Enfim! — respondeu a velha.

— Enfim! Há muito que temo e desejo esta hora — tornou o mancebo — há muito que luto entre a necessidade e o terror de te ouvir, Guiomar, de ouvir o tremendo segredo que não sei se adivinhei já... Que Deus queira, oh! Faça Deus em sua misericórdia que eu não adivinhasse!

— Palavras de homem! Bem, mancebo! Essas são palavras de homem, as primeiras que te ouvem pronunciar estes ouvidos que latejam com a surdez da velhice e da enfermidade, e onde só retinem claros e distintos os sons que pronunciam os teus beijos, Vasco. Porque eu morri para tudo e para todos, menos para ti, menos para ti que és... és...

— O que sou eu?

— Hoje és um homem: o teu falar é de homem. Ontem eras uma criança. Que revolução se fez no teu espírito! Bendito seja Deus que me deixou ver este dia. Mas vi-o, ouço-te e vejo-te. Inda bem! Estás um homem. Acabaram-se as levezas e as leviandades de rapaz, entraste sério na vida. Já me não importa morrer. Nem morrerei, não... (que-lo Deus assim, bem o sei) enquanto o meu filho, o filho de meu coração...

— Mulher, mulher, e sou eu teu filho? Sou eu esse filho por quem tanto tens padecido e chorado, por quem tens levado essa vida de martírios, incrível de abnegação e paciência que me tens contado? Prova-mo, prova-mo, e não hesito mais um instante, fecharei os olhos e correrei cegamente aonde me mandas.

— Oh filho, filho, quem, se não fora mãe, faria o que eu tenho feito, sofreria o que eu tenho sofrido?

Vasco deu um profundo suspiro, os olhos que levantou para o céu, ao arranca-lo do íntimo peito, lhe descaíram desanimadamente no chão tristes e mortais.

— Tua mãe sou, Vasco. Destas entranhas nascestes, estes peitos te criaram. Olha, olha bem para mim, filho, que para tua mãe olhas! Não te de asco esta miséria, não tenhas vergonha destes farrapos. Eram ricas telas, eram sedas e ouro, eram finas holandas as que me vestiam quando tu vieste ao mundo, filho. E nenhuma dama da corte, das mais soberbas e preciosas, as vestia assim; nem houve infante de Portugal ou Castela que fosse envolvido em tão ricos panos em seu berço, como tu foste, meu Vasco, meu só amor e minha vida, porque outros não os tive, outra vida não a gozei, outro amor não cri nem o quis. Deu-me o demônio

em má hora a um homem... a um monstro que me perdeu... Mas não o amei, santo Deus! Não; nem me amou ele. Duas vezes me reputariam a infame e perdida que sou, se o meu coração tivesse sido cúmplice nas vilezas de meu corpo e na desonra de meu nome. Ai filho! A minha pobreza não é falta de ouro, nem a minha velhice sobejidão de anos. Terás ouvido nomear o sábio e opulento rabi de Leiria, Abraão Zacuto. Sua filha sou; e tu és neto do mais rico e venerado homem que houve nas nossas Espanhas pela ciência do grande Avicena, que ele igualou, se não excedeu e aperfeiçoou em muitos pontos. Reis e príncipes lhe requeriam por grande favor sua amizade; e derramavam a seus pés tesouros e mercês para obterem uma visita, uma palavra do grande homem...

— Judeu sou então?

— És hebreu por tua mãe: do mais nobre sangue de minha tribo: nobreza já velha e incontestada quando os avós desses fidalguetes que aí vão tão soberbos de seus brasões de há três dias, desse que mais presumem de seu puro sangue godo — seus avós selvagens e brutos andavam meios nus pelas matas e tremedais da Alemanha, comendo estreme a glande de suas enzinhas, devorando crua a carne de seus cavalos, e adorando um cepo ou uma pedra por seu deus. Nobres os miseráveis! Fidalgos, filhos de algo, de alguém! De quem? O derradeiro da minha tribo tem mais nobre sangue que os seus reis.

— Mas eles reinam, e nós servimos.

— Nós fingimos servir. Mas reinamos sobre eles pela inteligência, pela indústria, pela riqueza do saber e pela riqueza do haver. A quem vem pedir o ouro que desperdiçam por sua indolência, e por mesquinho orgulho não sabem granjear nem fazer produzir? A nós, aos nossos negociantes. Eles tem a força bruta, porque brutos são: nós a que a domina, a da ciência, a da riqueza, que em séculos e séculos por vir não passará tão cedo para eles que a desconhecem e a desprezam. Assim fora a da beleza! Mas oh! A da beleza... Essa no-la roubam eles, e se apossam dela misturando-se com a nossa raça abençoada... Que, onde vires fuzilar uns olhos, brilhar um rosto, onde vires graça, gentileza e garbo entre as mulheres dessa gente, crê que aí anda sangue nosso, ou de nossos irmãos por Ismael, os mouros que eles perseguem como nos perseguem a nós. O que vale um homem, uma mulher de Espanha, pelo que tem de árabe o vale, ou lhe venha do mouro ou do judeu. E eles dizem — mouro! E — judeu! Com desdém e desprezo, os monstros, os bárbaros... Que ódio tenho a esta gente vil! Ódio, cegueira de rancor profundo, imenso, que todo concentrei sobre uma cabeça votada, execranda, em que hei de descarrega-lo como golpe de raio que a aniquile, e desparza suas torpes cinzas pela superfície das terras. Que passe o viajante e diga: “Já o não vi”. Que o peregrino pergunte: “Onde está ele?” E ninguém lhe saiba responder.

— Mas esse homem que tanto odeias e em quem concentraste todo o teu rancor à raça cristã, por que é que o detestas? E por que estou eu em seu poder? Como me deixaste criar a seu bafo? Por que sou eu de sua religião? Por que adoro nos altares em que ele ministra? Como me deixaste crer no Deus que é seu Deus, viver em sua lei que para mim é santa? Enfim para que deixaste fazer de mim o homem que hoje sou, se tão diferente, tão estranho me querias, se tão outro me precisavam as tuas vinganças?

— Assim te queria, e assim te preciso. Como és, devias ser. O neto de Abraão Zacuto, manejando as drogas e os simples, podia, servindo uma obscura vingança, meter nas veias do cruel algoz de tua mãe os mais sutis e enfeitizados venenos da Frigia. Mas para essa vingança bastava eu, se ela me bastasse a mim. Não a quis. Quero-a nobre, alta e clara, de perpétua desonra e ignomínia para o

criminoso, de ostentosa reparação para a vítima. Um nobre infanção, como eles dizem, um jovem fidalgo, segundo a crença deles, vestido assim, assim colocado no mundo, é o que devia ser o meu filho para me vingar. E assim és, e assim me vingarás. Por esse homem me veio todo o mal, toda a desonra: por suas infâmias e violências fui obrigada a fugir da casa de meus pais; a dar-me por morta para que eles não morressem de vergonha sabendo-me viva; a esmolar pelas portas o pão da miséria; a servir, como escrava, nos mais baixos e vis misteres; a separar-me de ti, de ti, meu filho, minha única vida e meu só amor; a ter de seguir-te disfarçada nestes farrapos; a ver-te de longe sem ousar mostrar-me, tremendo sempre que me descobrissem como se eu fora a maior criminosa da terra. Filho, filho, dezoito anos padeci o que ainda ninguém padeceu; e dezoito anos tenho vivido a suspirar, tremendo, por este dia em que te abro meus braços descarnados e te suplico, filho, filho de minhas entranhas, um primeiro — mas que seja o derradeiro — abraço... Ao! Um abraço a tua mãe...

A bruxa, a torpe e asquerosa velha desaparecera: uma mulher bela ainda, no vigor da idade, que não podia passar muito de quarenta anos, descarnada mas fortemente constituída, um perfil de Agar no deserto, os olhos rutilantes, a boca entreaberta, os dentes alvíssimos, a figura ereta e nobre — tal estava a mãe de Vasco, a mãe que o reclamava, que o atraía, o fascinava, e em cujos braços o mancebo se lançou clamando:

— Mãe, mãe! Oh! Tu és minha mãe, porque eu te quero e o meu coração vai para ti, mãe.

Abraçaram-se, abraçaram-se num longo e estreito abraço.

O céu tinha-se toldado no entanto, a pouca luz que havia na obscura estância desaparecera, o fogo na lareira amortecia. Só os relâmpagos da trovoada, que bramava nos ares, metiam, de vez em quando, por uma estreita fresta de alto, uns clarões amarelos que deixavam depois ainda mais cerradas as trevas feias que ali reinavam. Sem vento, a chuva caía perpendicular, teimosa, esparralhada, sobre o teto mal-escoante da casa, por onde, em pouco, se infiltrava, e caía pinga a pinga, avivando aqui e ali o verde lustroso das ramas de pinheiro que tapeçavam o chão.

CAPÍTULO XXI

E MEU PAI?

Foi longo o abraço, estreito e longo, acompanhado dos soluços e das lágrimas da pobre mãe, que enfim o tinha li para si todo aquele filho, que o chamava pelo querido nome de filho e se revolia à vontade na fartura dessas almeçadas delícias que ainda lhe parecia impossível serem todas suas.

Não estavam secos os olhos de Vasco, nem batia menos apressado o seu coração; mas nele não era, não podia ser único e exclusivo o sentimento que dominava o da mãe. Tantos pensamentos, tantas recordações encontradas lho combatiam. Aquela mulher era sua mãe: não o duvidava já. Durante anos a vira, a sentira como a sua sombra que por toda a parte o seguia. Em suas pequenas dificuldades da vida de mancebo, ela de repente, e como se bastara o pensamento para a chamar, ela lhe aparecia pronta sempre e fosse onde fosse com o aviso

importante, com a informação necessária, com o dinheiro desejado. De onde e como o havia ela? Não sabe. Mas desde o primeiro dia que, pequenino ainda, fora à escola de Paio Guterres, o bom arcediogo de Oliveira, lhe aparecera essa velha, e o acariciara, e lhe dera sempre bonitos, prendas, quando ele queria e desejava, recomendando-lhe muito o segredo, que o rapaz guardava de todos escrupulosamente. Queria muito à velha, mas tinha medo e terror dela ao mesmo tempo, porque ela tinha fama de bruxa, era a “Bruxa de Gaia” que todos lhe chamavam: o nome de Guiomar, se esse era o seu deveras, até poucos lho sabiam. Sua mãe será, sua mãe é; não o duvida pois já agora. Fizeram-lhe sempre mistério de seu nascimento os que o criaram; mais fácil lhe foi portanto aceitar esta explicação que achava eco nas simpatias de sua alma, na poderosa voz de seu sangue... Sangue que é judeu... Todos os preconceitos da educação se lhe rebelavam com a idéia. E sofre, e pesa-lhe da mãe que achou... Mas ela quer-lhe, ela ama-o tanto!... Ela é tão feliz de lhe chamar filho!

Que ódio porém tem essa mulher ao bispo que o criou, e como a filho o trata também? Ódio que a seu jovem coração tem sempre querido fazer passar por quantos modos pode, mas em vão sempre. Os erros, os vícios, os crimes do prelado, bem os conhece e os detesta Vasco, mas a ele não pode. Entusiasta na causa popular, que é a da sua Gertrudes, quisera ser o tribuno audaz, o valente caudilho que à frente do povo do Porto triunfasse da tirania sacerdotal, estabelecesse o livre regime da “comuna” na sua querida terra do Porto. Para isso andava em negociações e conspirações com burgueses e populares, para isso tinha ido ter com el-rei e se fizera homem seu. Se com isso se contentassem as vinganças da mãe, estava pronto a dar sangue e vida por elas. O senhorio, o domínio, o direito e poder de oprimir e fazer mal, não hesitava, era justo, era nobre querer tira-lo a esse mau bispo. Mas tocar em um cabelo de sua cabeça... Jamais. Nem o ódio da mãe, nem o empenho da amante, nem o recente desacato de Aninhas — de que já Rui Vaz o informara — nada podia faze-lo detestar o homem que para ele, só para ele, sempre fora bom, generoso, indulgente, carinhoso como um pai.

Chegara a pensar alguma vez se com efeito seria ele seu pai e que lho encobrissem. Mas porque era tão comum naqueles tempos terem e manterem publicamente seus filhos os mais respeitados dignitários eclesiásticos, era tão vulgar e recebido esse costume, que se não podia crer do pouco austero bispo do Porto, — o que furtava, sem cerimônia nem escrúpulo, as mulheres e as filhas aos seus burgueses — lhe desse agora para estar com esses recatos e hipocrisias a respeito de um filho de dezoito anos, que antes de ser bispo, quando ainda secular e cavaleiro, podia ter havido, porque há menos que isso tinha entrado em ordens e fora sagrado bispo.

Que lhe era ele pois? Por que assim lhe queria, e por que assim o detestava a mulher que era sua mãe, e que tamanhas injúrias dizia ter dele?

Esses mistérios confundiam, estas considerações lhe andavam de tropel no espírito; e agora, passada a primeira explosão do afeto filial, o tinham insensivelmente feito cair nem abatimento de tristeza que mal podia dissimular.

Estavam mãe e filho sentados nem escabelo ao pé do lar; a mãe sem tirar os olhos dele, ele com os olhos no lume quase apagado, e nas cinzas brancas raiadas de algum brasido tênue que ainda avermelhava por entre elas.

O tremendo estampido de um trovão que pareceu estalar sobre o teto mesmo da casa, o tirou daquela distração.

— Que tempestade vai no céu, minha mãe!

- Maiores me tem esbravejado no coração, filho. Ah! Tu não sabes!...
- E tu vives neste pardeiro, nestas ruínas?!
- Vivo. Há quatro anos, desde que me foi impossível habitar dentro dos muros da cidade, para aqui vim; e aqui faço o vil mister de taberneira... E outro mais vil ainda, o de espia Del-rei.
- Como! Pois el-rei?...
- Aqui tem vindo aforrado, disfarçado muitas vezes, para saber o que vai pela cidade e pelo Brusgo-novo. Àquelas toscas bancas se tem sentado muita vez, comido da faneca frita, bebido do mau vinho que aqui se aquartilha. Aí tem ajustado suas contas com os estanqueiros do sal, que o roubam, como ele rouba o povo.
- El-rei D. Pedro, roubar o povo!
- E o bispo que ele quer defraudar, mas é o povo quem o paga. Entre senhores, a disputa sempre é sobre quem há de receber; pagar nunca é nenhum deles, senão só o povo.
- Ah! E querem que me eu enrede em suas disputas! Que nos destruamos por suas questões! Que me importa a mim?...
- Importa-me a mim. Faremos como eles: cobriremos com a capa do público interesse o nosso privado empenho. El-rei invoca a liberdade do povo, e são as suas próprias ganâncias que granjeia. O povo invoca o nome do príncipe, mas não é senão o amor do lucro que o move. Nós invocaremos tudo o que eles quiserem, contanto que me vingue que seja atroz e infame o castigo desse malvado...
- Educou-me, minha mãe! — interrompeu o mancebo com irresistível ímpeto que lhe vinha de dentro da alma — manteve-me por seu tantos anos, tratou-me como a filho!
- Filho! — exclamou a bruxa trêmula e roxa de cólera: — filho a ti!
- Como a filho, sim, e como tal me quer — respondeu Vasco tranqüilamente com aquela serenidade que domina de alto e quebra o ímpeto das mais furiosas paixões.

Guiomar acovardou-se diante dela, abandonou as exclamações, e se deitou a persuadir em tom moderado e quieto.

- Não o creias — disse ela — meu filho. Esse homem é aleijado do coração; não ama senão os seus vícios.
- Devo-lhe muito.
- Nada lhe deves. Nós somos os credores ainda.
- Foi meu pai quem à hora da morte me encomendou a seu cuidado. Em vez dele está.
- Teu pai... Ah!
- E quem era ele, meu pai? Por lá não me dizem senão que era um nobre senhor de Riba Dão que acabou em Tarifa pelejando com os mouros; mas o seu nome nunca o ouvi. Já desconfiei se seria aquele irmão do bispo que lá morreu nessa batalha... Tu calas, e pões os olhos no chão!... Por que não queres, por que não hás de dizer o nome de seu pai a teu filho?
- Para que queres tu sabe-lo, o nome de teu pai? Os meus lábios não podem proferi-lo: estão selados por um juramento terrível, filho!... Assim era, como te dizem: nobre, rico, poderoso, senhor e cavaleiro era teu pai... Porém foi mais poderoso que ele o bispo, a sua ambição, a sua maldade. Ela me fez a desgraçada que estás vendo; da opulência e da grandeza me precipitou na miséria e na ignomínia. Teu berço de ouro foi embalado no opróbrio e na infâmia. Tua infância

tão bela de que eu não gozei... Ah! De que me privaram com indignas ameaças e temores — foi entregue a estranhos... E eu consenti, meu Deus! Eu quase que agradei ao monstro que te arrancasse de meus braços; tal foi a sua aleivosia, tais os medos que me meteu! Levaram-te, deram-te a frades e a clérigos para viveres em obscura dependência, tu, aonde devias mandar e ser senhor, e...

Guiomar tinha ferido a corda sensível no coração do filho. A ambição, que estava no fundo, ferveu e transbordou. Levantou-se alto e grande, e exclamou com entusiasmo:

— Tens razão, minha mãe: eu não nasci para esta vida. A cavalo rodeado de minhas lanças, ou em meu castelo defendido por meus homens de armas aí é o meu lugar. Para clérigo não sou: ao diabo o latim! Não quero ser cômego. E também já não quero tão pouco ser físico; as gualdrapas da mula de mestre Simão andam muito baixas para mim. Quero pendão e caldeira e gente da minha beira. E um cavalo que salte, e que me leve à guerra. Queimados sejam os livros, e malditas sejam as horas que tenho perdido a aturar aquele secante de Paio Guterres!

— Que te fez ele, filho, o santo homem?

— Latim e mais latim, solfas de clérigos, e todas as suas crendices e pequices, quem teve a habilidade de mas meter na cabeça senão ele? Santo é: só o que me ele tem aturado! Mas é que eu também, a outro não lho sofria. Se não fora aquela bondade, aquela paciência de anjo de arcediogo, parece-me que nem ler saberia.

Um suave sorriso, uma expressão de ternura quase Angélica iluminou as duras feições de Guiomar; parou-lhe o faiscar dos olhos, e se lhe converteu em raiar sereno de luz branda e pura, doce como de manhã de abril. E também orvalhada como ela, porque lhe caíam, fio e fio, as lágrimas belas: lágrimas que vem do contentamento da alma, que a gratidão, que os mais puros afetos de nossa natureza fazem correr de um manancial abençoado. Quando cora assim a mulher, é um anjo que chora.

— Vasco — disse a mãe, com aquele acento que vem do coração, e que vai direito ao coração: — Vasco, meu filho, não cuidei que já tivesse lágrimas senão para ti — ou para as chorar de raiva nos paroxismos do meu ódio; mas a bondade desse homem fê-las rebentar nestes olhos secos. Foi a vara do profeta que feriu a pedra árida do deserto. Nem tu sabes tudo o que é de bom e santo esse homem de Deus. Ele era o anjo bom de tua mãe, filho... e eu perdi-o por culpa do outro demônio... Esse devia ser teu pai. Mas o fatal inimigo de minha vida... Oh! E é então Paio Guterres quem sempre te ensina?

— Sim, com o mesmo amor sempre, a mesma paciência.

— Homem admirável! E o bispo sabe, consente que tu vivas tanto com ele?

— O bispo não gosta dele; mas tem-lhe respeito e medo, porque o arcediogo é dos nossos, o homem mais benquisto do povo, e o mais poderosa pela influência que tem na cidade. E daí, sabe que eu me não sujeitava a outro, porque ele é o confessor de Gertrudes...

— Gertrudes! Quem é Gertrudes?

— Quem é Gertrudes! (A outra corda no coração do mancebo que vibrava.) Quem é Gertrudes! Mas é a minha Gertrudes. A flor de quantas donzelas tem o Porto, a Gertrudinhas do Arco... E ai, meus pecados! A propósito do Arco, a pobre Aninhas que me esqueci dela, e do que a Gertrudes tanto me encomendou que voltasse cedo e lhe levasse resposta do que passava com el-rei! E eu aqui posto

sem tal pensar! Vou-me embora, vou-me, Guiomar. Perdoa, minha mãe; mas se soubesses, a pobre Aninhas o que lhe sucedeu!

— Sei tudo; e que o povo está indignado e ansioso de vingança. Deves ir; é tempo que vás, filho. Que o Deus de Sansão e de Gedeão cinja os teus rins com a espada vingadora! Eu tomarei em minhas mãos o cutelo de Judite; e na hora do castigo eu tirarei do saco a cabeça de Holofernes e a mostrarei ao povo.

— Mãe, mãe — exclamou o mancebo horrorizado: — mas que queres tu que eu faça, que esperas tu de mim?

— O que vais fazer: vingar-me, vingar-nos.

— Sim, eu prometi a el-rei que lhe faria abrir, esta noite, as portas da cidade e que o castelo de sé ficava por nossa conta. Já não sei se fiz bem ou mal, já não quero sabe-lo: prometi, hei de cumpri-lo. Sejam os seus motivos quais forem, el-rei protege as nossas liberdades, o povo é por ele, e os homens do Porto querem ser homens seus, não do bispo. Esses dois, que daqui foram agora, vão dar aviso a todos os de nossa facção, que não são poucos na cidade. O popular não precisa muito excitado porque o jugo destes padres é insuportável; a sua corrupção descarada nem já toma o trabalho de ser hipócrita; é um opróbrio sofre-la. Sem escrúpulo me ponho da parte dos oprimidos. Fiz-me homem de lê-rei, que por seu me tomou; sirvo-o a ele e aos meus comunais. Tudo isto faço, tudo isto farei; mas levantar eu a mão para!... Oh! Jamais. E este Fr. João, este Fr. João de Arrifana, diz-me, tio é meu esse frade? Tio por onde? Irmão teu?

— Não me é nada, filho; mas não lhe quero mal. Nunca mo fez a mim, e talvez algum bem, pode ser.

— Pois será irmão de meu pai? E serão estes por fim os grandes segredos de minha progênie, que venho da nobre estirpe dos Arrifanas, de algum moço de mulas ou recoveiro mourisco?

— Oxalá, filho, que o teu sangue não fora do que eles chamam tão nobre!... Fr. João da Arrifana não te é nada tão pouco. Criou-te de pequeno mas... Saberás tudo, meu filho, quando for tempo.

Vasco já não estava em si: excitado, contrariado pelas reticências e mistérios que lhe faziam, exclamou com grande impaciência:

— O meu nome, o meu nome, Guiomar... O nome de meu pai! Quero sabe-lo. Se tu és em verdade minha mãe, se me tens esse amor que dizes, o nome de meu pai, revela-mo. Guardarei o segredo que quizeres: mas sabe-lo hei de... Ou então...

— Vasco — lhe respondeu a mãe, abraçando-o com ternura e fazendo-lhe mil carícias: — Vasco, tu estás um homem: e eu renasci, recobrei a vida, e a força e a vontade de viver, desde que te vi tal: mas só de ontem és homem, filho; e eu há dezoito anos que sou mãe. Há dezoito anos que não existo senão por ti e para ti: vê se terei pensado no que te convém. Não é hoje ainda, não chegou ainda a hora em que deves conhecer a nobre, nobilíssima origem de teu sangue segundo os cristãos.

— Pois bem: fica-te com os teus segredos, eu ficarei com a minhas dúvidas, com os meus pressentimentos. E busca outro instrumento para as tuas vinganças, porque eu...

— Tu...

— Eu sou o pobre estudante Vasco, sem família, sem nome... Sem mais proteção nem arrimo neste mundo do que a desse homem que me tem servido de pai. E fosse ele o maior criminoso da terra... É meu pai...

Guiomar saltou de um pulo a pés juntos para o ar, como se lhe caísse de repente uma formidável descarga elétrica. Seu rosto moreno, cujas feições pronunciadas resplandeciam inda agora de um sangue rico e cheio de vida, descomposto subitamente, pálido, amarelo como o de uma defunta, tremia de todos os músculos, e se desencaixava medonhamente, como se a tomasse um repentino ataque de cólera asiática.

— Que tens tu? Bradou Vasco aterrado e cheio de espanto.

— Nada — respondeu ela com voz sepulcral.

Depois, falando só consigo, pronunciando com os lábios lívidos os pensamentos que lhe davam pesadelo na alma, começou a murmurar como em tom de prece ou de esconjuro:

— Os filhos de Deus tomaram para si mulheres dentre as filhas dos homens... Sara, filha de Raquel, sete maridos lhe matou o demônio Asmodeu que se namorou da sua beleza... Por que não há de morrer ele, e viver eu?... Meu não foi o pecado, e minha só tem sido a penitência... Eu tomei tédio à vida... E resignei-me a ela, poupei-a para chegar a ver o meu filho, para chegar a ver este dia em que os meus braços se enlaçassem nos seus braços, os meus beijos se confundissem com os seus beijos, e que eu apertasse a sua cabeça a este seio e lhe dissesse: Filho, vem, vê a miséria de tua mãe, vê a sua vergonha e o se opróbrio. Vê como, tantos anos, foram cuspidas estas faces, escarnecidas estas rugas de sua precoce velhice. Arrastada, corrida, apedrejada tua mãe de bruxa, de judia, de prostituta, de velha torpe e infame!... Vê tudo isto, filho, vê-o escrito nesta cara que dessecou ao vento das injúrias, neste corpo que mirrou com os açoites do vilipêndio... Vê-o, meu filho, e vinga-me, vinga tua mãe, filho!...

— Serás vingada! — exclamou Vasco arrebatado, dominado pela poderosa influência da bruxa. — Serás vingada. Oh! Eu to juro, mãe. Serás, minha mãe, vingada. Minha infeliz, minha pobre mãe, eu hei de vingar-te. E é ele, ele só o autor das tuas desgraças?

— Ele só — respondeu Guiomar resplandecente já de esperança e de júbilo.

— E meu pai, que te abandonou que te traiu!... Como foi, diz-me, e que parte teve nisso o teu inimigo, o homem que?...

— Dele me vem tudo, dele só. Não me perguntes como, não me obrigues a quebrar o tremendo juramento que dei por Jeová e pelos livros de sua lei. Que morra a morte ele, que o seu nome fique desonrado e infame! Que lhe cusпам na face como a mim me cuspiram! Que assim como eu fui açoitada... Fui; Vasco, tua mãe, filho, foi açoitada pela mão do algoz em público patíbulo... Por bruxa, por meretriz, por mulher de enredos e de infâmias... E esperava-me a fogueira se ma não envolvesse nestes andrajos, se me não chagasse o corpo com estas úlceras asquerosas, e me não arrastasse de porta em porta, de adro em adro de seus templos, fazendo a idolatria de me ajoelhar diante de suas imagens, de rezar suas rezas, e de passar pelos dedos estas ridículas constas de invenção maometana que a superstição dos cristãos adotou... Porque tudo quanto é superstição adotam de todas as religiões — nem o seu culto é mais do que a remendada mistura dos vários cultos da terra.

— Basta mãe; eu vou. El-rei D. Pedro entrará esta noite na cidade. E tu minha mãe, tu serás vingada! Eu to juro.

— Que Deus arme de força a tua mão direita, e ponha em tua alma a cólera de suas vinganças! Porque em verdade, filho, tu só podes, e tu só deves ser o instrumento de suas iras, e o braço de sua justiça. Toma, aqui tens ouro, meu filho:

gasta, despende, desperdiça, que é teu. Sem ouro não se faz nada no mundo: e tu farás o que quiseres porque tens milhões.

A velha agachou-se, a abrindo um esconderijo que tinha ao pé da lareira, sacou muitas bolsas cheias de dinheiro, com que lhe foi estofando o saio, o corpo do tabardo, e todo ele o recoseu em ouro.

— Outro abraço, meu filho, e vai. A trovoadá passou, apenas chove miúdo e pouco. Esta noite eu serei contigo e te abençoarei, porque tu és bom e forte como a vara de boa estirpe.

CAPÍTULO XXII

CONSPIRAÇÃO E PROGRAMA

Vasco abraçou a mãe, deixou-se abraçar, beijar e animar por ela, e saiu enfim da embruxada taberna. O tempo já estava limpo e quase sereno. Foi-se o jovem estudante a uma espécie de arribana que pegava com o grosseiro e primitivo estabelecimento — ou antes fazia parte dele, porque ali recolhiam os almocreves as suas réguas — a tirou para a rua o impaciente alazão, que pasmado da vilã hospedagem que lhe deram, se devorava de ânsia mal sofrida por voltar às nobres estrebarias de palácio. Falou-lhe Vasco, o generoso e inteligente animal, conheceu-lhe a voz, sossegou e amansou logo. Obediente, humilde, mal sentiu a mão na crina e o pé no estribo, se abaixou como dromedário para receber a carga. A trote firme, e admirável de certeza, foi descendo as íngremes ladeiras de Gaia, sem que as pedras que saltavam, os seixos que rolavam por aqueles despenhadeiros, o fizessem vacilar de um pé, escorregar de uma mão.

Em breves minutos estavam em baixo, à margem do rio. Apeou-se o cavaleiro, e tomando da rédea o cavalo, o fez entrar, sem receio nem sobressalto, para o primeiro saveiro que ali achou. Cruzaram as negras correntes do Douro, desembarcaram à Porta Nobre, e, cavalgando outra vez o mancebo, tomou para as alturas da Sé.

O povo quieto, mas animado ainda, andava aos magotes por aquelas Cangostas, Banharia e rua dos Caldeireiros. Vasco, popular e benquisto apesar de suas intimidades no paço, ia tranqüilo pelo meio deles, desbarretando-se aos mais velhos sinais daquela benevolência e quase entusiasmo que as classes inferiores tem sempre por quem as corteja e considera sem se familiarizar com elas; por quem no seu ar e nos seus modos, não parece dizer-lhes, como os nossos modernos demagogos: “Eu sou tão bom, tão liberal, que desço até vós”; — mas antes: “Não vivo convosco, porque a nossa educação, as nossas idéias da vida são muito diferentes. Mas convosco sou de alma e coração, de braço e de cabeça, porque vosso irmão sou diante de Deus e do Evangelho, das leis da natureza e das leis da razão”.

Além disto os dois irmãos, Rui Vaz e Garcia Vaz, tinham precedido o nosso estudante na sua volta para a cidade, e não tinham perdido o seu tempo. Poucas horas lhes haviam bastado para dar à agitada e confusa efervescência do povo a direção que eles queriam, e que os outros aceitavam com ânsia e entusiasmo.

Há um vazio sempre, um oco de incerteza em todas as comoções populares, de que é fácil aproveitar-se qualquer com mediana habilidade, uma vez que esteja

de sangue frio, e lhe lance a tempo um nome, uma palavra, uma frase, seja qual for. E não importa a idéia; o que se quer é o símbolo. Da coisa simbolizada não é tempo de tratar agora, não há sossego para a examinar: depois veremos. Toma-se a palavra, o nome, a bandeirola — um chapéu de três ventos que seja, como o outro dia sucedeu em França — e vai-se para diante.

Fica, é verdade, o direito salvo para chorar depois o erro, lamentar a precipitação do momento, e conspirar cada um contra a sua própria obra; mas é tudo o que fica.

E não obstante isso, assim se fez sempre, assim se há de sempre fazer: porque o povo nunca se excita fortemente pelo bom do que há de vir, senão pelo mau e insuportável do que é.

Por outras palavras: nenhum demagogo fez nunca uma revolução com os seus programas, por mais artigos que eles tenham; todas as fazem os governos, todas as concita o poder por seus abusos e insolências.

Nem o tremendo brado das iras de uma nação diz nunca, senão: “Destruam”. A sentença de seu tribunal sem recurso é sempre: “Morra”.

Mas quem há de viver depois? — porque alguém e alguma coisa é preciso que viva; o que se há de edificar sobre essa destruição? — porque ruínas não se habitam. Aí começa o ofício do demagogo: e Deus lhe perdoe, que rara vez começa, e mais rara vez acaba em bem!

Ora os dois irmãos Vaz, como eu ia dizendo, tão ardentes e zelosos agora na causa da liberdade e dos agravos populares, quanto o tinham sido antes em defender os direitos e os tortos do bispo, cujos eram, meteram-se cada um por seu lado, entre os grupos dos artesãos e dos burgueses; e pouco a pouco tinham ido dando direção àquela imensa força, a que só ela faltava, aplicando aquele vapor, que se desperdiçava em gritarias e exclamações, à tremenda máquina da revolução que iam fazer trabalhar.

Dizia-lhe Garcia Vaz em ar de confiança, com a lástima nos olhos, e a compunção na voz:

— Que nem eles sabiam todo o mau que o bispo era, as atrocidades que fazia, as novas tiranias que meditava. Que era necessário acudir com o remédio e já. Mas que o povo precisava de proteção, de chefes, e que só el-rei podia dar-lhos. Que para fazer justiça inteira e crua, como tantas maldades careciam, só D. Pedro, o justiceiro e o cru, que tanto lhe dava mandar enforcar ou queimar um bispo, como a qualquer servo ou malato que lho merecesse. Que para as excomunhões e interditos de Roma, ele rei lá se haveria com eles, que podia.

— Mas nós queremos matar o bispo por nossas mãos — respondiam os populares: — que nos violenta as filhas e nos rouba as mulheres. Queremos enforca-lo com as tripas de Pêro Cão seu alcoviteiro: e faremos bispo o arcediogo de Oliveira, que é um santo homem que nos não há de roubar nem excomungar. Vamos buscar Paio Guterres, o nosso arcediogo. Vamos!...

— Paio Guterres — tornava o agitador — é um santo velho de quem não haveis mais do que sermões e pregações, palavras de paz e de misericórdia. Não é ele que nunca se há de por à vossa frente, que puxe pela espada e vos capitaneie para ir contra o paço, e tomar aquelas torres da Sé, tão fortes como as de um castelo roqueiro. Nada! Precisamos de um homem moço e resoluto, que seja homem de el-rei e homem do povo, mas bastante senhor para se por à nossa frente, ir buscar o estendarte da Virgem aos paços do conselho, e marchar com ele adiante

de nós. E a falar a verdade, nesta terra onde não há fidalgos, que o foral os não deixa morar cá, não temos senão um homem para isto, que é... é o nosso estudante.

— Qual estudante?

— Um que foi todo do bispo como eu fui, e que hoje o detesta como eu o detesto.

— Mas quem?

— A flor do mancebos, a jóia dos escolares, o noivo da nossa Gertrudinhas.

— Vasco!

— Esse é.

— O sobrinho de Fr. João da Arrifana!

— O próprio.

— Mas se ele é do bispo!...

— De Satanás quisera ele antes ser. Mas é de el-rei: de el-rei é, maus amigos. E sabeis um grande segredo...

Chegaram-se todos para Garcia Vaz, que, em tom misterioso de secretário de Estado comunicando gravemente uma frioleira à papalva reunião da sua maioria parlamentar, lhes disse:

— Sabei, honrados amigos, que o nosso Vasco esteve hoje com el-rei o qual veio aforrado a Grijó para lhe falar.

— El-rei em Grijó! — exclamaram todos em alto brado.

— Psiu! Que deitam tudo a perder. Está sim, mas chiu! E não lhes digo mais nada, se me não juram todos de guardar segredo.

— Juramos.

— Bem. Agora não o digam a ninguém.

— Eu só o digo à mulher, que lá essa...

— Eu só se for a meu compadre Bonifácio.

— Eu...

— Bonito modo de guardar segredo e juramento! Digo-lhes que deitam tudo a perder assim.

— É verdade; é verdade; é preciso guardar o segredo. E até quando, Garcia Vaz? A gente também não pode...

— Até esta noite à meia noite.

— Vasco é o nosso homem — continuou o orador das turbas: — ele é quem nos traz as ordens de lê-rei, de cuja própria boca as recebeu. Daqui a pouco, em sendo noite bem fechada, que se arme cada um com as melhores armas que tiver, e aqui ao pé do Arco nos juntaremos para ir aos paços do conselho buscar a nossa bandeira. Lá falaremos e acordaremos no que se há de fazer.

— Eu cá a minha coisa é que morra o bispo, e que nada de sisas nem de portagens.

— Eu não é tanto por isso; mas que Gil Eanes não seja mais juiz; que é um asno e um tratante.

— Pois eu não senhor, eu o que quero é que...

— Para lá, para lá, meus amigos: agora nada mais. Silêncio! E trate cada qual de se preparar para esta noite.

Assim interrompeu Garcia Vaz a torrente de programas que já começava a formar-se, que prometia engrossar, e que em breve se despenharia, como a catarata de Niagara, por cima da intentada revolução, deixando talvez incólume, debaixo da

imensa curva de sua projeção, aquelas mesmas coisas que mais pretendia, mais desejava, e porventura mais devera destruir.

O programa é coisa muito antiga, já vêem, não é pecha dos nossos dias.

Ora pois, se assim fazia Garcia Vaz por um lado, outro tanto fazia seu mano Rui por outro lado. De maneira que, quando o nosso Vasco assomou pelas agora tão concorridas ruas da Banharia e de Sant'Ana, não encontrou senão rostos amigos, sinais de inteligência, um como entusiasmo comprimido que não rompia em vivas porque não era ainda tempo, mas que os dava já com os olhos e com a expressão da fisionomia.

Vasco bem percebia o que andava no ar, e posto que o amor-próprio lhe folgava — como era natural na sua idade, e na virginal ignorância em que ainda estava das coisas políticas — todavia sua alma escolhida e superior sentia aquela invencível melancolia que deixam todos os triunfos deste mundo, sejam eles do fórum ou da academia, da tribuna ou do salão.

Vanitas vanitatum, et omnia vanitas!

Vasco não sabia isso, nem o sabe ninguém antes de experimentá-lo; mas sentia-o, pressentia-o, adivinhava-o. Fatal privilégio das organizações belas e elevadas, que em tudo, até neste funesto adivinhar, tão caro pagam sua tão mal invejada superioridade sobre o vulgar dos homens!

Vasco ia triste e pensativo; e o generoso alazão parecia ressentir o estado de ânimo do seu cavaleiro, balançando as orelhas baixas e caídas, enquanto subia, a passo lento e grave, a tortuosa rua de Sant'Ana.

Iam quase chegando ao Arco, quando um estribeiro do bispo, montado em poderosa mula, vinha trotando largo e rasgado na mesma direção. Conheceu-o Vasco ao passar por pé dele, e fazendo-o parar, saltou do cavalo e lhe atirou com as rédeas:

— Leva-o às cavalhariças; e que o pensem bem, que o precisa.

O estribeiro seguiu seu caminho, levando de rédea o alazão; e Vasco entrou em casa da nossa boa Gertrudinhas, de quem te confesso, amigo leitor, que já tenho saudades. Se te sucederá a ti o mesmo?

A ser assim, perto estamos todos de as matar, as tais saudades, porque no seguinte vamos entrar em sua casa também nós, ou para falar mais corretamente, na de seu pai, mestre Martim Rodrigues, caldeireiro de seu ofício, juiz e magistrado municipal da muito nobre, sempre leal e invicta cidade do Porto, à qual eu fiz dar e confirmar todos esses títulos, eu que copio esta crônica do Ms. Dos Grilos.

Fiz sim, em um decreto por mim lavrado no mais retumbante estilo de proclamação patriótica, reta pronúncia e frase de brasão. Nesse decreto, que o meu amigo M. P. Propôs à régia aprovação, e a obteve, lhe reformamos as Armas, lhe demos a insígnia da Torre-e-Espada, lhe colocamos, em escudo de honra, no meio, o Coração de D.Pedro... Mas dizem os barões do Porto que nem um nem outro honramos a memória de D.Pedro, que somos demagogos e não sei que mais...

Os barões da minha querida terra parece-me que são como os mais barões de Portugal e ilhas adjacentes: convém a saber... Isto é, são barões, e tudo está dito.

CAPÍTULO XXIII

GERTRUDES

Era já o fim da tarde quando o Sr. Vasco subia as precipitosas escadas de mestre Martim, e batia as palmas junto à porta do primeiro andar. Uma voz bem conhecida, cujo trêmulo trilo, uma vez ouvido, nunca mais esquecia, perguntou de dentro:

— Em nome de Deus, amém! — Quem está aí, e a quem é que procura?

— De paz é — respondeu o nosso estudante.

— Paz, paz... Bom dia de paz vai este em que tudo é guerra, alvoroço e perdição; em que se roubam as mulheres a seus maridos, às próprias barbas da senhora Sant'Ana e do seu arco milagroso; em que o popular anda tão mexido e altanado, que Deus nos acuda!

— Tia Briolanja, sou eu.

— Sou eu... e tia Briolanja!... E tão requebrado que ele fala! ?Má hora, que me eu deixe enganar de teus requebros, meliante, quem quer que tu sejas. A boa porta vens bater. Olha quem, eu! Uma casa de duas donzelas... Pois não? E seu pai fora! Que lá estão nas casas do conselho todos ainda, e lá lhe foi seu jantar a mestre Martim, coitado! Que bem pouco lhe havia de prestar com tantos cuidados que lhe caíram em cima. Jantar, jantar... E pelo que estou vendo, lá lhe tem de ir a ceia também...

— Mas, tia Briolanja, abri-me por quem sois, que preciso falar com Gertrudinhas.

— Nem Gertrudinhas fala agora a ninguém, nem Briolanja lhe abre a porta. Estamos em câmara, salvando a pátria; talvez nem dormir venhamos a casa; não falamos a ninguém.

— Mas por isso mesmo, tia Briolanja, por isso mesmo é que é preciso que eu fale já com Gertrudes. Olhai que sou Vasco.

Mas a velha, surda a rogos e expostulações, surda de seu natural, e mais surda ainda do palrear incessante com que a si mesma se aturdia os ouvidos, a velha Briolanja, doida com a idéia de que a viessem roubar a ela... — E aqui aplicará talvez algum maganão o verso de Bocage:

Doida por vê-lo, e doida por não vê-lo;

Isto é, doida com o susto de que sim e de que não lhe sucedesse a fatal aventura — a velha, digo eu, não queria abrir, não reconhecia a voz de Vasco. O mancebo, despeitado e impaciente, já estava resolvido a empregar os meios extremos, quando Gertrudes, que no andar de cima pensava e acalentava o filho de Aninhas, adivinhando-lhe o coração que aquele parlamentar de Briolanja podia ser com o seu estudante, desceu rapidamente a escada interior, e chegando-se à velha:

— E Jesus, Briolanja! Com que medo estais, mulher! Irei eu à porta, que me não temo, seja de quem for.

— Menina, menina, que estais perdida! São eles, menina, gente do popular que anda por aí de porta em porta roubando matronas e donzelas, fazendo mil desacordos e desaguisados para porem depois boca... Deus me perdoe, que não quero dizer em quem. Não abra, menina...

Mas Gertrudes já tinha destrancado a porta, corrido o ferrolho, e já Vasco estava de um pulo dentro da casa, e nos braços quase da linda caldeireira, quando a velha, persignando-se, e repetindo jaculatórias e abrenúncios, tratava ainda de defender a cidadela... Que já era tomada.

Quando digo “tomada”, inda assim, entenda o conspícuo leitor que quero falar das obras exteriores; porque Gertrudinhas era moça de brio e honra; e o que não é mais decerto, mas faz talvez mais ao caso, Vasco soletrava ainda o inocente a-be-ce dos seus primeiros amores.

Os dois já não viam nem ouviam senão um ou outro.

— Vasco!

— Gertrudes!

— Quanto me tardaste!

— Sim?

— E o que por cá tem ido desde que partiste!

— Já tudo sei.

— E o remédio?

— Esta noite.

— Esta noite! Mas aninhas ainda está em poder do bispo...

— Que lhe não tocará num cabelo de sua cabeça.

— Por que?

— Porque a meteu no aljube; e no aljube quem governa é Paio Guterres, que responde por ela.

— Ai! Não a dou por segura nem assim: o bispo não tem respeito a nada, e Pêro Cão tem unhas e garras de vivo demônio que é, para a sacar pelas mesmas grades do aljube.

— Descansa; nenhum mal lhe sucederá desta vez. E nunca mais, se as coisas correrem como eu espero. Ouve.

E começaram a cochichar baixinho numa longa conferência, em que, de vez em quando, lá surdia mais alto uma palavras que outra. Gertrudes principalmente, que era mulher, filha e amante, não podi já conter a voz que se não levantasse:

— E meu pai, se lhe sucede alguma coisa! E tu... ai! Tu, Vasco, se nesses tumultos... Toma vem cuidado nele e em ti. Jesus! Se te atraiçoa essa gente? Atraiçoar, não; não são dados a isso. Mas são tão sujeitos a desanimar, os populares, e a variar de intento. Tem toda a mesma inconstância de que nos acusam a nós mulheres... Mas reparo numa coisa, Vasco: estás triste, pensativo, tão fora do teu natural! Que tens tu?

— Não sou feliz, Gertrudes.

— Por que?

— Oh! Não. Duvidaria antes do sol que me alumia, da terra que me sustém.

— E dantes dizias tu que eras tão feliz só com essa segurança! Davas-te por tão venturoso só na idéia de te livrares do poder de Fr. João e do bispo, para não seres cônego, e para que meu pai consentisse... Ai Vasco! Agora que tu tens a el-rei por ti, e a meu tio, e que tudo nos corre como nunca nos atrevemos a imagina-lo, agora estás tu triste, agora me dizes que não és feliz!

— E para maior desgraça, nem te posso contar minhas tristezas, nem te posso dizer... ao menos por agora, não posso.

Ambos puseram os olhos no chão, ambos caíram no desanimado silêncio da melancolia, que tão fácil se comunica de um coração ao outro, entre dois que se amam.

Por que estará triste, que segredos tem ele para mim? — Dizei-me, leitoras belas, se não há neste só pensamento com que fazer pensativos os mais levianos e adoidados dezesseis anos; descorar as faces de Hebe; por jaças de feia tristeza na mais alegre esmeralda, névoas de melancolia na mais risonha safira que se engastem em pestanas de ouro ou de castanho.

A nossa Gertrudes porém não era loira nem castanha, não eram de safira nem de esmeralda os seus belos olhos, senão tristemente negros, negros e longos, como uma longa noite de inverno, tristes como ela, sujeitos, como ela, a variar de uma intensa e inquieta vivacidade, para a languidez da moleza que a alterna.

Não vão agora pensar por isto que era morena a minha Gertrudes. Eu não sou forte em morenas; professo a regra de que — mulher branca, e homem preto... Enfim, Gertrudes era alva e fina, negra de olhos e negra de cabelos; e pudera chamar-se Isaura, Matilde, Urraca ou Mumadona se vivesse em um castelo com ameias e ponte levadiça, porque tinha fidalguia no corpo, no rosto e na alma para mais do que isso. Chamou-se porém Gertrudinhas, e morava na rua de Sant'Ana, nasceu burguesa porque assim tinha de ser. Não é minha culpa. Todos os dias se vêem maiores desacertos do que este por este mundo.

Já disse lord Byron que a verdade era muito mais estranha que a ficção. E é. Sei de princesas fregonas que tresandam á lójia de mercearia, e tenho visto silfas aéreas balançar-se vaporosamente num balcão de quinto andar perto de céu.

A aristocracia — não falo aqui do nosso sexo feio, senão do belo somente — a aristocracia era uma instituição admirável, se houvesse todos os anos um júri seleta e imparcial para regular quem havia de entrar para ela e sair dela. Peço para ser vogal do júri... Mas declaro desde já que não voto em gordas, nem tolas, nem beatas — mas devotas sim — nem as donzelonas que afetam quinze anos, nem as invejosas, nem nas mexeriqueiras, nem nas que vão ao banho de calcinhas e josézinho curto... Nem nas que polcam depois dos trinta bem feitos, nas que cantam a Saloia, que lêem o Visconde de Arlincourt ou versos de... Alto! De versos não falo por causa daquele telhado de vidro que todos sabem.

Pobre da minha Gertrudes! Que ali está tão triste, e triste o seu Vasco... E eu a entreter-me em semelhantes frioleiras sem lhe acudir! Bem pudera o sábio Artemidoro, supremo juiz dos andantes historiadores, castigar-me severamente pelo mau croniqueiro que sou, que abandono meus heróis em meio de suas aventuras e me vou flandar por essa perpétua feira das vaidades humanas que tanto me diverte. Tristes estavam os dois, e nem falavam, nem se olhavam, nem sei se muito pensavam; mas sentiam doer-lhes a alma daquela dor surda e mole que mói, mói e não mata — ou se chega a matar, é já tão depois, que nem se sabe de que morreu esse que dela morre. E os médicos dizem: “moléstias do coração!” ou: “apoplexia fulminante no cérebro, no bofe!” — Morreu de penas, Dr. Tirteafuera, morreu de pesares, Dr. Sangrado, morreu de aflições e desgostos, Dr. Sintaxe; mas vós não pescais disso, não curais disso; e a metade dos que morrem, mal da alma os mata, não do corpo.

Gertrudes, como mulher que era, e com mais elasticidade de ânimo portanto, foi a primeira que sacudiu fortemente o seu espírito daquele torpor doloroso, e levantando-se em pé, disse:

— Vasco, vai, que são horas. Salvas Aninhas e tomo cuidado em meu pai.

— Gertrudes, adeus! — disse o estudante ainda melancólico e pensativo. Mas com a súbita revulsão de espírito, que é tão fácil e pronta naquelas idades, e tão natural era a seu gênio alegre, e ao temperamento saltitante de seus nervos, já da porta onde estava com a mão no ferrolho, voltou atrás, e sorrindo-lhe os olhos, desanuviada a face, exclamou:

— Gertrudes, isto são bruxas más que andam entre nós. Leve a breca feitiços e maus olhados, cachopa! E dois trincos para o demo das tristezas, que eu não posso viver sem ti, e sem te ver risonha e alegre como um céu aberto!

— Meu Vasco!

— Minha Gertrudes!

— Querido!

— Sabes tu, Gertrudes da minha alma, que me tomara eu ver outra vez o descuidado e insignificante estudantinho que eu era? Que me pesa a minha importante pessoa? Que reis e bispos, senhores e comunais, todos eles juntos não valem a pena de se cortar a gente o coração, viver fora de si, e correr após de fantasmas, a qual mais vão, mais falso, mais enganador? Se a glória é assim, se a grandeza não é mais que isto...

— Querido Vasco, tens razão: mas é da honra da nossa terra que se trata, da sua liberdade, de salvar uma inocente da vergonha e do opróbrio. Desafrontar os oprimidos, castigar o orgulho dos opressores, esta é a glória que não pode ser falsa nem vã. Ânimo, Vasco, e a eles!

— A eles me vou, a eles me vou!

E saltando e pulando, e rindo e folgando, pela escada abaixo se foi cantando:

E com esta boa folha,
Por minha dama o juro,
Que não fica mouro vivo
Nem alcaide nesse muro.

Vasco, todo inteiro o nosso estudante Vasco, reverdeceu e reanimou naquele instante, e se foi voando nas descuidadas asas de sua feliz juventude.

Gertrudes foi à janela para o ver sair e lhe dizer ainda mais um adeus com os olhos, vê-lo voltar a esquina, e daí outro adeus ainda... o último: port-scriptum de longa carta de amores, que desperdiçou páginas e páginas inutilmente... — peço perdão, minhas senhoras, inutilmente não, mas em repetir e repisar o já sabido e ressabido — e aproveita agora o derradeiro cantinho do papel para dizer, o que mais queria, o que só queria dizer, e não disse, em todo o estirado corpo do imenso e recruzado cartapácio.

CAPÍTULO XXIV

BRIOLANJA

Admirado estarás, leitor benévolo, se, com a atenção que ela merece, tens seguido o fio de minha interessante história, admirado e pasmado deves estar de que no precedente diálogo, assaz prolixo e demorado como foi, não viesse intrometer-se nunca terceiro interlocutor, achando-se aí presente em própria pessoa não menos poderosa e palrante criatura do que tia Briolanja Gomes, o vocabulário ambulante, a verdadeira prosódia do bairro e de toda a cidade de Porto. Mas o fato é

que aí estava, que não dormia, e que, pela primeira vez, nos sessenta e sete anos de sua palrada existência, consentiu em estar em cena como pessoa muda.

Muda! Como? Impossível. A terra segue a sua rotação ordinária, giram os astros em sua órbita prefixa, os rios correm para o mar, em coisa alguma se transtornou a ordem da natureza, as imortais leis do universo continuam a rege-lo: é inexplicável, impossível a mudez de Briolanja Gomes. Briolanja Gomes respira, Briolanja Gomes fala: a sua língua, os seus lábios, todo o seu aparelho parlatório não podem existir sem funcionar.

É assim era. Com uma enorme almofada de renda no colo, encruzada no estrada ao canto da casa, discriminando bilro de bilro, pregando alfinete contra alfinete, Briolanja fazia renda e rezava: rezava sua interminável série de rezas e jaculatórias, que só ela sabia tantas, tão variadas, e tão eficazes também — porque as havia em seu receituários para todos os casos emergentes, para todos os santos possíveis, para todos os dias do ano, e para todas as horas de cada dia de cada ano.

Naquela espécie de órgão-de-berbeira, havia registros e cilindros para tudo, nem ele podia cessar jamais, senão parando-lhe a manivela por que cessasse a vida.

Briolanja pois vivia e rezava: e o que ela rezava agora era um longo e potente esconjuro contra bruxas, feiticeiras, maus olhados e quebrantos, floreado de seu latim de abrenúncios e vade-retros, não sem algumas pinceladas de grego também em Kyrie Eleisons, Christe Eleisons, Ágios e theos, e outros helenismos de breviário, que a douta Briolanja pronunciava de modo que nem Oxford nem Cambridge são capazes de mais arrepiar a língua de Homero e de Virgílio.

Não tardou Gertrudes em reparar no que nós mesmos estamos reparando, leitor amigo, porque apenas voltou da janela e deu com os olhos na sua dona:

— Aí estáveis vós, Briolanja?...e sem ninguém vos ouvir a fala! Que sucederia neste mundo?

— Não falo eu, filha? Não, não falo!...mas com quem devo e posso e mister é que eu fale. Que nos entrou quebranto em casa; e, ou eu não sou quem sou, nem sei o que sei, ou a poder que eu possa, o hei de desfazer. E já ele vai talhado, que esse moço...outro saiu daqui agora do que entrou.

— Que quereis dizer?

— Que Vasco, de donde quer que vinha, vinha quebrantado de mau olhar que lhe deram. Renego eu de bruxas e de seus feitiços! São Bento as tolha por maus aranhões peçonhentos que são, e más teias que tecem! Amém! Mas o rapaz viu a bruxa, isso viu ele; e chupado vinha delas como das carochas. Kyrie Eleison! Deus fale à minha alma!... Vai-te e não tornes, e no tornar te afundas. Olha o inimigo o que havia de enredar! Se lho conhecerá Fr. João da Arrifana, que o benza e vareje logo com boas varas bentas que lhe sacudam o demo bem sacudido!

— Jesus, Briolanja, que dizeis? Embruxado o meu pobre Vasco!

— Embruxado vinha; sou eu que vo-lo digo: na cara lho conheci mal que entrou, e no olhar despartido que trzia. Não são meus olhos que em tal se enganem; e por isso lhe pus logo o remédio, que as moí e as ralei aqui as excomungadas.

— A quem moestes vós, mulher?

— As bruxas, filha, as bruxas, que as martelei a bom martelar. Pudera não! Com três da cova de São Patrício de Irlanda, três do buraco de são Tiago de Compostela, três da Santa Casa Do Loreto, são nove esconjuros que lhe arrumei, a

qual mais for te. Vede-me a cara com que se ele daqui foi, e dizei-me se era a mesma com que entrou.

— Verdade é que ele...

— Outro foi, melhor foi. E se em chegando a casa, Fr. João lhe cumprir com o que deve, grande mal não haverá, porque o rapaz é bom e temente a Deus. Só aquele bem mau sestro que tem, é que...

— Tem mau sestro! Qual, mulher?

— Aquela cisma de querer ir às covas de Salamanca. Ai menina! Tirai-lho da cabeça, que é tentação visível de bruxaria, e mostra jeito para as más artes do demônio.

— Briolanja, Briolanja!...— exclamou de repente Gertrudes, interrompendo-a: que ruído é este? Tanto tropel de povo! Que teremos agora? Ai; se... Mas já!...

Era na verdade tremendo o estampido que subitamente estalou e foi ecoando pela sinuosa rua, com um rebôo de vozes, de aclamações tumultuárias, que faziam tremer os velhos edifícios.

Acudiram ambas à janela. O tumulto era grande; mas distintamente se ouvia, por entre o confuso alarido das gentes, um brado quase regular de:

— Viva o nosso capitão! Este queremos, e não outro.

Depois outras vozes, que também pareciam concertadas, gritavam:

— O estendarte da Virgem, o nosso estendarte que o tome ele!

— Vamos busca-lo. Vamos tirá-lo aquele potrosos dos juízes, aqueles capões sem honra nem vergonha!

— Que beijaram a mão do bispo!...

— Em vez de o emprazar para que nos fizesse justiça.

— Abaixo com eles, e viva o nosso capitão!

— Viva el-rei D. Pedro!

— Viva, viva, viva!

Aqui os vivas foram estrondosos e furibundos. Bem se via que eram dados a quem tinha poder para os aceitar e retribuir.

Depois dos vivas, os morras: é do ritual.

— Morra Pero Cão!

— Morra.

— E o bispo enforcado.

— com a cabeça para baixo, por causa dos santos óleos.

— Isso, rapazes. Respeito à santa madre Igreja, não tocar na cabeça do bispo, que é sagrada.

— No pescoço, sim. Ah, ah, ah!

la crescendo o tumulto, e iam-se ouvindo mais claros e distintos os brados da multidão, porque ela se ia aproximando do Arco da Senhora Sant'Ana, onde parece que todo o movimento daquele dia tinha de concentrar-se: como se a santa, ofendida pelo inaudito desacato que ali se tinha cometido, ali quisesse ver rebentar os tremendos efeitos de sua justa indignação.

— Ao Arco! — bradou uma voz de estendor — Ao Arco da santa! Ali o haveremos de alevantar e jurar por nosso caudilho e capitão.

— Ao Arco! — respondeu a multidão.

E os arames estridentes dos caldeireiros, que de novo se tinham insurgido, retiniram desacordemente; as padeiras de Avintes e de Valongo traçaram as capas e bateram os socos. E os gaiatos, raça heteróclita de todos os tempos e de todos os países, uivavam, assoviavam e tripudiavam, adiante, atrás, em derredor da bernarda, suas delícias.

A chusma, entalada nas estreitas ruas por onde vinha, redobrava de ímpeto e refervia no aperto; como rio caudaloso que, oprimido em acanhado leito de rochedos, muge e brada turbulento, apressurando sua corrente para o plaino, onde possa espreguiçar as águas à vontade, e folgar desafrontado com as areias da campina.

CAPÍTULO XXV

REVOLUÇÃO

No intervalo se sossego ou de reflexão que a revolta tinha tido desde que se aquietara às portas da Sé com as promessas de Paio Guterres, era bem visível agora que ela se tinha estado organizável uma revolta — e que se tinha convertido em revolução.

Nascida, como todas as revoluções verdadeiras e conscienciosas, de uma forte, legítima e justa indignação popular, nascida sem parteiras nem comadres, pelo mero e espontâneo impulso da natureza, — tinham depois tido tempo as ditas comadres e parteiras de a pensar e enfaixar a seu modo. Não tinha mais força agora do que quando nascera; bem visto, menor seria talvez. Mas então sem objeto distinto, sem direção bem aplicada, as suas forças originais derramavam-se e perdiam-se como as de um grande rio no areal que o serve. Agora, por menores que fossem, vinham concentradas e dirigidas a um ponto dado, o poder de sua presença era imenso, capaz de mover montanhas.

Os irmãos Vaz tinham trabalhado bem; o nome de el-rei valia muito, as suas promessas eram formais e poísticas; enfim, repito, a revolta estava feita revolução.

Já a mesma marcha e compostura da multidão mostrava outro aspecto; os gritos e aclamações tinham certo regulamento; e as próprias vozes do arame agitador, que de manhã retiniam cada uma para seu lado, se misturavam, sem tom nem som, sem compasso nem harmonia, com o vozear do povo, agora tinham seu tal ou qual concertante, tocavam mais fortes nos cheios, nos coros, mais piano quando, para assim dizer, acompanhavam alguma jaculatória revolucionária de poucas vozes; e faziam enfim silêncio, tinham seus compassos de espera, quando algum orador popular executava um solo que devia ser bem distintamente ouvido.

À frente do tumulto marchava uma espécie de São Cristóvão, homem alto e menbrudo, de grenha embaraçada e ruiva, as mangas da camisa arregaçadas e manchadas de sangue, nu de braços e pernas, e o cutelo pendente ao lado. Es te era Brás Marchante, o carniceiro e fressureiro de ao pé da Sé, que levava hasteada em alto poste a cabeça ensangüentada de um enorme dogue ou cão de fila, coroada de uma mitra de cartão bastante bem feita, e daí flutuando em guisa de pendão, muitas varas de assopradas tripas, antigo símbolo de alcunha e de glória, de chacota e de presunção, para a nossa boa terra. O meio horrível, meio burlesco, estendarte, vinha rodeado de uma multidão de gaiatos, que eram como os tiplees daquele coro infernal, as requintas daquela orquestra diabólica: todos eles, uns

ganiam outros uivavam, outros ladravam e latiam, e logo dirigiam mil injúrias, chufas e vitupérios à mitrada cabeça do dogue. Alguns eram ditos graciosos, não flatos de espírito, e que mereciam nozes e confeitos em um triunfo romano; outros, pragas horríveis que faziam arrepiar as carnes. De vez em quando a solta massa desta ladainha de chufas e maldições se reunia e concentrava numa trova, grosseira sim mas feita de arte, e que bem mostrava não ser inteiramente espontânea aquela demonstração popular, senão que já tinha sua direção e contra-regra.

Ei-la aqui a trova — ou o hino para falar em língua revolucionária moderna:

*Béu, béu, béu! Tira o chapéu,
Que aqui vai dom Pêro Cão!
Hãõ, hãõ, hãõ! Só canzarrão!
Tão ladrão é o bispo como o Pêro Cão.
Cain, cain, cain!
Diz-lhe o bispo assim:
— Por que ganes tu, meu fiel mastim?
São os caldeireiros que vem sobre mim.*

*— Deixa-os, deixa-os, Pêro Cão.
Disse o bispo ao mau ladrão:
Que eu te deito esta benção,
E te faço bispo cão.
Se eu sou bispo barregão,
Bispo mouro e mau cristão,
Que importa que o seja um cão?*

*Hãõ, hãõ, hãõ!
Bispo temos barregão:
Que importa que o seja um cão?*

*Béu, béu, béu! Tira o chapéu,
Que aqui vem dom Pêro Cão!
Hãõ, hãõ, hãõ, só canzarrão!
Tão ladrão é o bispo como o Pêro Cão.*

E aqui um martelar de arames e latões capaz de encher as medidas, de saciar a sede deste metais, bem pouco preciosos, que devora as entranhas do nosso amigo Meyerbeer, cujo tímpano escaldado e gretado creio que nem já o carrilhão de Mafra era capaz de fazer vibrar.

Atrás dos gaiatos, cantores destas loas, marchavam, como de razão, os menestréis caldeireiros. Estes, como digo, acompanhavam e fundamentavam com seus instrumentos a música vocal da revolta.

Bem sabes, amigo leitor, que nós não fazemos revoluções, contra-revoluções ou coisa que o valha, sem hino. Somos uma nação harmônica, essencialmente harmônica, harmônica a ponto que, tanto mais se acha tudo em desarmonia e desacordo entre nós, tanto mais precisamos de nos mover ao compasso de patrióticas cadências.

Nenhum povo do mundo se pode gabar de possuir tão rica e vasta coleção de hinos patrióticos; tão belos todos, tão originais, tão excitantes, que dariam inveja ao próprio Tirteu, ao demagogo Alceu, e cujas palavras — não somenos das notas — deviam passar à posteridade gravadas nas nádegas das sereias do Passeio público

de Lisboa, ou na fachada do teatro Agrião, ou embrechadas — que mais seguro era ainda — pela mais bela das belas artes Eusébias, no mosaico do Rocio. Seja onde for, mas quero vê-las consubstanciadas, associadas por qualquer modo, a um dos grandes monumentos de arte contemporânea que hão de immortalizar o século dos nossos Péricles.

Seguia-se a trubamulta do povo armado; uns de cota e celada, outros só de morrião. Foice este, lança aquele, espada estoutro; de aqui alabarda, de além vinha a escuma ou azevã.

Barbeiro houve que, sem esperar três séculos por D. Quixote, tinha descoberto que a sua bacia era o elmo de Mambrino, e a encaixara na cabeça. Tal taberneiro levava no mesmo sítio um funil; panelas muita gente. Havia um sem-número de tachos servindo de rodela. O tipo caldeireiro da revolta dominava e predominava em tudo visivelmente. No meio deste labirinto de gente armada, mal armada de suas armas exteriores, fortemente armada da energia interna de sua alma, do seu rancor, e para dizer toda a verdade, da imensa justiça de sua causa — claramente se distinguia um grupo mais saliente e luzido que os outros todos, pela formalidade e elegância do traje em uns, pela regularidade da armadura em outros. Era quase toda a companhia dos alabardeiros do bispo, que Rui Vaz e Garcia Vaz tinham feito desertar para as fileiras populares.

E à frente destes iam os dois irmãos, levando entre si um mancebo guapamente vestido, mas de um traje meio de galã meio de clérigo, o traje de um elegante escolar daqueles tempo — traduzamos em língua de hoje: um estudante leão.

Para logo o conheceu Gertrudes, que estava vendo passar tudo isto da sua janela, e um grande susto a tomou ao ver realizado o concerto de seus planos: como sempre sucede aos maiores entusiastas quando, chegado o momento decisivo, vêm, no perigo até ali buscado e desejado, aqueles a quem mais querem.

Também não tardou a reconhecê-lo Briolanja; e acelerando nos dedos o movimento das contas, quase sem interrupção das ave-marias e padre-nossos que ao mesmo tempo rosnava, aia misturando ralhos e rezas, como era seu modo.

— Que estais no céu, santificado... Não no disse eu, menina? Seja o vosso nome... Ele é, Vasco!... Venha a nós o vosso reino... Gertrudinhas, filha... Seja feita a vossa vontade... Fr. João da Arrifana que o não benzeu... Assim na terra como no céu... Pobre rapaz! Cair no poder dessa gente?... Gloria patri et filio... Ai filho, quem te há de tirar das mãos desses fariseus!...

E assim continuou em seus parêntesis a tia Briolanja, sem quebrar o fio da coroa que rezava, nem deixar as coisas dêste mundo, que tão fortemente a preocupavam sempre, apesar do outro.

Estava a rua toda apinhada de gente. Defronte do arco e para o lado de que está o altar da Santa, os archeiros fizeram alto e conseguiram arredar a espessura da multidão.

Rui Vaz correu o ferrolho da porta de Aninhas, e subiu com Vasco ao primeiro andar, chegando à janela com êle, e fazendo daí *rostrum* ou tribuna de suas arengas:

— Aqui — bradou — aqui, meus amigos, diante deste bendito arco, na presença da santa mãe da mãe de Deus, aqui onde o agravo foi feito, aqui juremos a vingança dele, e aqui demos preito e homenagem ao caudilho que escolhermos para nos dirigir e capitanear.

— Bem, bem! Isto é falar.
— Bons amigos e vizinhos, juremos obedecer-lhe em tudo e por tudo.
— Isso agora muito é — disse uma voz resmungona dentre as turbas.
— Em tudo, em tudo! — clamou a multidão entusiasmada e sem saber o que clamava.

Enquanto ele fôr por nós — continuou o dos escrúpulos; — e tratar da nossa fazenda como cumprir...

— Está visto: pudera!
— E se não, não.
— E se não, não.
— Alto lá — acudiu Rui Vaz, que viu começar a sacudirem-se pelos ares as ressoantes bexigas da doidice popular:
— Alto lá! Se já começam as desconfianças e ciúmes que sempre danaram e perderam quanto é do povo, e por fim o entregam fraco, dividido e exausto, em mãos dos poderosos, que não precisam mais trabalho para dominar sôbre nós, senão esperar-lhe a vez, que nunca vem tarde... Então deixemo-nos disto. Péro Cão que nos roube quanto quiser, o bispo que nos leve quantas mulheres e filhas se lhe antolharem... Aninhas que se deixe estar no paço ou no aljube ou onde quer que está... E Afonso de Companhia *que se los coma com pan*, como diz o castelhano... Ou que os doure e os traga por fora do barrete, como fazem senhores quando el-rei lhos prega... Cada um por si e Deus por todos. Quem lhe comer que se coce; e a quem lhe armarem a testa, que marre onde quiser e em quem quiser; que eu, por mim, já me não quero meter em danças que hão de acabar em certo baile de três paus que eu sei, e Péro Cão batendo o compasso no meu cachaço, para mais sabor lhe dar.

Um murmúrio geral de descontentamento correu pela multidão.

— Nada, meus amigos — continuou o singelo orador, singelo, mas arteiro ou artista bastante para conhecer o efeito que tinha produzido: — Nada, nada, aqui não há senão pegar ou largar. Precisamos de quem nos acaudilhe nesta arriscada empresa em que nos metemos. Os nossos juizes e vereadores são os que sabeis. Fidalgos não os queremos, nem aqui os há. Os nossos não são para isso. Sabeis o que esta tarde vos disse?... O segredo?...
— É verdade, o segredo. Que vem aí...
— Quem é que vem, quem é que vem?
— Silêncio! Que ainda não deu meia-noite.

Mas de ouvido em ouvido, e no maior segredo. foi passando a grande nova de que el-rei D. Pedro estava em Grijó, e de que aquela noite entraria disfarçado na cidade, se o povo se apoderasse do castelo da Sé.

— Pois bem — continuou Rui Vaz: — minha tenção era que escolhêssemos um mancebo capaz, amigo de el-rei, com ânimo e coração para se pôr à nossa frente, e puxar pela espada ou pela língua, segundo for mister. Mas corno o não querem...
— Queremos, queremos.

— Pois, se o quereis, e se ele nos há de guiar e governar enquanto durar esta pendência, é preciso que tenha poder, e que lhe obedeçamos todos. Juramos, ou não juramos obedecer-lhe?

— Juramos, sim, juramos.

— E que por dá cá aquela palha, porque se foi assim ou se foi assado, não havemos de entrar em questões e parlamentos, e a esgrimir de língua e de parola, quando é preciso esgrimir coa espada?

— Sim, também juramos. Tem razão Rui Vaz! Viva o nosso capitão!

Qual outro Marco Antônio, Rui Vaz vinha preparado para esta cena da investidura. Mais feliz porem ou mais prudente que o romano orador, ele não ofendeu, com o símbolo do poder que queria conferir, a ciosa majestade das turbas soberanas. Sacou de um pano, em que a trazia envolta, uma formidável espada de cavaleiro, cingiu-a à cintura de Vasco, desembainhou-a depois, pôs-lha na mão; e inclinando-se como quem lhe fazia preito disse para ele:

— Tomai esta espada, senhor Vasco, e jurai pela sua benta cruz, pela Virgem padroeira da nossa cidade, e pela bem-aventurada Sant'Ana que nos ouve, jurai de vingar nossa afronta e de punir por nossos direitos.

O que neste momento passava pelo ânimo de Vasco, não é fácil dizê-lo: tantos eram e tanto se lhe atropelavam os pensamentos encontrados de seu espírito! Gertrudes porem, Gertrudes que estava defronte, cujos olhos animados, cuja fisionomia resplandecente diziam o quanto ela triunfava naquela ovação popular do seu amante — Gertrudes dominava tudo, seu amor vencia todo outro sentimento. Ver-se ele, estudantinho sem nome ainda, elevado de repente a tanta autoridade e poder na presença daquela mesma cujos olhos mais queria brilhar! ... Esta grande realidade têm os fátuos sonhos da ambição; este é verdadeiro e certo gozo que vale bem a pena descontar depois por dias e anos de cruéis desapontamentos.

O nosso estudante sentiu por todo o seu corpo aquele estremeção nervoso que dá a faísca elétrica da ambição, quando é a nobreza, quando é a poesia dos sentimentos elevados que sobre nós a descarrega. Os olhos ardentes, o rosto afogueado, o coração batendo-lhe forte na arca do peito, levantou o braço da espada e erguendo-a acima da cabeça, pronunciou com voz sonora e vibrante:

— Que me ouça Deus e me ajude! Assim juro aqui, onde a nossa cidade foi desonrada e insultada, diante da santa imagem que nos ouve... Aqui onde está o melhor de meu coração, e onde eu quisera ter mil vidas para asselar com elas a minha fé e o meu juramento — juro que hei de levar a cabo esta empresa, desafrontar os nossos vizinhos e amigos, vingar a nossa injúria, e restituir a liberdade ao povo oprimido.

O gesto, o som de voz, o ar inspirado e comovido do jovem orador — mais ainda que as suas palavras — entusiasmaram a multidão. Uma torrente de vivas, de aplausos furiosos rebentou do seio das turbas, e foi a solene aceitação do juramento com que o tomaram por seu caudilho e capitão.

— Agora á casa do conselho! — disse Rui Vaz. — Vamos buscar o nosso pendão, o estendarte da Virgem.

— Vamos! — bradaram todos.

— E de caminho, — disse um daqueles salvadores da pátria que nunca faltam para dar alvitre infames quando lhes parece que o podem fazer sem risco de suas pessoas: — de caminho deitaremos das janelas abaixo os nossos potrosos juizes.

— Quem foi esse que falou? — bradou Vasco: — quero ver-lhe a cara, e que saia bem a claro com a sua infâmia.

— Este foi, — disseram três robustos caldeireiros que para logo filaram e sacaram a terreiro a ingoiada e mal roupida figura de um alfaiate remendão que todos conheciam por viver das migalhas do tinelo do bispo, e por ser quem mais se curvava a caía de ambos os joelhos no chão para receber a apostólica bênção quando o despótico prelado sucedia de passar. Também logo ali se soube — o que é que se não sabe neste mundo! — que morava numas casinhas de Rio-de-Vila que lhe dava a caridade de mestre Martim, um dos tais juizes por ele condenados á Rocha Tarpéia, a troco de um mau chapeirão que alguma vez lhe fazia, de algum ferragoulo velho que por acaso lhe consertava.

— Que me desarmem esse mau homem — disse Vasco — e mo prendam. O povo não quer tais defensores.

— Bem dito! E viva o nosso capitão!

Se todos os chefes populares soubessem e ousassem reprimir assim os aduladores das más paixões, os sicofantas do povo — que os há nas praças como nos paços, e onde quer que está o poder, estão eles — há muito que o despotismo não existia na terra. Bem nasce em todos os climas a semente da liberdade; mas desde que lhe germinam as folhas seminais, há de haver um Washington que a monde, a ampare, ou os espinhos são tantos logo, tantos os cardos e abrolhos, que a afogam.

Gertrudes, a nossa entusiasta Gertrudes, calam-lhe as lágrimas de satisfação ao ver como o seu Vasco sabia usar generoso de um poder de que tão natural é sempre abusar-se.

Sorriu-se para ela o amante, e fazendo-lhe um sinal de adeus que só dos dois foi percebido, alçou a voz para as turbas e clamou:

— Marchemos, amigos. Ordem! e que não haja desmando, nem se faça desaguizado a ninguém.

— Viva, viva! Marchemos! — respondeu a multidão entusiasmada.

Vasco desceu rapidamente a escada da casa de Aninhas; qual foi a sua admiração, ao chegar à porta da rua, de encontrar ali aparelhado e pronto, o seu nobre, o seu querido alazão que ainda há pouco entregara ao palafreireiro do bispo, e que tão longe estava de o tornar a ver tão cedo!

Não foi por certo maior a alegria de Palmeirim ou de Amadis, ou do próprio Florismarte de Hircânia, quando, ao sair de longo encantamento, ao desembocar de alguma caverna de leões, de algum antro de ogres polifemos, davam com seus queridos ginetes que tinham deixado dali umas duas ou três mil léguas, e agora lhes apareciam selados, embridados e prontos, batendo o pé de contentamento, e sacudindo as flutuantes clinas com o prazer de tornarem ver seus donos.— Como aqui, meu nobre alazão! — dizia Vasco amimando-o, correndo-lhe a mão pelo asseado colo: — meu destemido, meu valente! Quem te tornou a minhas mãos em tão boa hora e quando mais te desejava e te preciso?

— Eu, que o não deixei levar para o paço — respondeu Garcia Vaz. — Pudera! Em tempo de guerra, cavalos são munições e bastimento de guerra, não se deixam passar para o inimigo. O nosso capitão não nos havia de comandar a pé; e outro potro como este não o há em toda a cidade, nem talvez em toda a comarca de Entre-Douro-e-Minho. Sabemos da afeição que lhe tendes... E assim, boa presa! — Largue-lhe as rédeas, tia.

Vasco, enlevado em mirar o seu querido alazão, não havia até ali atentado no estranho pagem em que lhe tinha a rédea. Era uma velha muito velha, mais velha que o seu recosido mantéu, encolhida, corcovada, e com a cabeça toda envolvida num capuz enorme cuja extremidade lhe caía pelas costas, como capuz de dó; e ela atordoada num cajado retorcido e enverrugado como ela; uma verdadeira bruxa em pele e osso — não possodizer em carne, porque a não tinha.

— Sim, sim — regougou a velha: — as rédeas lhe largo e em bem as solto a quem tão bem as sabe tomar e governar! Benza-o Deus! E que gentil moço que ele é, o nosso capitão!

Mal tinha dito a velha as primeiras palavras, que já o bom do estudante, suspenso, tomado como de um assombramento repentino, punha nela os olhos espantados, e nem já o alazão, nem mais nada já via de quanto o cercava.

— Tomai, tomai as rédeas — disse a velha com uma certa inflexão significativa na voz, que o advertiu de pôr tento em si: — tomai, e cavalgai, que são horas.

Ninguém mais percebeu esta inteligência que passava entre a velha mendiga e o caudilho da revolta. Ele caiu em si com efeito, montou rapidamente a cavalo, e tomando a frente de seu pouco ordenado exército, se pôs em marcha para as antigas casas do Senado português.

— Bendito sejas e bendito vás, — ficou murmurando a velha — que assim enches de luz e de alegria os olhos da mãe que te criou!

E sumindo-se entre a multidão, e por alguma viela bem esconsa se escapou, não sei por onde nem para donde, que ninguém mais a tornou a ver.

CAPÍTULO XXVI

E ANINHAS?

E Aninhas? E a pobre Aninhas que está no aljube? Que é feito dela, senhor historiador? Deixa-se assim por tanto tempo nas asquerosas enxovias de uma prisão a uma bela rapariga tão interessante, tão boa, a amiga da nossa Gertrudes, a Helena enfim desta Tróia, por cujo roubo arde já ainvicta cidade nas labaredas da revolta, da guerra civil quase? E passam-se s e s — a qual mais pequeno, é verdade, mas são muitos — sem nos dizer o descuidado cronista o que é feito dela? Contesto, amigo leitor: a culpa não é minha. Cervantes não podia ser responsável dos descuidos e lapsos de Cid Hamete Benengeli. Se Dulcinéia está mal-encantada,

e tão depressa a vemos trotando na sua burra pelos campos de Toboso, como passeando com suas donzelas nos deliciosos jardins da Cova de Montezinos; se o nosso amigo Sancho aparece aqui montado no seu ruço, que duas páginas antes lhe subtraira tão sutilmente dentre os calções o honrado Ginez de Passamonte — é o cronista mouro, não o seu ortodoxo editor, quem tem a culpa desses lapsos.

O mesmo me sucede a mim com esta verídica história do meu Arco. Traduzo umas vezes, copio outras, segundo a vetustade da linguagem o pede, no precioso Ms. que tive a fortuna de achar. E se alguma reflexão ou ponderação minha lhe ajunto em forma de glosa, nunca me meti a alterar a ordem da história, e sigo fielmente o douto Grilo a quem devemos estas incomparáveis memórias que tanto ilustram e engrandecem a nossa cidade e a história do senado e povo portugalense. Tenha pois paciência a bela Aninhas; por ela e com ela a tenha o leitor benévolo, que antes de corrermos os ferrolhos e de abriremos os cadeados do aljube episcopal, temos de subir outra vez as escadas do paço, de atravessar suas longas salas, e de tornar a entrar naquele misterioso e recatado gabinete onde, pouco há, vimos revestir-se da púrpura e arminhos, adornar-se de todas as fastosas insígnias da autoridade eclesiástica e feudal o arrogante senhor da nossa terra.

Antes que, nas vizinhas ruas de Sant'Ana e Banharia, se passassem os estrepitosos acontecimentos que nestes últimos s foram relatados, tinha acabado em Gala, na antiga capela de São Marcos, da outra banda do rio, a solenidade religiosa do dia: e cônegos, capelães, cantores, ministros superiores e inferiores, cada qual como pôde, e fora de toda a forma de procissão, como é de uso, tinham voltado para a cidade. Nem esperaram pelo costumado jantar que as autoridades do Burgo-novo eram teúdas de dar, senão por foro escrito, ao menos por usança e vêzo antigo: jantar que lhes valia os três dutos de turíbulo e a jaculatória de Boa gente, *boa gente* que na primeira parte desta história mencionamos, e que ainda em nossos dias se davam e rezavam, como aí refiro. Pois desta vez a *boa gente* de Vila-nova ou Burgo-novo, lá se comeria as suas fanecas e azevias, porque nem um menino do côro, nem o maceiro do cabido lhe quis fazer honra ao seu jantar das ladainhas: tão assaralhoados andavam todos, e tanta pressa tinham de vir meter-se em suas casas.

O bispo fora dos primeiros a retirar-se. Cavalgando sua mula branca, de rica gualdrapa de veludo carmesim com passamanes e franjas de ouro, acompanhado de seu alcaide-mor que trazia à direita, seguido de muitos ovençais, familiares as mais pessoas de seu trem e estado secular, todos armados — e ele com todos — entrara senhor temido e poderoso na sua boa cidade do Porto, de donde, há pouco, saíra pastor de povos e apostólico prelado. Passou o rio na sua grande barca, dita a “barca da Sé”, subiu até o paço, deu ordem ao alcaide-mor para que tivesse tudo em armas e em som de guerra, mas caladamente e que o não suspeitassem na cidade; e ele tornou para o seu gabinete.

— Que me chamem Fr. João, que me avisem em voltando Vasco, e por agora que me deixem só. Ficai vós, Pêro Cão.

Assim disse o bispo, entrando para o seu gabinete: e assim fizeram todos como ele disse.

Só está o príncipe da igreja. Só com o seu primeiro ministro, e esperando o seu principal conselheiro, O prelado parece alegre e de bom ânimo, Pêro Cão menos triste que esta manhã. Talvez ainda na face patibular do ministro, se possa

divisar uma tentativa de sorriso; amarelo sempre, é verdade, e torcido de ruim torcer... Mas não entravam de outros sorrisos naquela cara.

— Com que, — disse o amo, reclinando-se a gosto no alto espaldar de sua cadeira confortável... tão confortável quanto cadeira o podia ser no décimo quarto século. — Com que, estás melhor, Pêro Cão, com menos medo?

— Agora vamos andando: a arraia-miúda sossegou. Mas esteve danada!

— Se lhe tinhas mordido tu!

— Morderia, morderia: mas se fui eu que os danei, alguém me danou a mim primeiro.

— Não desatines, Pêro. Estás por saber ainda que há alimárias ferozes e cervais, de tão ruim sangue e tão perversos humores, que, sem que a baba de outro nenhum animal as toque, com sua própria maldade enraivecem e se danam?

— Hum!

— Hum! Isso mesmo: rosnas como dogue velho e comido de tua má rabuge peçonhenta. Eu, é verdade, que te digo: “Fila!” e tu filas: cão és, para isso te comprei. Mas não te digo: “Rasga, fere, despedaça!” como tu fazes. Por tua conta e risco o fazes, à lei da tua má e perversa natureza que nunca pude domar nem ensinar. E olha que disse: “por tua conta e risco”. Risco disse, Pêro Cão; e desejo que saibas que eu te não torno a livrar das garras do povo, como hoje fiz. Para outra vez lá te avirás com eles. Que te enforcem à sua guisa e que me deixem.

— Enforcar!

— Enforcar. Pois que pensas tu, homem? Entre esse pescoço e a corda de esparto há uma atração tão visível e poderosa, que, mais dia menos dia, Pêro, não te vejo outro remédio senão ires bailar onde tens feito bailar a tantos.

— Tendes um modo de gracejar!... E quando estais de bom humor, dizeis coisas que de verdade fazem rir a gente!

E riu... Pêro Cão riu. Mas que riso! Se a boca do inferno rir, como eu espero e creio, quando por ela entrarem certos maganões que nós sabemos, há de ser assim que ela há de rir.

— Não gracejo — tornou o bispo, — falo sério e de muitas veras. Faze por ter amigos no povo, porque se eles me vêm outra vez pedir essa feia cabeça. ela é tão feia, Pêro, que te juro...

— Para me eu fazer amigos no povo... é a coisa mais fácil que há.

— Como assim?

— É fazer-me eu inimigo de.

— De quem?

— Inimigo vosso.

— Ah!

— Como fez Rui Vaz e seu irmão Garcia Vaz, que fugiram do paço, como sabeis, e se desquitaram de homens vossos; e não queria senão que vísseis as palminhas em que os traz o povo por essa cidade.

— Os traidores! — exclamou o bispo, levantando-se e passeando a grandes passos a cólera que o fazia saltar. — Os traidores!... Olho neles, meu Pêro Cão. E em sendo tempo, e que eu te diga: “Fila”

— Não filarei.

— Como? Não filarás!

— Hum!

— Ah! Também tu?...

— Eu não quero ser enforcado.

— Não? Pois o teu querer faz pouco ao caso: porque seja o povo que te pendure, como Judas, no cano de alguma figueira; ou eu que te mande balouçar em certa árvore seca de três paus — a coisa não faz muita diferença para ti, creio eu. E de um modo ou de outro, a doença de que hás de morrer, já a sabes tu. Assenta a tua alma nisso, deixa-a nas mãos do demo, cuja é desde que nasceste; e vamos a outro conto.

Pêro Cão tornou a sorrir de seu verdadeiro sorriso de enforcado: por modo que lhe quadrou o dilema do bispo, e o deixou tranqüilo, O prelado fixou nele seu olho perscrutador, e sentando-se outra vez mais sossegado, disse:

— Toma esta chave, abre aquela porta, e vai, pela passagem oculta que sabes, às enxovias do aljube.

— E a quem quereis que?... — tornou o monstro, esbugalhando-se-lhe os olhos de hiena, e completando a reticência com um acionado horrível que significava estrangular; o sonho constante, o ideal sempre desejado de sua negra vida.

— A ninguém, magarefe — respondeu o bispo assustado:

— A ninguém! E sobre tua cabeça, que te não atrevas a tocar um só cabelo da sua.

— Ah! Já entendo, — tornou o canibal, adoçando — que adoçar! — numa expressão de malícia crapulosa os enrijados músculos daquela cara de leopardo: — Já entendo. — E piscou obscenamente um olho injetado de sangue que fazia mal ver assim. Oh! Antes vê-lo arder com a sanha da carnificina, do que amolgar e derreter-se asquerosamente na torpe e brutal lascívia que aí chameja agora... — Já entendo: quereis que a traga com boas palavras, que lhe diga...

— Não quero que lhe digas nada, senão que mando eu que venha à minha presença.

— E se não quiser por bem, já se sabe...

— Nada de violências, dogue! Nem são precisas. Virá logo: sei que o deseja.

— Ah! Ah! Se tendes um jeito, uma lábia para as levar...

— Silêncio, bufão, e andar.

A má besta descaiu o focinho e a orelha com esta rebutada do dono; e levantando o pano-de-rás no sítio que ele bem conhecia, abriu a porta secreta e desapareceu nas trevas da obscura escada de caracol que levava aos subterrâneos do paço, às enxovias do aljube e aos outros criptos episcopais, só dele sabidos e de seu amo, que a ninguém mais confiava aquela chave nem revelava os negros mistérios que ela fechava.

CAPÍTULO XXVII

PECADOS VELHOS

Só ficou o bispo, só com seus maus — e por que não também com algum de seus bons pensamentos? Rara é a alma perdida que, na solidão e longe do olho do mundo, não sente, quando menos, picar-lhe o remorso numa asa do coração, e dizer-lhe: Que fazes!... — ou: Que fizeste!... O remorso é o bom pensamento dos

maus; é o último dom que à despedida nos deixa, quando se vê obrigado a desamparar-nos, o anjo que desde o berço tomou conta de nossa vida. E jamais o instinto, o desejo do bem se chega a apagar de todo no homem: é o fogo santo que até o derradeiro instante o alimenta. Se amortiça com a cinza das maldades, se não vemos a sua luz com o negrume dos vícios, ele lá está contudo sempre vivo no fundo do coração. Um sopro que de longe lhe dê o anjo que de nós fugiu, e que do céu nos contempla com lágrimas de dó e de entranhável piedade. um sopro só basta para o reanimar e avivar.

Oh! E na solidão é que mais sentimos o sopro celeste avivar a santa luz de nossa alma. Pena do mal feito, temor do mal que se intenta fazer, saudades da perdida inocência, fastio dos tristes gozos do vício, travor amargo dos criminosos deleites, suaves recordações da infância, lembranças dos conselhos paternos... E vós, mais que tudo, queridas memórias da mãe que nos teve nos braços, o que sois vós todos, pensamentos que acudis nas horas da solidão? Oh! que sois senão o lampear que se anima, o luzir que se revive da celeste luz do Bem que Deus pôs inextinguível em nossa alma?

Este homem, que desonra o augusto caráter de sacerdote e de prelado, que enxovalha a mitra do apostolado evangélico nas torpezas de Babilônia, e com a mesma mão com que toma, no cálice, o sangue de Cristo para o beber no altar, empunha a taça das prostituições do Egito, para a sorver nas temulentas orgias dos lupanares — este homem sagrado ao pé da cruz no alto do Calvário, e que desceu aos vales de Sodoma e Gomorra, a banhar-se no lago de betume ardente, queimando em suas mãos excomungadas o óleo santo com que o ungiram em pontífice do Crucificado, este grande criminal, este pecador escandaloso não era contudo um monstro: era uma homem perdido do vício, cego do poder, corruto pela riqueza, gafo da má lepra que, naqueles tempos de soltura e prepotências lavrava tão geral pelos poderosos da terra, seculares e eclesiásticos, a lepra era a mesma. Piores foram depois os Bórgias, e sentaram-se na cadeira de São Pedro: a Sé portugalense não chegou a ver, como a romana, Nero e Heliogabalo com a cruz ao peito, a mitra — ou a tiara — na cabeça, e os fiéis prostrados aos seus pés.

Não. E desta mesma devassidão que tanto nos escandaliza, e ainda hoje faz execrar a memória deste mau bispo, raros, raríssimos exemplos houve na nossa terra. O que será daqui em diante não sei, desde que o episcopado se tornou eletivo — dizem as revelações do mano Licurgo — o conclave noturno, e que os cardeais dele são o irmão terrível, e os irmãos mais ou menos vigilantes que têm o exclusivo de velar pela salvação e salvatério da Igreja e do Estado. Não sei, não sei; e não sou eu que o digo, são eles. Mas se estamos condenados a ter bispos feitos assim, que vão Suas Excelências Reverendíssimas pregar aos peixinhos do mano Afonso de Albuquerque, porque as homílias deles acho que será pecado mortal ouvi-las a gente.

Pois, nem mau homem sequer era aquele mau bispo; perdoem-me dizê-lo, mas com o próprio demo se deve ser justo.

Sua mocidade leviana e solta tinha-se passado nos campos tumultuosos e indisciplinados da guerra civil, palestra a mais desmoralizadora de quantas há. A opressão, a violência, o latrocínio e o homicídio são virtudes às vezes, no credo faccioso, são ações indiferentes, quando menos, se praticadas contra os do partido contrário. Vizinhos, amigos, parentes que sejam, quanto mais perto de nosso coração está a vítima, tanto mais se exalta por virtude o crime, porque mais desnatural é.

Vem depois o descanso da paz — que não é descanso, mas o cansaço da guerra — e são os homens criados nessa escola os que têm de ir exercer os cargos todos da república, sentar-se nas cadeiras curuis do senado, julgar nos tribunais, ministrar nos altares... Santo Deus!

Tal fora feito este bispo, só porque da facção dominante, filho de uma família poderosa, e ele menos ignorante que o resto de sua ilustre família. Elevaram-no ao episcopado as intrigas dos nobres, tão onipotentes então como as dos merceeiros hoje. A cruz que trazia ao peito, não a tinha porém no coração. O Evangelho, que lhe puseram às costas, não lhe pesava porque o não entendia nem o sentia. Acreditava piedosamente que nascera para mandar e gastar, os povos para *servir* e pagar. A el-rei, seu senhor suserano, estava pronto a *servir* com tantas lanças e bestas, quantas lhe eram devidas: em nada mais se julgava teúdo de obedecer-lhe, ele, príncipe da Igreja, e só dependente do papa. De suas devassidões e orgias brutais, tinha um pequeno, um tal qual remorso, porque enfim era eclesiástico, era prelado: mas bestialmente pensava que uma absolvição de Fr. João da Arrifana, ou de outro frade seu cúmplice nas mesmas torpezas, bastava para o remir desses pecadilhos, porque enfim, enfim, não eram condessas nem ricas-donas as que ele tinha roubado — seduzido ou comprado pela maior parte... Violência não a fizera a nenhuma.

Oh! Sim fizera... E com vil traição, com pérfida aleivosia!... Uma vez, há muito, e não era bispo ainda, mas simples cavaleiro, soldado, comandando uma partida de facinorosos, com o título de aventureiros, ou de voluntários, ou do que quer que então se chamava a essa peste. Eram uns bons patriotas (estilo de todos os tempos) que pelos verdes campos de entre Lis e Lena, faziam a guerra, em nome de el-rei, e contra o infante, mas por sua própria conta deles, contra os porcos, as galinhas, as vacas e as searas dos lavradores.

Uma noite escura, que não havia lua nem estrelas no céu, iam soltos e em grande algazarra pela campina e perto já dos antigos pinhais que por ali entestam. Senão quando, ao chegar-se mais a eles, foram cair numa emboscada de homens do infante — outros que tais facinorosos como eles — que os destroçaram e retalharam sem dó nem piedade, e que, tendo feito o seu feito, fugiram. Quase toda a alcatéia ou guerrilha, do que hoje é bispo, ficou estendida debaixo dos pinheiros; os poucos escapos deitaram a bom correr para bem longe; e entre os mortos e moribundos ficou o próprio capitão. Estava ele ainda com vidas mas já quase sem alento, e derramando de muitas e largas feridas o último sangue das veias golpeadas. Vinha alvorecendo a manhã que ele já não via, e despontando detrás das colinas o sol que não tornaria a alumia-lo, se àquele tempo ali não passasse um homem ancião de longas barbas e longas vestes, calva a fronte, mas coberta de uma touca alva e alaranjada que bem denunciava sua origem oriental. Abordoava-se num bordão branco, trazia pendentes ao peito uns rolos de pergaminho, e à cinta uma larga bolsa de couro em que tinham redomas, utensílios de vidro e de metal, ao que parecia.

Voltava o velho de uma aldeia perto, onde fora acudir a um seu parente que se morria de febres malignas, e recolhia agora aos subúrbios de Leiria, sua ordinária residência. Parou ao ver aqueles homens mortos à beira do pinhal; e se parecia um levita venerável no traje e ademã, um velho doutor da lei — o seu coração era o do samaritano caritativo; porque não pensou, não hesitou, nem se pôs a rezar, senão que, um por um, se foi percorrendo aqueles mutilados cadáveres, ou que tais pareciam, a ver se algum podia salvar ainda, administrando-lhe o vinho e o óleo da

parábola do Evangelho — em que ele não cria porque era israelita o velho, sincero e estrênuo professor da lei antiga.

Tudo achou morto; só vivia ainda o cavaleiro, mas próximo a finir-se de exausto e abandonado. Conheceu porém o velho que havia esperança e remédio possível, tirou da sua bolsa fios e bálsamos com que lhe pensou as feridas: depois um elixir milagroso de que lhe deu algumas gotas a beber; e reanimado assim, o levou consigo, meio de rastos, meio às costas, porque mais não podia o velho.

E felizmente que não morava longe: era à outra beira do pinhal, perto dos muros de Leiria, nuns barracões baixos, sem aparência alguma exterior, mas que por dentro tinham mais cômodo e conforto, mais luxo, mais elegância e riqueza, respiravam mais civilização e mais gosto do que nenhum palácio de rei cristão em toda a península das Espanhas.

Saíram a recebê-lo seus criados e família que o estavam esperando e que de longe o viram vir. Veio a velha Sara, sua esposa, e Ester a sua querida, a sua única e adorada filha. Quando o viram assim curvado sob o enorme peso daquele homem meio morto, vestido de ferro, e ambos escorrendo em sangue:

— Bendito seja o Deus de Abraão! — exclamou Sara: — porque tu não vens assim, amado de aninha alma, senão porque algum bom anjo te deparou a ocasião de fazeres bem a teus irmãos. Salvaste esse homem da morte?

— Ainda não; mas espero.

— Já nisto lho tinham tomado os criados em braços, e o levavam para o melhor quarto da casa senão esperar ordens do amo: era sabido e costumado aquilo. O velho acompanhou o moribundo, e o viu deitar na cama, e ajudou a colocá-lo na posição mais conveniente, e de novo e com mais tento lhe visitou e pensou melhor as feridas, duas das quais pareciam mortais.

Mas a Caridade é uma virtude que não desacompanham jamais suas duas irmãs, a Fé que dá o ânimo, e a Esperança que alenta o coração.

— Veremos, veremos ao levantar do aparelho. Deus nos acudirá.

E o ancião e a sua velha esposa e a sua jovem filha entre si repartiram logo as horas da vigia em que haviam de revezar-se junto ao leito do homem... E nenhum sabia, e nenhum perguntou que homem era.

Em poucas horas se declarou uma febre tremenda, e o velho desanimou. Assustou-se, digo não desanimou; mas assustou-se muito. Junto ao leito do infeliz que, de olhos fechados, prostrados exânime, apenas soltava uns gemidos surdos e abafados — ele com a mão no pulso do enfermo, e os olhos ora no rosto que lhe afilava, ora no livro que folheava inquieto, parecia disputar com a morte que lho queria roubar, e afugentá-la com o poder sobrenatural da ciência, com a fé ardente da religião.

E venceu o velho; venceu ao cabo de horas e horas, de dias e de noites de susto e de incessante desvelo, em que um só instante não deixou o doente, ministrando ele por sua mão os vários remédios que ia aplicando; e ora a mulher, ora a filha o ajudavam. que de seu lado não saíram. Declarou-se uma crise subitamente, a febre cedeu, e o moribundo escapou à morte.

Abraão Zacuto, que este era o nome dos velhos prostrou a sua face por terra; Sara e Ester se prostraram ao pé dele, e juntos clamaram:

— Bendito seja o senhor nosso Deus, porque salvou o homem estrangeiro, e deu glória e honra à casa de seus servos!

Passam dias, semanas, as feridas vão-se fechando, as dores acalmando-se; e quase não havia já no enfermo outro mal senão uma debilidade extrema. E Abraão disse a Ester:

— Filha, o nosso hóspede está curado. Eu tenho de ir a Granada, porque os nossos irmãos precisam de mim ali. Tu velarás nele, e dirigirás sua convalescença, que há de ser longa e difícil. Tua mãe precisa descanso, porque os seus dias são muitos e o seu corpo está débil e enfraquecido. Adeus, e que o Senhor te abençoe!

O velho partiu, e Ester ficou à cabeceira do enfermo.

CAPÍTULO XXVIII

MAIS PECADOS

As horas do dia são longas para quem jaz prostrado num leito de dores. Mais longas as da noite que ali se velam. Que seria do cavaleiro se não fosse a companhia de Ester?

E ela era bela, de uma beleza toda judaica, toda árabe. A figura alta e esbelta, as formas severas, sem moleza nenhuma nos contornos, o rosto oval, a tez morena, os olhos negros, faiscantes, a testa breve, mas perfeitamente desenhada, os sobrolhos um tanto juntos, o cabelo, preto, fino — fino de uma fartura e formosura surpreendente. Uma túnica alvíssima de linho orlada e cingida de cramesim era o seu traje habitual e único.

Imagem esta visão arrebatadora entrando a cada instante no quarto do convalescente, volteando nele para mil coisas, dando-lhe os remédios, os alimentos, trazendo-lhe ora flores para lhe refrescar o olfato, lendo-lhe ora para o distrair, outras vezes cantando-lhe daquelas cantigas simples e magoadas, quais lhas ensinara sua mãe, e a sua mãe a dela, e assim, de geração em geração, tinham vindo desde séculos remotíssimos; ecos perdidos das velhas memórias daquela pátria para sempre perdida, daquela Sion santa de que o Israelita foi expulso, e que terá de chorar em perpétuo exílio até à consumação dos tempos.

O cavaleiro bebia a longos tragos neste filtro que o embriagava, e lhe tinha em contínua excitação os sentidos que ia recobrando com a saúde. Ester não o percebia, nem lho dizia ele. Seus olhos fuzilavam de desejos; e os dela ficavam tranqüilos e inocentes como se aquele homem que ali estava fosse seu irmão. Algumas noites, que lhe ele parecia mais agitado, não queria descansar ela, nem deixá-lo entregue à vigilância, todavia bem cuidadosa, dos servos; mandava pôr no chão uma camilha, e ali se recostava vestida para lhe acudir, a suas horas bem certas, com as bebidas calmantes que o pai deixara prescritas.

Foi numa dessas noites que ele pareceu mais agitado do que nunca, e que ela mais quis velá-lo. A noite era de calma, o dia tinha sido afadigado, pesava no ar uma eletricidade opressora... Ester caiu em profundo sono.

E sonhou, sonhou — era uma opressão, um pesadelo!... Depois uma dor agudíssima... misturada de inexplicáveis deleites...

Ester despertou fatigada, moída, meia morta. Veio a razão, veio a reflexão, o instinto, veio a recordação confusa do que lera e mal entendera nos livros de seu pai... Pouco a pouco rompeu e se fez em seu espírito um clarão medonho, alumiu todas as misteriosas sensações dessa noite. Santo Deus!

Era dia claro. A desgraçada não disse uma palavra, não deitou um vover de olhos para o cavaleiro, que dormia tranquilamente em seu leito. Concentrou em si aquela dor infinita, aquele opróbrio sem nome.

Saiu do quarto, e foi dizer a Sara:

— Minha mãe, eu estou doente, e o estrangeiro não tem já nada. Deixai-me ir deitar; e despedi-o, se vos praz.

Naquele dia saiu o futuro sacerdote de Cristo da desonrada casa do médico israelita. E desde aquele dia Ester nunca mais riu nem folgou nem viveu como dantes. Enferma do corpo, a razão fugindo-lhe a espaços, não sabia a mãe que lhe fizesse; e Abraão tardava em voltar de Granada, tardava e não acabava de chegar.

Passaram muitos meses. Ester ia a pior; Sara escreveu ao marido que voltasse, que viesse salvar sua filha que lhes morria. Ele cortou por tudo, partiu logo e veio, trazido por aquele amor que não tem igual na natureza. Mas, à véspera de sua chegada, Ester desapareceu de casa, e nunca mais puderam saber dela.

Dias depois Abraão Zacuto dormia com seus pais, e Sara junto a seu marido para sempre.

Um parente arredado, mas único que aí havia, tomou conta dos imensos bens e riquezas da família, como curador da ausente. Era esse um honrado judeu que administrou a herança com fidelidade e consciência, que não queria acreditar na morte de Ester, e que protestou que havia de esperar por ela enquanto não tivesse plena certeza de que era falecida.

A morte de Zacuto foi sentida por toda a parte, e até sinceramente chorada na corte de Afonso IV. Queria-lhe el-rei de simpatia e de obrigação; e poucos ali havia que lhe não devessem muito: a saúde que lhes ele recobrou, os dinheiros que lhes emprestara. Mas a morte de que morrera, ninguém na sabia.

Ao chegar à corte aquela nova, um fidalgo dos que aí andavam pareceu mais impressionado com ela do que nenhum; e mais que nenhum perguntava, queria saber a causa de tão inesperada e sentida morte. A corte estava em Coimbra, ele montou uma noite a cavalo e tomou o caminho de Leiria, só, sem escudeiro nem homens de armas, e ia triste, pensativo, carregado de profunda melancolia. E contudo esse era o mais leviano e descuidado de quantos calçavam esporas de ouro e cingiam cinto de cavaleiro naquela corte.

Sete dias andou por lá; mas a Leiria não chegou. E dizem que, pouco além de Condeixa, pernoitando em casa de um lavrador abastado, por nome Gil Guterres, que aí tinha suas granjearias — dera com uma mulher meia morta num palheiro, onde por caridade lhe haviam dado pousada; que se doera de seu desamparo e a tratara com desvelo, mas que fechado com ela estivera toda a noite e todo o dia seguinte, sem consentir que ninguém mais lá entrasse. Ao cabo do outro dia houve longa e animada conversação entre o cavaleiro e o filho da casa, Paio Guterres, moço de prol e grande escolar, isto é, grande estudante, a quem todos queriam muito por ali. E dessa conversação veio a sair que a mulher do palheiro foi transportada para uma casinha mui linda que ficava na encosta do outeiro, muito para lá da igreja, ao pé dos sicômoros e quase à beira do regato. A casa era do filho, que lha tinha

dado o pai, para ele ali fazer sua estudaria, e ter seus livros, por onde lhe chamavam a "estudaria da Granja".

O cavaleiro voltou para a corte; e a pobre mulher ficou na Estudaria, só ela, com uma criancinha linda como um anjo, que em pouco tempo cresceu em força e em graças, e era o amor e o encanto de toda a gente. Quando digo "a pobre mulher", é de lástima e dó que tenho de a ver tão só, tão triste e desconsolada sempre; que pobreza era o único mal que ela não tinha. O seu trajar era singelo e de pesado luto; mas não havia galas nem riquezas que se não desperdiçassem no berço e no vestir de seu filho. Filho de rei nunca teve tais mantilhas. E demais, ela dava — dava tudo e a todos quantos necessitavam e lhe pediam, dava com mãos largas, perdidas, como quem não deitava conta ao dinheiro ou lhe não sabia o valor.

Parentes, amigos, nem visitas nenhuma parecia não nas ter. Em dois anos que ali morou, só duas vezes lá foi um judeu velho que vinha das bandas de Leiria; e esse ia e vinha, não parava. Também uma ou duas vezes por semana ia passar meia hora com ela o dono da casinha, o estudante Paio Guterres, que lhe tomara grande afeição — outros diziam que a conhecia de há muito. Fosse como fosse, ele ia vê-la de quando em quando, como digo, levava-lhe brincos e gulodices para o pequeno, chorava com ela de seus males que parecia conhecer, folgava com a criança que ambos amavam ternamente, e ele quase tanto como a mãe. E assim se passava aquela vida isolada, e como apagada do mundo, senão só que acesa à animadora luz do amor maternal por cuja virtude unicamente existia.

Passaram, como digo, dois anos assim; mas ao cabo deles, sendo já falecido Gil Guterres, e seu filho ausente por negócio a que fora a Lisboa, uma noite feia e negra de dezembro que chovia, fuzilava, e o vento gemia e bradava nos pinhais que metia susto, apareceu à porta da Estudaria o mesmo cavaleiro da outra vez. Não lhe queriam abrir, ele arrombou a porta e entrou. E no outro dia foram achar a boa mulher desmaiada no chão; a criança faltava; e durante um mês de febre e delírio, ninguém pensou que a mãe escapasse.

Trataram-na com muito amor e caridade as criadas da granja que para lá foram, e que sabiam quanto seu amo lhe queria. E a doente recobrou a saúde do corpo: a do espírito não lhe voltou nunca mais de todo. E tanto que, apesar da maior vigilância, um dia desapareceu; e por mais que a buscaram, não tornou a haver novas dela.

Disseram, daí a tempos, que para as bandas do Porto fora vista em trajos de mendiga. E até não faltou quem jurasse que se tinha feito bruxa, e que por tal a mandara queimar o senhor bispo do Porto; mas que lhe perdoaram por fim, e se contentaram de a açoitar no pelourinho. Também outros disseram que ela sempre fora judia ou moura ou coisa assim, e mulher má e de ruins artes, e que por isso lhe tiraram o filho, em donde se vovera louca, de mau olhado e feiticeira. Tudo diziam da pobre mulher desde que ela desapareceu dali. Mas Paio Guterres, quando soube de tais murmurações, fez uma fala ao povo e lhe protestou que a mulher da Estudaria era uma santa, e mártir de piores tiranos que o miramulim de Marrocos. E daí, ninguém mais falou dela, porque Paio Guterres, esse é que era um santo verdadeiro, de bom, de sábio, de temente a Deus; tanto que, daí a pouco se ordenou e se fez grande pregador, e que o fizeram arcediogo de Oliveira, no Porto, em mal que pesasse ao bispo que por então veio a ser; o qual bispo lhe tinha muito má sanha e pior vontade; mas, não se sabe por que, também lhe tinha medo.

Ora o tal senhor bispo, quem havia de ele ser? O mesmo dito cavaleiro que aquela noite descobriu a mulher meia morta no palheiro da granja, que tão caridosamente a socorrera e salvara de morrer, a ela e ao filho que trazia em seu

ventre, e que dois anos depois — caso estranho e inexplicável! — lhe roubara esse mesmo filho, e fora causa de que a pobre mulher perdesse a razão, ou se perdesse na má vida que ora diziam que tinha.

Fosse ele como fosse, o que era certo e sabido é que esse cavaleiro nunca mais foi o que dantes era. Pesado, triste, melancólico e como possesso de um negro pensamento que o avexava, nem as festas nem as batalhas o viram mais. Tinha estudado em criança os rudimentos das ciências daquele tempo com os monges de Alcobaça; deu-se agora de novo aos livros e abandonou todo o trato e exercícios de cavaleiro.

Seria vocação divina? Seria remorso de algum mau feito que o pungia para melhor vida? — Mas ele não era nem mais austero em seus costumes, nem mais temperado em seus apetites. Desgostoso da vida parecia, — disposto a emendá-la, não.

Sem embargo disso, pensaram seus parentes que ali estava um bom bispo para a santa Sé portugalense, porque ele tinha deixado as armas, afetava querer seguir as letras, era seu parente, e enfim porque o bispado do Porto, pingue, de muita dignidade e poder, era mais próprio para um senhor que condescendia em se fazer clérigo, do que para algum frade vilão que pretendesse ser bispo por suas doutorices e santidades — de pouco preço em vilões a quem nada custam.

Assim o entenderam os do conselho de el-rei; e ou o entendessem ou não, assim o aconselharam a el-rei. E o fidalgo, até ali pobre cavaleiro de poucas lanças, foi feito grande senhor, poderoso e rico, bispo do Porto — que é dizer tudo nadou na opulência e se fartou de mandar, de satisfazer suas vontades e apetites.

Era feliz então? Não era. No âmago daquele coração tinha-se cravado um espinho agudo, que lho mordida incessante, que por acessos o desesperava e o fazia mais mau, mais sobranceiro, mais déspota e cruel do que ele por natureza era.

Na solidão sobretudo, quando o não via ninguém senão a sua consciência, aquele espinho era farpão envenenado que lhe dilacerava as entranhas com uma dor que oh!... Deve ser a pior dor da vida e mil vezes mais acerba que a da morte.

Demos graças ao anjo protetor da nossa existência os que temos a fortuna de não conhecer essa dor.

CAPÍTULO XXIX

POBBE ANINHAS

Num dos seus mais horríveis, mais tenebrosos momentos estava agora o poderoso bispo do Porto, esperando que o algoz de Pêro Cão lhe trouxesse a infeliz vítima de seus embotados apetites.

Lançaria sobre ele do céu, neste feio momento, um derradeiro olhar de compaixão, o fugido anjo de sua guarda? Veria na mão do Eterno cheia a medida das maldades desse homem, e lhe doeria não clamar um último brado à sua consciência? Devia de ser assim, porque o remorso, o remorso hoje mais salutar, menos acerbo, porém mais pungente que nunca, lhe estava recortando na memória as feições daquele homem velho de alvas barbas que o salvara da morte, que o levava às costas moribundo para sua casa, que o velara noite e dia, que o entregara a sua filha. Sua filha tão bela!... De uma beleza estranha... Mas tão sublime, tão espiritual, tão pouco para ter excitado nele o bruto apetite da sensualidade! Apetite infame, e com que infa me vilania satisfeito!

Oh! E aquela mulher que embalava uma criança tão linda num berço dourado!... E a quem ele tirou o filho, e o criou, e logo lhe tomou tanto amor, que era o único ser, o único objeto nesta vida que ele soubera e pudera amar!

Arrasaram-se-lhe os olhos com este pensamento, levantou-se inquieto, abriu a porta que dava para as salas exteriores, chamou por seus fâmulos, um depois do outro, e a todos e a cada qual perguntou sobressaltado:

— Vasco, Vasco? Não o viram voltar ainda? Tornem-me a chamar Fr. João, perguntem-lhe se sabe dele. Vão-me à ribeira saber se há novas de Vasco. Que monte um estribeiro a cavalo, que siga para os altos de além Douro, e que se informe de uns caçadores. Oh! E o alazão!... Que desacerto deixá-lo ir naquele potro... Quem montou já aí o alazão? Ninguém, estou vendo. É que ninguém mais se atreve com ele. E o alazão conhece-o: é um nobre animal!... E Vasco é cavaleiro para ele.

E mais sossegado com esta reflexão, veio-lhe o arrependimento de ter dito tanto, de ter mostrado tanto interesse. E despediu os fâmulos, e tornou a encerrar-se em seu gabinete.

Aparentemente estava tranqüilo agora, mas o ânimo revolvía-se-lhe de sobressalto em sobressalto.

— Se lhe sucede alguma ao rapaz? Se me tomam vingança nele os excomungados burgueses? Oh! Mas não se atrevem. Malditas mulheres! E que me importa a mim com a tal Aninhas? Uma sensaborona, uma D. Lagrimosa sem sal nem graça! Mas os tontos fizeram tanto, excitaram-me por tal modo os ditos soezes desse vulgacho de tendeiros, tanto me irritou hoje essa canalha com suas altanarias, e tanto farão ainda, estou vendo, que me hão de parecer divinos os olhos pretos da tal Aninhas do Arco... Mas a pobre rapariga que culpa tem?... Pois não! Dó dela agora! Era o que faltava. A honesta dama que me diz a mim que não, sem dúvida porque esta farta de dizer que sim a algum aprendiz do marido... algum desses que ai andaram na as suada desta manhã. Pois voto a Satanás.

Nisto bateram com tento à porta secreta detrás da tapeçaria; e o bispo respondeu com impaciência:

— Entre!

Pêro Cão entrou sorrindo de seu infernal sorriso, e pondo-se a um lado, afastou com muito acatamento o pano-de-ras, e se inclinou — que nem sumilher de cortina a príncipe — a uma pálida e desgrenhada figura de mulher que vinha detrás dele.

Era Aninhas.

Quanto se pode imaginar de gracioso, de molemente feminino e suave, tudo isso era Aninhas. As feições pouco pronunciadas de seu rosto, as formas arredondadas mas débeis de seu corpo alto, fino, e dobradiço como uma vergõntea de primavera, tudo nela caracterizava aquela debilidade quase infantina, aquela dependência, aquela fraqueza, que são a maior força de um sexo nascido para obedecer e ser guiado, mas que é ele quem manda e governa — quando quer, quando sabe... quando a mulher é verdadeira mulher, e de seu próprio desvalimento tira o valor imenso que tem.

Naquele estado agora, no desalinho do seu traje, no susto que a descora, na aflição que a perturba, Aninhas está mais bela ainda. O gênero de sua beleza é dos que se não transtornam com estas ânsias mortais: antes nelas se apura, se afina a suave, e por assim dizer, lenta fascinação de seus encantos. O cabelo castanho ondeado caia-lhe desentrançado e longo pelas espáduas mal cobertas de uma túnica de branco e de roxo vivo, que era o seu único vestido. Os olhos pardos, grandes, lustrosos, mas sem muita vivacidade, pareciam mais os de uma virgem consagrada ao altar. Ninguém pediria paixão àqueles olhos, eles não tinham senão piedade, indulgência, uma expressão de bondade que vinha da alma. Branca era, mas como é branca a prata fosca: um branco puro sem brilho.

Beleza para a cobiçar a grave, a pesada, a calculada sensualidade de um turco. A quem lhe nascem os desejos na alma, a quem não sabe gozar, sentir, senão porque se lhe resolve, se lhe reflete nos órgãos da vida o que lhe vem lá do íntimo do pensamento — a esses não creio que os pudesse inflamar muito.

— Senhor, — disse Aninhas, cruzando quase devotamente os braços sobre o seio branco e sereno: — Senhor, vim a vosso mandado; e venho mais tranqüila agora, porque as últimas palavras que esta manhã vos ouvi foram quase de paz e de esperança. Que vos mantenha Deus assim, e me deixeis ir para o meu filhinho, que bem sei que está seguro e a bom recado... Mas falta-lhe eu, senhor! Vós não sabeis o que é faltar a mãe a seu filho. A pobre criança é capaz de morrer de saudades.

— Retira-te, Pêro Cão.

Foi-se a besta feroz, deitando de esguelha, à saída, uns olhos de riso incrédulo à pobre suplicante, uns olhos de grosseira obscenidade que diziam: — Ora basta de pieguices!

O bispo, sentado, com a testa nas mãos, e os cotovelos sobre uma banca diante de si, não parecia ouvir, e decerto não podia ver Aninhas. Estiveram assim algum tempo, sem mais fazer nem dizer.

— Não me respondeis, senhor? — insistiu a desgraçada.

— Calai-vos, mulher: eu não creio uma sílaba de quanto dizeis. Para que é tanta palavra? O que quereis de mim? Ouro, jóias, riquezas, galanices? Tereis tudo isso. E que mais? Ah! Sim: vosso marido... Afonso de?... Afonso de Campanhã creio que se chama — dar-lhe-ei um bom emprego. Fá-lo-emos nosso almudeiro, se tanto é preciso. Pêro Cão é um bruto, compromete a minha autoridade, e...

— Senhor, eu não quero nada, senão que me solteis, que me deixeis ir livre para meu filho, cuidar da minha casa. E rezarei por vós à bendita santa, minha padroeira...

Com um gesto de soberano enfado e fastio, o prelado levantou o rosto das mãos, e pondo na súplice Aninhas uns olhos ainda mal-assombrados dos dolorosos pensamentos que o tinham estado consumindo:

— Ah!... — disse: — És bonita com efeito. És, és bonita deveras. Não se fez para burgueses rânchos tão fina flor de formosura. É que te não vi bem esta manhã... — és bonita.

— Senhor!

— Eu gosto de ti, e te farei quanto quizeres. Sabes? Mas assenta o coração numa coisa: que hás de ser minha, e que sem isso, não saís daqui. Toda a burguesia e populares do Porto que se armem para te vir buscar, el-rei D. Pedro que venha em pessoa pôr-me cerco a meu castelo... Jurei-o, jurei-o a este demônio negro que trago em meu peito... Porque o trago, Aninhas; um demônio negro, implacável, que me destrói as entranhas..

— Misericórdia, meu Deus! — bradou a desgraçada arrojando-se de joelhos diante do indigno pontífice: — Misericórdia, piedade, meu senhor. Oh! deixai-me ir, deixai-me ir, e Deus vos perdoará, e vos livrará desse mau demônio que dizeis. Fazei esta boa ação e vereis. Alguma coisa bem mal feita faríeis, que deu poder ao inimigo para vos atormentar. Ponde-o fora de vós assim.

— Cala-te, mulher, que não sabes o que dizes; cala-te, que me exasperas ainda mais recordando-me... ah!

Aninhas chorava, e as suas lágrimas aflitas, mas serenas como a inocência de sua alma, caíam aos pés do bispo e lhos regavam abundantemente. Ele parecia amolgar-se-lhe o coração: levantou-lhe a cara, e se pôs a contemplar aquelas feições tão suaves, banhadas naquele pranto tão sentido, e tão mais lindas, tanto mais interessantes assim.

— Que bela és! Que bela estás! Não posso renunciar a ti; bem o vês, Aninhas. É impossível. E para quê? Para que venha outro...

— Outro, senhor, outro! Em que vos mereço que me afronteis assim? O meu pobre Afonso mais justiça me faz: bem sabe ele...

— Sabe, sabe, o que todos os maridos sabem, Mas que seja ele esse portento de nunca vista felicidade conjugal... e que até hoje... vamos! Que até hoje mais ninguém tocasse num tesouro tão difícil de guardar, achas tu que ele, por ser marido, deixa de ser outro para mim? E eu hei de ser tão parvo? Ora vamos, Aninhas, juízo!

— Senhor, — disse a atribulada inocente, pondo as mãos como se fora fazer alguma devota oração a um santo: — eu vos prometo e dou solene palavra que, se me deixais ir livre e sem mancha... Oh! Sim, deixai-me, senhor, e eu vos prometo — ainda que não sei se é pecado o que vos prometo — mas prometo que me votarei a Deus e à bem-aventurada Sant'Ana do meu Arco, e viverei até o último dia de minha vida, não como mulher casada — pobre de meu Afonso coitado! Mas enfim — não como mulher casada, senão como se me emparedara viva, e tão só para servir a Deus, e nada mais haver com o mundo!

— Estás louca, mulher!

— Não estou, senhor. Juro...

— Não jures sandices. Vamos, levanta-te.

— Não me levanto enquanto me não prometerdes. ..

— Pois levanta-te daí dos meus pés... Não te quero aí, mulher, anjo ou demônio ou o que quer que tu sejas, levanta-te: não te quero aí... não é aí o teu lugar... Levanta-te, ou nada prometo.

Aninhas levantou-se. O seu ar composto e virginal... Por que não virginal? Não chamou Virgílio infelix virgo à outra que disso não tinha nem?... E a minha Aninhas, quanto é na alma e no coração — o mais raro e difícil de achar — pura e inteiramente estava como baixara do céu a este mundo trazida pela mão do seu anjo da guarda. Digo e redigo, o seu ar composto e virginal impunha ao bispo, acanhava-

o. Aquela promessa de se votar a Deus, coisa comum nesses tempos; aquela idéia de se empregar uma rapariga tão bonita, tão inocente, como se fora uma velha feia e pecadora — o que todos os dias se via — rompeu-lhe a crusta viciosa e endurecida em que trazia envolto o coração, e entrou-lhe pela febre sã, viva e sensível que ficara lá dentro, e que, tanto mais desafeita de sentir, mais profundamente sentia agora.

Olhou para ela com os olhos quase enternecidos, quase paternais, e por momentos lhe esteve a escapar da boca: —Vai-te, anjo, vai-te em paz; e que por amor teu, por tua intercessão me perdoe Deus a mim!

Mas o demônio — o tal demônio negro de que era possessa a sua alma, que lhe destorcia e arredava de todo bom pensamento, o demônio vencido aqui, foi chamar a batalha para terreno mais de sua vantagem. Tocou-lhe no orgulho, no amor-próprio e o feriu com uma recordação que lho pungia no mais vivo.

— Mas é verdade, — disse o bispo, ferido subitamente da idéia diabólica: — Tu, esta manhã, não me falavas assim. Eram violências, eram brados, eram desconcertos que me irritavam, me exasperavam, e me fizeram jurar que nem anjos nem demônios te haviam de tirar de meu poder. Como é que tu soubeste, como adivinhaste que esse artifício agora era mais poderoso comigo?

— Artíficos eu, senhor!

— Pois não seja artifício. Mas tu mudaste de tom, de modos; e alguém to insinuou... Oh, oh! Já caio em quem foi. Aqui anda São Paio Guterres, o meu bem-aventurado, o meu beatificado penitenciário.

— É verdade, senhor, que é um santo, um homem de Deus, e que as suas devotas práticas me consolaram e animaram naqueles cárceres tão medonhos.

— Ah, sim?... O hipócrita, o impostor é que te ensinou essa cantilena? Pois voto ao diabo, cujo sou já agora,. Que...

E remetendo à indefesa vítima, a tomou de repelão nos vigorosos braços, e ia levá-la...

De repente o pano-de-rás estremeceu, e se arredou com o empuxar violento da porta secreta que se abriu de par em par; um clérigo velho, curvado e macilento entrou no gabinete do bispo, e deitando-lhe as mãos às mãos, conseguiu, pelo inesperado do ataque, vencer a força com que as apertava, e desprender Aninhas, que desatinada, confusa, espavorida, deitou a fugir para o fundo do aposento, e se foi esconder, como uma criança, detrás de umas cortinas onde havia um grande Crucifixo, com o qual se abraçou chorando de alegria a pobre — e dizendo: — Milagre, meu Deus!

E por que não seria milagre aquele? Não é grande sacrifício para a razão humana acreditar na interferência divina, quando a Providência aparece tanto a tempo a proteger o desvalido e a salvá-lo da brutalidade do poder.

Toda a Torre do Tombo fica desafiada em peso para me disputar a autenticidade deste milagre da minha crônica.

O bispo trêmulo de cólera e despeito, apenas pôde balbuciar:

— Vós aqui... vós aqui!... Que atrevimento é este?

— O do vigário e penitenciário desta diocese, senhor bispo, que entrou no aljube quando acabavam de lhe roubar um preso seu, que suspeitou, que adivinhou quem lho roubava, e veio por esses obscuros subterrâneos...

— Vós! Vós só! Impossível. Alguém vos encaminhou por esse labirinto em que eu mesmo talvez me perderia... Quem foi o traidor? Dizei-mo.

— Bem sabeis que eu não sou homem de traições, que me não sei servir de traidores.

— Não há senão Pêro Cão que saiba... ou a bruxa... Foi a bruxa? Dizei.

— Bruxas, eu!

— Aquela mulher que... Ah, morte de minha vida! Vós e ela, Paio Guterres, jurastes perder-me: bem o sei. Mas eu juro que hoje daqui não haveis de sair, e que...

— Podeis acabar hoje o que há alguns anos começastes. Eu não tenho senão quarenta e bem vedes que me pesa o dobro nesta cabeça. Que mãos me quebraram, me curvaram, me trouxeram à decrepitude tão cedo, vós o sabeis. E pouco vos custará agora extinguir um resto de vida que está por tão pouco. Mas enquanto o não fizerdes, eu hei de...

— Que fareis vós?

— Lutar com o meu prelado para lhe tirar das mãos esta vítima, para o salvar.

— A mim me quereis vós salvar! E de quê?

— De maiores perigos do que pensais.

— Deixai-me com os meus perigos.

— E de novos remorsos... Também quereis que vos deixem com eles? Não tendes já bastante nos que tendes?

— Paio Guterres, — disse o bispo, começando a abater-lhe e espuma da cólera: — vós sabeis toda a fatal história da minha vida, tivestes não pequena parte nela; e permite Deus que eu seja obrigado a aturar a vossa presença na minha catedral, no meu palácio, como a de um remorso vivo e excruciante que me persegue sem cessar. Mas que não abuseis da permissão divina, ou juro a Anás e a Caifás...

— Não jureis tanto, senhor bispo: lembrai-vos que jurastes, pelos mais tremendos juramentos e imprecações, na minha pobre Estudaria da granja, a uma infeliz mulher que se finava, jurastes de lhe restituir o seu filho...

— Arcediago, essa mulher era uma judia; e eu sou maldito de Deus porque a conheci.

— Era judia, sim, como foram muitos santos patriarcas que nós cristãos veneramos e invocamos. Era judia ela, e seu santo pai que vos salvou da morte, e sua boa mãe que velou á vossa cabeceira, e que ambos morreram de pura mágoa de a perderem... Era judia, oh sim! mas um anjo, uma criatura celeste e sublime. Eu, que a conheci, que a admirei, que a amei e adorei nela a mais perfeita criatura que ainda me apareceu na terra, eu cuidei de morrer quando a vi perdida, arrastada por vós na infâmia e na vileza. Não morri de pesar porque me acudiu Deus. Não morri às vossas mãos quando vo-lo exprobrei com tanta veemência, naquela fatal noite da granja, porque... porque também Deus vos acudiu a vós e vos livrou de mais esse crime... E eu voltei-me a Ele, e para o santo ministério de seus altares a que me consagrei. Mas vós, senhor, para que seguistes vós a mesma vereda com tão outros fins e com tão outro propósito? Oh! vós sois meu senhor, meu superior e meu prelado: mas perdoai-me que vos fale assim; relevai-me, que é por vós, é por honra deste altar em que ambos ministramos, eu humilde presbítero, vós príncipe da igreja e sucessor dos apóstolos, mas ambos servimos o mesmo Deus, ambos no mesmo altar tomamos em nossas mãos o seu corpo e o seu sangue... Oh, senhor, senhor, acudi, que ainda é tempo, acudi por vós, salvai-vos, e salvai-nos a todos de um grande escândalo, de uma perdição horrível. Entregai-me esta pobre mulher, deixai-me que a vá restituir ao povo e cumprir a promessa que esta manhã lhe fiz na vossa

catedral, no templo do Senhor, na presença de Deus, onde tomei o seu santo nome em vão, e menti... menti por vós, por vos salvar de um desacato e acudir por vossa honra, pela do episcopado e da igreja... menti... oh! Fazei que não seja inútil o meu pecado, que me eu glorie nele. Oh! Que em memória daquela infeliz que não podeis ter esquecido... Impossível... que em sua memória façais este sacrifício de vossa vaidade — que outro não pode ser. Deixai-me ir reparar o mal feito; que eu possa ir dizer a essa gente inquieta: O vosso bispo é incapaz das infâmias que lhe atribuem. Aninhas ai está livre e pura. Eu velei e eu velarei por ela e por sua honra.

O bispo vacilou, seus melhores instintos tomavam-no de cima. Razão, sentimento, o próprio interesse, tudo pelejava pelo bom arcediogo. Sua eloquência, toda de alma e coração, dobrou o orgulho do altivo prelado — que outras paixões não as havia a debelar ali.

— Paio Guterres, — disse ele — vós sois um virtuoso clérigo, e um honrado homem. Abracemo-nos, arcediogo, e... perdoai-me.

O cônego ajoelhou sufocado em lágrimas:

— É a vossos pés, senhor, que me eu hei de prostrar; vós que tendes de perdoar-me, porque sois meu senhor e meu prelado.

CAPÍTULO XXX

O DITO POR NÃO DITO

O bispo estava com os braços abertos para o seu vigário; uma lágrima, esquecida há tantos anos naqueles olhos que desaprenderam de chorar, tremia-lhe entre as pálpebras secas e desacostumadas.

E o bom do arcediogo, sem se levantar dos pés do seu superior, pelos joelhos o abraçava, regando-lhos do copioso pranto de sua alegria, na satisfação jubilosa de sua santa alma.

É quadro para enternecer anjos e converter demônios ver a humildade da virtude prostrada aos pés do orgulhoso criminoso, que por fim não pode mais senão deixar-se vencer e dominar por ela.

— Abraçai-me e perdoai-me! — clamava o bispo: — Oh perdoai-me! E que Deus se compadeça de mim, e por vossa intercessão me perdoe também, homem santo e virtuoso!

— Ele sim, Ele sim, — respondia o arcediogo: — nós somos pecadores ambos; mas Ele vos bendirá, senhor, porque vos vencestes a vós mesmo e triunfastes de vosso maior inimigo.

Neste momento, neste próprio momento um clamor furioso e destemperado rebentou do lado dos paços do conselho e dentre o confuso estampido das vozes se discriminaram logo os gritos de:

— Morra Pêro Cão!... Pêro Cão, e o cão do bispo!

— Viva el-rei D. Pedro! Viva o nosso capitão!

- Venha o nosso pendão!... O pendão da Virgem!
- Liberdade, liberdade!... Abaixo com todos estes cães?

Os braços abertos do bispo estacaram; seu corpo, que se inclinava na deferência e na compunção, ressurgiu alto e se retesou duro e firme. Esses brados refizeram de repente nele o “homem velho” e lhe retemperaram o coração na primitiva dureza de seu mau natural.

Paio Guterres caiu de bruços no chão e soluçou amargamente:

— Meu Deus, meu Deus! É tarde, Senhor... e a vossa hora não espera por ninguém.

— Ouvis? — clamou o bispo, roxo e pálido de despeito, mas a voz segura e mordente de amarga ironia: — ouvis, senhor arcediogo de Oliveira? São os vossos amigos. Ide para eles, bom clérigo. Tirai a máscara da santidade, arrojai a garnacha e ide tomar o chuço dos amotinados, cujo sois. Mas dirigi melhor essa canalha desatentada, porque, se os tendes mandado vir dez minutos depois, a vossa obra de traição estava feita, e essa mulher... Que a venham buscar agora, vós ou eles ... vós com vossas hipocrisias, eles com suas insolências: que eu voto a São Judas Iscariote... hão de levá-la feita em postas.

Uma gargalhada diabólica, seca, fria, uma verdadeira gargalhada de bruxas retiniu (de entre os panos-de-rás, parecia) por todo o aposento.

— Ah! — disse o bispo, e correu a casa toda com os olhos turbados. E não viu ninguém.

— Onde está ela, essa maldita?

Paio Guterres levantou-se, e, os braços cruzados sobre o peito, os olhos tristemente postos no céu, não ouvia, senão em rumor vago, as desatinadas palavras do bispo- Mas quando o sentiu, depois de recobrado da primeira surpresa, ir direito onde Aninhas ainda há pouco se escondera como uma criança, toda a energia de sua alma acordou, e segurando-o pelas vestes pontifícias, com um brado que não parecia ser o de sua débil voz:

— Que fazeis, homem perdido? Tremei!

O bispo tremeu com efeito, porque a voz de Paio Guterres parecia a trombeta de um anjo repetindo as cóleras do Senhor que o mandou à terra. O arcediogo, deitando a mão às cortinas, correu-as, e patenteou aos olhos do indigno prelado o que era para fazer ajoelhar ímpios e bater nos peitos à própria incredulidade.

Cravada numa alta cruz negra e sem mais ornatos, estava a imagem do Cristo, de grandeza natural, não perfeita segundo a arte, mas devota e impressiva imagem que tinha não sei quê de divino e de Augusto, e refletia a imensa piedade do Deus de misericórdias que vem morrer pelos homens. Aos pés da cruz, não a Madalena arrependida que se debulha no pranto de seus remorsos, mas uma pobre criatura, bela, simples, e sem pecados para o chorar, mas que transida de medo se abraça com o santo sinal da Redenção e põe sua última esperança no amparo do Salvador.

Era Aninhas que ali se acoitara, que ali acabava de dar graças a Deus por ver apiedado o seu perseguidor, que ali se encastelara agora de novo como em cidadela inexpugnável, quando outra vez o ouviu jurar a sua ruína:

— Pontífice de Jesus Cristo! — bradou o arcediago: — ousareis arrancá-la dali?

O bispo devia de ter dentro de si naquela hora o demônio negro que ele dizia, porque tremeu como o demônio treme da cruz. Mas depressa se recobrou, e sacudindo de si a débil compulsão do arcediago, assim como de sua alma todo o temor salutar de Deus:

— Basta — disse — de hipocrisias e de jogos de crianças. Esta mulher não sai daqui; e vós saí quanto antes, senhor arcediago. Assim vo-lo ordeno, eu vosso bispo e senhor vosso. Parti.

E chegando à porta que dava para as salas de fora, chamou alto:

— Olá, Pêro Cão!

O dogue apareceu. Mas não ria agora. Tão lívido e verde-negro como esta manhã, trêmulo de raiva e de susto pelos brados que ouvia, vinha como rafeiro apedrejado chegando-se para o dono que o chamava.

— Tirai-me daí essa mulher, e levai-a aos cárceres reservados do subterrâneo. Não ao aljube: entendeis?

Pêro Cão deu um ronquido surdo de inteligência.

— Para igual sítio vos devia mandar a vós, senhor arcediago; mas...

O clérigo inclinou-se e não respondeu mais. O bispo sem olhar para ele nem para ninguém, saiu do aposento, e tomou para a sala de armas onde estavam muitos dos seus homens e oficiais de sua casa e Estado. E Aninhas, depois de uma última fervorosa oração àquela bendita imagem que, dizia ela, a salvara, tomando a bênção de Paio Guterres, que lhe recomendou de ter bom ânimo e confiança em Deus, seguiu resignadamente o seu carcereiro para a profundez das masmorras episcopais.

O pobre arcediago, desanimado, aterrado, meditando sobre as calamidades que de tão perto via já cair sobre aquela casa de maldição, sacudiu suas sandálias do pó infecto que ali se calcava — desse lixo de torpezas em que tão inutilmente fora enxovalhar-se.

E levantou o pano-de-rás, e foi pela mesma escada dos subterrâneos... fie só, como? Quem lhe dá o fio desse labirinto?

Alguém ali havia escondido, que o tornou pela mão e lhe disse baixo:

— Sou eu vinde.

Quem era? Seria a bruxa da seca gargalhada de inda agora? Quem era ela, que fazia ali, que lhe importava?...

A história não diz senão que a dita bruxa, ou não bruxa, levou muito diretamente o arcediogo até ao seu aljube; seu porque ele era, como já disse, o penitenciário e o viagário do bispado. Dali saíram logo os dois: mas para onde foram não se sabe... por agora ao menos.

Deixá-los ir; e vamos nós ver o que fazia no entanto a revolta.

CAPÍTULO XXXI

“SENATUS POPULUSQUE PORTUCALLENSIS”

Não longe das feudais torres da Sé e de seus paços, estavam, como tantas vezes temos indicado, os do conselho: aí desde manhã a vereação se tinha reunido no que hoje diríamos “sessão permanente”. O estado agitado da população, o receio de a ver romper de novo em aberta revolta, conservava ali reunidos, vigilantes e consultando da salvação da pátria, os veneráveis membros do senado portucalense. Ao reverso, porém, do senado de Roma, este é que tinha abandonado a plebe e feito o seu Aventino no monte da Sé. E por mais penas, nem lhe apareceu um Valério Públicola que soubesse salvar a pátria com um conto da carochinha, restabelecer com um apólogo a harmonia entre os poderes do Estado. E quando aparecesse, tinha de lhe suar o topete ao Públicola tripeiro para arranjar uma história que fosse bem o reverso daqueloutra; pois não eram agora os braços e as pernas que recusavam trabalhar para o ventre; senão que trabalhar e muito trabalhar queriam, mas por sua conta e risco, e sem lhes importar, em coisa alguma, com a sua municipal e senatória barriga, porquanto era ela barriga quem os tinha abandonado, deixando a bernarda à solta nas ruas, e indo-se fechar e barricadar eles senadores nos paços do conselho.

Estavam porém ali; e consultando e deliberando estavam. Mas o resultado de todas as suas consultas e deliberações tinha sido aquele tão legítimo, tão clássico e proverbial português de: AMANHÃ VEREMOS.

Assente e aceite este grande ultimatum da política portuguesa, que mais há que fazer? Os ministros adormecem nos seus gabinetes dourados, os senadores nas suas curuis de marfim, e os próprios tribunos — quando os há — roncam nos seus escanos de pinho, porque tudo está dito e tudo está feito. Boas noites, amada pátria, e até amanhã.

Muitas vezes chega a dita manhã, o ministro almoça, mete-se na sege de aluguel, vai para a sua secretaria mui tranquilamente, seguido do seu lictor posterior, que choita ministerialmente no rocim oficial detrás do currículo excelentíssimo, — chega ao Terreiro do Paço e acha a bernarda acampada ali com outros ministros já feitos, que lhe tiram a pasta de baixo do braço, e lhe dão dois pontapés no traseiro — sem lhe acudir nem o lictor do chimplim, porque imediatamente o abandonou e se foi postar detrás da outra sege de aluguel do outro ministro.

O senador, como ordinariamente vai a pé, sempre encontra no caminho alguma alma benfazeja que lhe diga: “Esconda-se, olhe que o prendem”. E ele some-se na trapeira, e apela para o seu fiel amanhã, que lhe é muitas vezes infidelíssimo, e não chega tão cedo.

Quanto ao tribuno, esse resta-lhe acusar os outros de traidores e de patetas, e ir tramar outra revolução para a tornar a perder.

Amanhã, santo amanhã de Portugal, que bons sonos deixas dormir à gente! Que nos importa a nós que as outras nações andem porque aproveitam o dia de hoje, se nós, por ti, dormimos e somos felizes como uns lazaronos sem cuidados!

O senado portuense estava pois firme nestes bons princípios. E demais, como durante a procissão das ladainhas. e muitas horas depois ainda, a revolução cochichava somente pelas esquinas, pelas tendas e pelas tabernas, não gritava nem fazia ressoar os anárquicos arames dos terríveis caldeireiros, naturalmente se tinha ido aquietando a solicitude dos padres conscritos, e adormecendo a sua vigilância.

Referem até alguns cronistas, porém somente como boato a que se não pode dar crédito implícito, que sentindo-se exaustos de deliberar — e o deliberar é verdade que exaure — quando foi ali pela tarde, tinham mandado vir da próxima bodega um alentado prato de saborosas tripas, e que em honra da invicta cidade o tinham alojado todo em seus capacíssimos abdomens, diluindo a espessa e glutinosa decocção em sendos pichéis de vinho maduro. O que de tal modo acabou de serenar em seus ânimos os cuidados da república, que, inclinando as veneráveis frentes sobre a banca da vereação, ou recostando para trás as respeitáveis nucas ao espaldar das curuis, unanimemente e sem discrepância de um só voto....adormeceram.

Reinava a santa paz — e se afinavam em deliciosa harmonia os compassados rancos dos nossos padres conscritos. Desde o assoviado falsete de Rubini, até ao baixo azabumbado da Lablache, todos os sons ali se ouviam e se harmonizavam em melodia e consonância.

Ingrato povo! E como tivestes ânimo, gente soez e malandrina, filhos desnaturados e mal-nascidos, para vir, com estes berreiros e matinadas, acordar vossos paternais representantes de um sono tão bem-aventurado e patriótico?

Estavam eles porventura tecendo alguma reste de posturas, como hoje se tecem restes de leis, para vos avexar e esmagar? Estavam eles votando sem escrúpulo nem exame, nem remorso, alguns milhões de contos de indenizações para as pagardes vós e as repartirem eles? Estavam talvez dando votos de confiança aos almotacés para vos cardarem a seu talante?

Não, oh! Não. Os pais da pátria dormiam, os pais da pátria ressonavam; e os únicos momentos em que a pátria folga, é quando os seus caros papás ressonam.

Dormiam os nossos conscritos o sono da inocência tranqüila e da gula satisfeita, quando subitamente caiu sobre o Capitólio tripeiro a trovoada de vivas e de morras com que o assaltou a plebe insurgida.

Despertaram temulentos e ansiosos. Se algum Breno galego os virá assassinar em suas poltronas, que não eram de marfim por certo, mas de seguro e pátrio castanho? Morre-se porém no castanho como no marfim: e morrer, de todos os modos, deitado, sentado ou em pé, é sempre secante.

Se será o povo levantado outra vez? Mas o povo estava tão quieto inda agora, e parecia descansar tanto na vigilância dos seus magistrados! E eles tinham em discussão, estavam em decocção nas suas meditaundas cabeças, uns planos tão maravilhosos de salvar a pátria!

Não pode ser o povo; ou se é ele, não é contra funcionários tão dignos e tão benquistos que há de estar levantado.

Serenou-os um pouco esta reflexão; e enfim o menos medroso dentre eles, o nosso Martim Rodrigues resolveu assomar-se á janela a ver o que era.

Começava a fechar-se a noite, e os muitos magarefes que acudiam ao tumulto, tinham acendido seus clássicos fogaréus, — uns como cestos de arcos de ferro, seguros na ponta de uma lança, e cheios de estopas breadas a que punham

lume, e ardiam de uma luz feia e vermelhuça. Muitos destes fogaréus rodeavam o asqueroso pendão da revolta; e muitos outros volteavam entre as massas do povo, como línguas de fogo infernal que lhes andavam inspirando seu descompassado ardor.

Com este quadro deram os olhos do nosso magistrado. Seus ouvidos estavam surdos do vozear confuso; mas uma voz forte se levantou por cima de todas e bradou distintamente:

— Leva rumor, e ouçam o nosso capitão que vai falar. Vasco rompeu com o cavalo para ao pé das casas do conselho, e dirigindo-se ao vulto bem visível do atribulado senador, disse:

— Em nome do povo vos requeiro; mandai abrir as portas dessa casa, senhores juizes e vereadores, porque nós queremos entrar. E que se tanja o sino da cidade, porque vamos deliberar sobre coisas do bem comum que a todos nos importam.

Já os colegas de Martim Rodrigues estavam todos atrás dele para ouvir, sem serem vistos; e todos a uma lhe disseram com a voz e com o gesto:

— Respondei-lhe que sim, que sim que já se abre a porta, e o sino se tangerá.

Assim o disse Martim; e Vasco lhe tornou logo:

— Muito bem: melhor é.

— Quando não! ... — começaram algumas vozes a rosnar: — ia tudo com seiscentos mil...

— Silêncio! — bradou Vasco num tom que atalha sempre estes sintomas de anarquia descabelada, quando o brado sai de uma boca respeitada e não suspeita.

Aquietou-se tudo, a porta abriu-se de par em par, o sino da cidade começou a dobrar; e o povo contente de ver sancionada, ou mais exatamente, regularizada com este formulário legal, a desordenada obra de sua insurreição, foi entrando para a sala das conferências enquanto coube; e aguardou tranqüilo, tanto os de fora como os de dentro, que se seguisse o ritual usado em iguais circunstâncias, que lhe fosse proposta devidamente e em forma a questão que iam resolver — que já estava resolvida, mas que eles ali e por aqueles trâmites queriam ver passar.

CAPÍTULO XXXII

BIL DE INDENIDADE

Entremos nós, amigo leitor, para a galeria, vamos assistir a esta grande sessão. Já que a urna severa fez dura justiça a nosso pouco mérito e nos não deu nesse augusto recinto onde pousar legalmente nosso assento, — e que nós, escrupulosos pasteleiros legalistas, não vamos com as turbas conquistá-lo à força viva, e constituir-nos a nós mesmos em cúria, vamos, leitor benévolo, vamos modestamente para a galeria. Goza-se mais, e no ponto de vista artístico, é muito melhor função.

Não quero dizer nisto que acho melhor direito ao que se mete, por cabala e tranqüibérnia, onde o não chamam nem virtudes, nem talentos, nem serviços, nem a confiança pública; digo só que nem de um nem de outro direito quero usar eu, e que os tenho ambos por tortos.

Cá estamos na galeria: vejamos.

Ao topo da larga mesa onde inda há pouco fumava a succulenta merenda dos nossos magistrados, estava Martim Rodrigues, o mais velho e o mais respeitável deles. Seguiam os outros à direita e à esquerda. Vasco, os dois irmãos Rui Vaz e Garcia Vaz, com mais alguns dos principais dentre o povo, tomaram assento entre eles. O resto ficou para aquém da teia. A turbamulta estendida pela antecâmara, pelas escadas, pelo portal, e pelas ruas circunvizinhas comunicava, como dizem os teólogos, pela intenção, com os que celebravam no interior do santuário municipal.

Sossegado o primeiro arruído, e instalada, segundo hoje dizemos, a assembléia, Vasco, sem esperar mais formalidades, tomou a palavra:

— Senhores juizes, vereadores e homens-bons da nossa terra, aqui tendes o honrado povo que vos escolheu para o julgardes e guardes, e que ao som de campa tangida, segundo nossos estilos e foral, aqui foi chamado, e entrou a deliberar e a tratar convosco, de um negócio e fazenda grave que a todos nos importa, e sobre o qual estamos também todos resolvidos que hoje se lhe há de pôr têrmo e acabamento, como cumpre.

— Sim, hoje, hoje! — bradou a multidão.

— Silêncio, amigos! Estas coisas querem tratadas mansamente. Sossegai.

Pasmado estava Martim Rodrigues, pasmado Gil Eanes, pasmados todos os colegas da vereação com verem a Vasco, o estudantinho, o protegido do bispo, alçado em orador do povo, em seu tribuno. E mais pasmavam eles ainda de ver um rapazola, sem autoridade nem substância, exercer tão eficaz império sobre a multidão. Não sabiam que entender nem que pensar. E depois de cochicharem entre si breves momentos, Martim Rodrigues, na sua qualidade de presidente, de juiz ou vereador mais velho, segundo melhor queiram chamar-lhe, disse gravemente, e cobrindo com o acento autoritativo da palavra o tremor nervoso que o agitava:

— Pois sois vós, senhor Vasco, o orador escolhido deste bom povo... Conforme vemos...

— É sim, — bradaram algumas vozes: — para tudo lhe demos poder, e por tudo o que ele ajustar estamos.

— Assim nos praz — responderam todos.

— Pois que assim é, — continuou mestre Martim — dissei-vos, senhor Vasco, de sua justiça, e propõe vosso caso para que venhamos no que melhor for.

Tomadas as oratórias precauções de tossir e de se pôr em conveniente atitude, Vasco recorreu por todo o seu saber, que se limitava a algumas reminiscências de Salústio ou de Cícero. Acudiu-lhe o *Quousque tandem*, estafado exórdio de muito orador noviço, e invertendo-o, para se dar algum ar de originalidade, como tantos fazem, começou assim:

— Assaz têm abusado da nossa paciência, ó juizes, os Catilinas desta mal-estreada terra. As opressões e os flagícios crescem de dia para dia. A nossa substância é devorada, os nossos direitos são calcados aos pés, o foral de São

Jorge é uma letra morta, uma carta vã e falsa, de que estão rotos os selos. Nossas mulheres e nossas filhas são roubadas. Os traficantes franceses e flamengos fogem do nosso porto e vão enriquecer de seu tráfico o Burgo-novo da outra banda. Faltamos o sal para as nossas pescarias...

— É verdade que falta o sal, está pela hora da morte o sal! — interrompeu a multidão, excitada no ponto mais doloroso de seus agravos. Um gesto impaciente de Vasco os conteve, O orador continuou:

— A autoridade pública está toda concentrada no indigno almudeiro, um que é tirado da escória mais vil e soez, que nem da nossa terra, é dessa gente de ganhar que nas comarcas do Sul do reino chamam ratinhos...

Hilaridade geral. E faltam os apoiados nas notas taquigráficas, porque se não usavam ainda então: estávamos, bem vêem, muito atrasados.

— Que antes fosse ele rato que só roesse, e não o cão enraivecido e danado que nos morde e dilacera! Nomeando Pêro Cão, tenho dito tudo; recordando-vos o desacato desta noite passada, cometido em casa do nosso comunal e amigo, Afonso de Campanhã, não tenho mais que recordar-vos. A honra da nossa cidade está empenhada, pedem-nos desafronta a sua glória, os seus interesses, a sua salvação. É preciso que o foral seja uma verdade. Estamos resolvidos a tirarmos do preito e vassalagem de um senhor que nos não ampara nem cata nossos privilégios. De el-rei queremos ser, e de ninguém mais, esta é a nossa proposta; ouviremos agora vosso conselho.

— Bem, bem! Assim é — bradou o povo todo: — A el-rei queremos por senhor, e a ninguém mais.

Burgueses daquele bom tempo inocente, em que tendeiro nem especieiro não sonhava ainda com os baronatos, os viscondados e as grã-cruzes — nem com a mão ensebada de pesar manteiga aspirava a tomar a pasta de secretário, ou a assentar a nádega lustrosa da calça de couro no veludo das cadeiras do conselho de estado — burgueses legítimos ainda, como eram aqueles pobres pançudos senadores da nossa terra — é evidente que no fundo de suas entranhas — ou, para dar mais cor local à frase, no fundo de suas tripas — achavam eco de simpatia aquelas altaneiras e democráticas palavras do mancebo. Democráticas, porque nessas eras feudais a democracia e a coroa tinham os mesmos interesses, a sua causa era comum.

Estou pensando... E não se arrepiem os meus amigos liberais!... Que pelo jeito que as coisas hoje levam, antes de muito, o povo terá outra vez de estreitar mais fortemente a sua aliança com a monarquia, para se defender do oniabsorvente despotismo dos senhores das burras, dos alcaides-mores dos bancos e de todo este feudalismo agiota, que é a fatal lepra da democracia, que a róí e a carcome, e que não vejo forças nem meios — na democracia só — para os combater. As vagas teorias do socialismo, os sonhos do comunismo não me parecem provar senão a impotência da forma contra o poder da matéria.

Olharam uns para os outros os conscritos padres, e cada um viu nos olhos do outro que seus íntimos sentimentos e opiniões estavam de acordo.

— Sim! — lhes dizia o coração — é justo.

— Não... — sugeria a pança — é arriscado.

E nesta luta de pança e coração os eleitos defensores dos interesses públicos, coitados! viam-se parvos. “A igreja é tão poderosa... Senhores toda a demanda vencem ao cabo... Valha-nos Deus! E a pança pesava, pesava... Que ela pesa mais que o coração, a maldita.

Gil Eanes, uma espécie de europeu daqueles tempos e daquele senado, conhecido pelo maior maçador da cidade invicta, e por possuir no mais alto grau a difícil arte de moer palavras em seco, sem lhes espremer o mais leve chorume de sentido, Gil Eanes, costumado a triunfar de puro cansaço, em muitas casos difíceis, estafando, moendo, adormecendo e fazendo fugir o seu auditório, Gil Eanes entendeu que naqueles apertos só ele. Entendeu bem; e tomando vênias do presidente, assim começou:

— Não posso nem pretendo, honrados juizes e meus bons comunais, não pretendo nem posso, nem tenho intenção ou possibilidade de negar e de pôr em dúvida que a proposta ou proposição do benemérito orador que acaba de falar seria daquelas que, dadas as condições, e admitida a possibilidade e conveniência das circunstâncias, era talvez, e porventura se apresentaria de um modo, e por tal dedução de causas e efeitos, que eu poderia, e todos nós de comum acordo estaríamos dispostos e inclinados a que, admitidos os princípios que são a base e fundamento essencial de toda a doutrina, consultada somente a suprema, a supina consideração das razões abstratas, e tais que o entendimento, a norma, a lei geral das mais elementares regras da boa administração e da reta congruência dos elementos mais vitais — ou antes daqueles que progridem por certa e invariável marcha desde o seu ponto de partida até o mais culminante; e bem assim firmados naqueles dados estatísticos por mim colhidos e que foram elaborados pela confrontação dos fatos — e os fatos são tudo na ciência! — Ciência que eu posso dizer com alguma vaidade, que peço me seja permitida, tenho levado desde o caos em que a achei, até outro caos... Quero dizer até onde são os limites confinantes da racionalidade bem entendida; pois se não pode negar que entre os dois máximos perigos do ser e do não ser — como daqui a alguns séculos tem de dizer um grande poeta inglês: *To be, or not to be*; o que então há de significar traduzido em romance:

Ou ser capitão-mor ou não ser nada...

“E citando estas futuras trovas, eu homem de alta ciência que desprezo trovadores e juglares, sacrifico às musas como Sócrates... O conselho sabe quem é Sócrates e quem são as musas; mas quando não soubesse, bastaria dizer-lho eu...”

O efeito narcótico desta eloquência admirável começava a manifestar-se na assembléia dos paços do conselho do Pôrto pelo mesmo modo que, tantas vezes depois, vimos e sentimos nos paços de São Bento em Lisboa. Os vereadores cabeceavam todos; Vasco sentia um pesadelo mortal que o oprimia e atormentava como num mau sonho de febre; os mais exaltados chefes da multidão bocejavam atrozmente. E ali se acabaria toda a disputa, como acabou aquela briga dos borrachos,

Porque em vez de brigar, adormeceram...

Mas os irmãos Vaz, que se estavam abrindo, um para o outro, cada boca de orelha a orelha que fazia espanto à de Sacavém, assustados de ver tudo cabeceando e bocejando, e o orador sem a mais remota idéia de sair de seu labirinto de palavras, e surdir com alguma coisa que se entendesse — disseram entre si:

— Isto não pode ser; este sandeu de Gil Eanes está mofando de nós... E é tarde, e nós temos que fazer.

— Abaixo o palavreado! — gritou Garcia Vaz.

— Abaixo! — respondeu a assembléia despertando.

— Fora com ele! — bradou tudo; e se repetiu, de eco em eco, pelas escadas, pelas ruas e vielas dos arredores que atulhava a multidão, e por onde se tinha estendido o choque elétrico de torpor que partia do admirável foco de eloquência do nosso orador insigne.

— Ouçam, senhores! — bradou ele desesperado e desapontado — ouçam-me, porque eu tenho direito a ser ouvido, eu devo ser ouvido...

— Abaixo!

— Ouçam, que vou dizer maravilhas.

— Fora, fora o impostor!

E tal foi a reação contra a pesadez da magnetizadora eloquência do digno membro, que a vozeria não cessava. Gil Eanes somente se via gesticular furioso e despeitado; mas os palavrões, não conseguiu que lhe ouvissem nem mais um.

Sentou-se... Fatigado, como sempre, da luta; mas contente, como sempre, de si. Ralhou e protestou à sua vontade, falando com os infelizes que lhe ficavam ao pé; mas o tumulto cessou. E Vasco, levantando a voz, disse:

— Nós estamos resolvidos. E agora, se os nossos juizes querem vir à nossa frente, que venham: é o seu lugar. Senão, nós iremos por nós. Que nos dêem o estendarte da nossa cidade, o estendarte da Virgem, porque o queremos levar de guião diante de nós, e por balsão da nossa empresa.

Não esperou Garcia Vaz por mais nada; deu por despachado o requerimento de Vasco, a opção dos juizes por feita, e tomando nas mãos o estendarte da cidade, que estava a um canto da sala, deu, sem nenhuma cerimônia, um salto para cima da mesa da vereação, e pondo-se em pé sobre ela, três vezes o volteou no ar, bradando em alto brado:

— Pela santa Virgem, nossa padroeira, por el-rei nosso único senhor e defensor... E pelo nosso capitão! viva, viva, viva!

E entregou o estendarte a Vasco. O povo gritou viva! E saiu de rondão pela casa fora, atroando os ares com suas aclamações.

E assim foi passado o bil de indenidade sobre a revolta. E assim passam todos os que querem passar: o caso está que ela tenha força, a revolta.

Vasco montou a cavalo com o estendarte na mão. Os padres conscritos mirraram-se, cada um para sua trapeira, como é de uso. E a bernarda, triunfante neste primeiro reencontro, ganhou força e consciência de seu poder; e com grande entusiasmo se encaminhou para os paços do bispo, tripudiando e saltando, deitando suas loas, e cantando seus hinos, sem esquecer, de quando em quando, o bordão obrigado dos “morras e passa fora cães”, jaculatórias dirigidas ao estimável almudeiro, cuja popularidade não decrescia jamais, nem esquecia por coisa nenhuma.

CAPÍTULO XXXIII

GUERRA CIVIL

Antes porém que as forças populares se tivessem apossado do estendarte da comuna, e que, mais fortes agora com esse paládio, e com a presunção de legalidade que nele tinham, marchassem avante contra seu natural senhor e não menos natural inimigo, já este se tinha apercebido para a defesa. Todas as portas do palácio e da catedral estavam fechadas, e pareciam desafiar, com suas grossas barras de ferro, seus poderosos trancões de carvalho, tudo quanto não fosse artilharia... E não a tinham ainda os reis, a artilharia; quanto mais os povos! As ameias da Sé estavam coroadas de besteiros, de archeiros; e assim mesmo as do acastelado palácio. O silêncio, a ordem, a disciplina, poder imenso com o qual os poucos resistem, e vencem quase sempre, aos muitos, reinava nos precintos episcopais. O prelado em pessoa, arrojadas as longas vestes pontifícias, e meio armado já, como quem esperava combater, dava tranquilamente as ordens, provia a tudo, e mostrava a alacridade serena do homem forte, que forte se sente em seu direito e na sua força, e que espera pausadamente o ataque para castigar com justa severidade os que se lhe atrevem.

Tal parecia no gesto, no ademã e nas palavras, o antigo cavaleiro de Afonso IV. Mas era esse em verdade o estado de seu ânimo? Batia com efeito tranqüilo, sob a couraça militar, aquele inquieto e altivo coração que debaixo da cimarra de púrpura não sossegava jamais? Oh! Não.

Seriam remorsos das tiranias e exações com que vexava duramente os pobres vassallos, entregando-os, de pura e despiedosa indiferença, ao cruel governo de um truão carniceiro?... Não, por certo. E já o disse: o Evangelho de que era ministro, não o compreendia nem o sentia; das leis sociais, outras não sabia senão a suprema: que o senhor manda e o vassallo obedece. O que era, era um pressentimento confuso, um terror indefinido, um agouro vago — tardio às vezes, mas infalível verdugo dos maus — que se tinha apossado de seu coração.

Sem se temer dos sublevados, seguro de que haveria a melhor deles e de sua desmandada arrogância, dizia-lhe todavia não sei quê no fundo da alma que aquela noite lhe havia de ser fatal, e que um grande castigo ia cair sobre ele. Mas por quê? Aninhas, bem a tinha feito roubar... — E era guapa moça Aninhas, e valia a pena! — mas que mal lhe tinha ele feito? Violenta não a queria... E se realmente ela era... Ela fosse... Virtuosa, vamos, virtuosa... Pois deixá-la. Que se vá para o arco acender a lâmpada da sua Santa e bom proveito lhe faça! — Mas tem muito tempo para isso. Entregá-la a essa canalha da arraia-miúda... Ou grossa que seja... Que por ai anda a gritar, que falta ao respeito a seu senhor natural, que lhe vem à porta dar morras a seus oficiais, vivas a el-rei — e este é o desacato que mais o pica em sua vaidade e orgulho feudal — isso não! Isso é o que ele nunca fará. Já não por senhor que é, nem pela púrpura de príncipe que veste, senão só pelo pundonor de simples cavaleiro lhe há de resistir. Há de lhe resistir à canalha, e a el-rei que se encanalhe com eles.

Mas ai!... Aquela mulher de há tantos anos, a filha do seu benfeitor, aquela que ele covardemente injuriou, perdeu... E toda uma família assassinou... Essa, oh! essa mulher é que ele vê agora presente a seus olhos... Ester, Ester! — Mas já não é a Ester debulhada em lágrimas, sumida no opróbrio; é uma Judite inspirada, brandindo na mão o cutelo vingador e prestes a decepar com ele a orgulhosa cabeça de Holofernes. E junto dessa visão terrível, essoutra figura, mal distinta ao

princípio, mais clara pouco e pouco, agora clara de todo... Quem é? Vasco! Vasco, o jovem estudante, o seu predileto, a coisa única neste mundo que ele jamais amou!... Como, por quê? Que faz me aí? Que significa ele aí nessa visão?

O que significa, homem desnaturado e perdido? Lembra-te!...

Mas ele não se lembra: o seu coração não tem memória; e o seu espírito se confunde nesse disparatado sonho de acordado, vendo a risonha, a petulante figura do seu Vasco surgir na mesma evocação com o terrível fantasma daquela mulher de vinganças.

Quimeras! Desvarios de um pesadelo... É sacudi-lo e despertar. — Mas onde está Vasco todavia? Não voltou ainda... E é tão noite já! E o povo nesses tumultos! E se Me cai nas mãos dos populares? Esse é real e palpável perigo... Que fará? — Fr. João não veio; os criados, que foram por ele, voltaram sem resposta nem recado, porque todas as portarias dos conventos estão fechadas. São uma canalha estes frades, franciscos e dominicos, e eles todos que se querem fazer neutrais na pendência, e temem de se malquistar com os burgueses! — Se Vasco lá estará ao menos no convento? Ai estava ele seguro, e seria uma fortuna...

Tornou a chamar oficiais e criados; e de perguntas em perguntas se veio a aclarar, pelo estribeiro a quem o mancebo tinha entregado o alazão junto ao arco de Sant'Ana, que ele desde a tarde voltara à cidade e que entrara logo para casa de Martim Rodrigues.

— Que vai ele fazer a casa do juiz? — perguntou o bispo admirado.

— Que vai fazer? Mestre Martim tem uma filha discreta e formosa que...

— Pois Vasco? Oh! eu lhe porei o remédio. Que vá já alguém a casa de mestre Martim, e que...

— Senhor, o paço está todo cercado: não há porta nem postigo por onde se possa já sair.

— Os besteiros que joguem rijo sobre eles da torre de menagem, e que ao mesmo tempo rompam da porta quatro homens de lança bem montados; que se abram caminho, e que vão saber...

Um clarão repentino que iluminou os ares, um estampido tremendo de vozes, misturado com o furibundo repicar dos arames dos insurgidos, lhe atalhou subitamente a fala, e o fez correr à janela, com o alcaide-mor, com todos quantos ali estavam. O que viram era para assustar. O próprio bispo estremeceu, os demais desanimaram. As duas principais portas do palácio, minadas surdamente por um fogo pertinaz e lento que até ali tinham tido encoberto, e que seria alimentado com carvão talvez, para não fazer chama, estavam já abrasadas. Deram-lhe de repente os golpes de muitos vaivéns, e os velhos pranchões de carvalho se desfaziam num granizo miúdo de centelhas, que punha medo ver saltar e chispar pelos ares.

Mas não foi senão de um momento o sobressalto do bispo; o tremor que lhe sacudi os membros vinha mais dos pensamentos que o tinham estado agitando no espírito; o perigo retemperou-lhe nervos e alma.

— Ah! Sim? — disse ele com um sorriso amargo, mas sereno o rosto, e frio na cólera que o endurecia já. — Ah! Sim? Pois agora o veremos.

Atirou com o barrete, cobriu o morrião, e empunhando a espada deitou, sem mais proferir, para as escadarias do palácio.

Ao vê-lo assim, com os olhos ardentes, cãs as barbas, a cruz ao peito, a espada na mão, diríeis que é São Tiago remetendo aos mouros... Não é porém o apóstolo, senão o indigno sucessor dos apóstolos que vai terçando o ferro contra os de Cristo: é o mau pastor que investe com o seu rebanho para o degolar.

O alcaide-mor e seus oficiais desembainharam as espadas e seguiram; os homens d'armas, o resto dos archeiros que não tinham desertado, a guarnição toda do castelo, e digamos assim, toda a casa militar do bispo, que era numerosa, acorreu a seu senhor. Desceram de rondão as escadas, e no átrio para onde davam as portas ameaçadas, tomaram posição e ordenança de guerra.

O prelado cavaleiro, à frente de seu batalhão d'Elite, parecia reviver de sua vida antiga, saudar alegre os perigos da peleja, a turbulenta ebriedade dos combates em que fora criado.

Mas só nos olhos, só no palpitar violento dos seios estava toda a excitação. Mudos, quedos, fixos, ele e todos os seus, a vista cravada nas portas que chamejavam e tremiam, provavam que a sua coragem era refletida e segura, aguardando assim tranqüilos o momento decisivo e supremo.

Não tardou ele muito. Uma das portas caiu em mil pedaços ardentes, centelhando em faíscas... E os sitiantes de levantar um tremendo clamor de — "Vitória, vitória!" que atroou toda a cidade.

No mesmo instante, por entre a chuva de brasido que ainda caía, por cima dos montes de carvão escaldando que rechiavam na umidade do chão, rompeu sem mais ordem, cega, louca e amouca de seu furor e entusiasmo, uma imensa massa de povo, que, ao som dos vivas e dos morras, entrou pelo átrio densa, confusa, apertada e empuxada das muito maiores massas que atrás e atrás vinham sem solução de continuidade... E vinham e vinham, e de seu próprio peso se precipitavam, abatendo e prostrando quanto se lhes punha de diante.

Mas não era nem a fúria deste oceano para romper assim os diques de ferro sobre que foi rebentar suas ondas. Gente toda mal armada, sem comando nem disciplina, deram consigo aturdidos contra o bem disposto batalhão dos episcopais que ali não contavam achar; nem o viram, de cegos e estonteados que vinham. Tudo se foi cravar pelos peitos nas lanças e alabardas que os esperavam firmes; ou caíram por fendidos dos tremendos talhos de espada que lhes assentava o bispo, e dos que seus oficiais repartiam sem poupança... nem piedade.

Quase toda a primeira testa da revolta ali ficou morta ou moribunda, e assando meia viva nos carvões abrasados que juncavam a entrada do pátio.

Os gritos, as maldições, as blasfêmias... As chamas que ardiam e crepitavam... Os olhos do bispo que flamejavam, e luziam mesmo entre o fogo como os de Lúcifer... Pêro Cão que ria o seu riso de demônio... Tudo dava àquela cena ferocíssima o aspecto de uma cena de inferno.

A torrente popular parou, e oscilou com um movimento quase retrógrado, como tronco de serpente quando lhe de cepam a cabeça.

— Afasta, afasta! Que, em socorro já não, mas a vingar a sua vanguarda de amoucos, ai vem avançando mais, mais regular e pausada, outra sorte de batalha e de combatentes.

Esta não grita desatinada, nem se desordena gritando; mas o seu brado de guerra é tremendo e solene!

— Virgem santa, sede por nós! Vingai os nossos irmãos! E um homem a cavalo vinha no meio da hoste e volteava o estendarte que trazia... E o estendarte era o da Virgem padroeira da cidade.

À voz de — Cerra, cerra! Por Santa Maria e por sua terra! Investiram como leões furiosos. Mas é fúria que traz regra e comando; e entre eles e os do bispo trava a peleja mais igual — não menos sanguinolenta. De ambos os lados caíam, de ambos os lados corria o sangue. Dos populares era mais todavia, porque entre eles só vinham bem armados os archeiros trânsfugas. Assim os episcopais tinham grande vantagem sobre os da comuna.

la-se dissipando o fumo que ao principio envolvia tudo, e os golpes eram mais certos e fatais... Começava a ceder o povo... Quando o seu jovem capitão, solevando o estendarte na esquerda e brandindo a espada com a direita:

— Amigos, — bradou — que é isto? A eles por nossa honra e pela liberdade da nossa terra!

A este brado, ao som desta voz, os populares alentaram, e entrou a desordem e a confusão nas fileiras inimigas, porque o seu chefe caiu de repente como ferido de golpe mortal no coração.

Tomaram-no em braços, levaram-no para a retaguarda; e enquanto o alcaide-mor, com alguns de mais ânimo, defendia, sem grande custo, a vanguarda, outros carregavam com o bispo — que já nem respirava quase — pelas escadarias acima do palácio.

CAPÍTULO XXXIV

ARMISTICIO

Todos julgaram o bispo mortalmente ferido, o combate esfriou, parecia não haver já por que pelejar. A sorte das armas declarava-se pelos populares; mas esses mesmos estavam espantados da vitória, não sabiam que fazer dela, e começavam a ter medo, a ter “horror ao vácuo” de seu triunfo.

Assustaram-se porém antes de tempo: o caso era estranho e de pasmar; mas o bispo não morria, e nem levemente estava ferido; foi uma vertigem que o derrubou. Tornou a si transtornado, demudado, aflito; e com duas grossas lágrimas nos olhos, os braços alçados, e ele em pé sobre os degraus da escada, bradou de uma voz de agonia tão dolorosa que partia os corações:

— Vasco, Vasco!... És tu, Vasco?... Tu!

Vasco ficou imóvel, suspenso; e o bispo, arrojando a espada, que nem o desmaio lhe fizera soltar da mão:

— A mim! — clamou:— a mim, Vasco! A mim só os teus golpes. Aqui tens desarmado este peito; fere...

E desprendia a couraça, e rasgava a túnica de púrpura que debaixo trazia, e expunha nua aos imprecados golpes a forte arca do peito que lhe batia

audivelmente, e em que se lhe ouriçavam como espinhos os pêlos grisalhos, longos e bastos que a povoavam.

O inesperado do caso, a estranhez daquelas palavras acabou de suspender as iras dos combatentes. Todos pasmaram, todos ficaram atônitos e cortados.

O clarão do incêndio dava luz sanguínea e abrasada a esse tremendo quadro de guerra civil. Todo o horror, todo o palpitante interesse da terrível cena se exaltou.

Vasco, o pobre Vasco não pôde mais ser senhor seu, sentiu que lhe fugia a luz dos olhos: por um derradeiro esforço do ânimo — vencido já do coração — ainda apertou com a esquerda sobre o peito a bandeira da cidade; mas os estribos faltaram-lhe dos pés, a espada caiu-lhe da outra mão, as rédeas foram sobre o pescoço do cavalo, a cabeça inclinou-se-lhe... e, se não fora que o generoso alazão estacou logo dos quatro pés, como se ali se fundira em bronze — ao menor movimento que fizera o cavalo em terra estava o cavaleiro.

Isto porém ninguém no percebeu, só os penetrantes olhos do bispo viram o que sucedia... Desatinado, começou a gritar:

— Acudam-lhe, acudam-lhe! Cesse o combate, deixem tudo o mais, e acudam-lhe! Salvem-no. E nem mais um golpe! Salvem-no. Eu farei tudo o que quiserdes, boa gente. Sim, eu tratarei com ele, com Vasco, pois que esse é o vosso chefe... Bem, bem! Assim, amigos, assim. Apeai-o com jeito. O cavalo é um nobre animal, não mexe com um pêlo do corpo. Parece o meu alazão... E é ele! Como foi isto? Não importa. Não o larguem, que não está firme nos pés ainda. Desabrochem-lhe o peito das armas. Criança! Esta criança com um peito de ferro! Meu Deus!...

E assim se ia fazendo tudo como o bispo dizia; e nas duas hostes quase confundidas mandava ele só. Tal poder tem a voz do coração, e tais estranhezas tem a guerra civil!

Mas já o nosso chefe popular estava em si, recobrado de animo e de corpo: firmando-se na lança da sua bandeira, deu alguns passos para o bispo, que o estava contemplando com admiração e lhe sorria de puro gosto; inclinou-se com reverência, e em tom grave, modesto, mas firme, lhe falou assim:

— Senhor, eu sou uma criança, é verdade; mas Deus serve-se dos pequenos contra os grandes, para os combater muitas vezes, e para os admoestar não poucas. Que a minha voz fraca e humilde chegue ao vosso coração e o embrandeça...

— Sempre, sempre vem ao meu coração a tua voz! — clamou o bispo interrompendo-o e estendendo-lhe os braços. — Mas... — e aqui se retraiu como picado subitamente de um áspide. — Mas que queres tu? Que fazes aqui tu? A que vieste? Que armas, que bandeiras, que discursos são estes?

— Esta bandeira, senhor, não a conheceis? É a da Santa Virgem, protetora da nossa cidade, defensora dos nossos direitos e liberdades. E eu...

— E tu?

— Eu sou o escolhido por esta boa gente para...

— Para quê?

— Para vos dizer em seu nome que eles não podem suportar mais esse jugo de escravidão em que os tendes, com que os deixais governar por homens tão indignos de vossa confiança, como de reger um povo cristão, livre, fiel e honrado.

Os olhos do prelado começaram a faiscar; o rosto, inda agora pálido com o susto de ver morto ou ferido o seu Vasco, ia-se-lhe inflamando de ira, principiava a

tingir-lho o orgulho do seu mal-assombrado roxo-terra. Mordeu os lábios para se conter, e sorrindo com amarga ironia:

— E esse honrado, esse fiel povo vem armado de todas as armas requerer por sua justiça? Hasteou em tuas mãos a bandeira da Virgem da paz... E sem mais declaração de guerra, deita fogo ao meu palácio, arromba as portas, entra queimando e devastando na própria morada de seu senhor... Vasco, tu és uma criança com efeito, e a tua inocência te desculpa. Deixa essa gente que te iludiu, vem comigo, que eu...

— Uma criança sou; mas deu-me Deus razão inteira para ver donde está a justiça e o direito. Senhor, vós sabeis a causa fatal do alvoroço desta manhã... O povo, indignado mas respeitoso, veio com seus juizes à frente, veio a vossos pés pedir justiça e reparação. Prometeram-lha mas não lha cumpriram. Os vossos ministros riram das súplicas do povo, intimidaram os seus juizes e magistrados, e mofaram da indignação pública porque nos julgaram fracos, porque supuseram extinto, evaporado o fogo de palha das iras populares. Então o povo armou-se, ordenou suas fileiras, escolheu chefes que o não abandonassem, e agora... já não pede...

— Que faz então?

Vasco engoliu como em seco um som que lhe vinha mal formado do peito; mas tomando outra vez o fôlego e respirando largamente, disse com voz solene:

— Exige.

— Ah!... E a ti te escolheram por chefe, a ti para capitão dos rebeldes amotinados?

— A mim, senhor, escolheram-me para chefe do povo... Rebeldes ou leais, vós nos fareis.

— E que pretende de mim o povo?

— O que lhe tendes jurado, o que em bom e santo direito lhe deveis: castigo e desagravo pelo passado, cumprimento de seus foros pelo futuro. Que separeis de vós a má gente que vos rodeia, e que chameis os honrados de quem o povo confia.

— E se eu, quaisquer que sejam esses agravos, verdadeiros ou sonhados, entender que não devo pactuar com os meus vassallos sublevados, e exigir — exigir também eu por minha parte, que, primeiro que tudo, deponham as armas da rebelião?

— Não as deporão. Estão escarmentados, senhor; a sua boa fé tem sido escarneada. A todas as promessas lhe têm faltado, e por cada desagravo prometido, têm vindo os vexames aos centos. Se a sua última razão são as armas, é porque lhe não deixaram outra. Culpai a quem lhe tirou todas as mais.

— E que farão, que querem fazer por fim com essas armas? Não as tenho eu também? Não os posso combater e destruir?

— Maior calamidade, senhor: Deus será juiz entre nós, e a vitória decidirá da pendência. Mas em todo o caso, eles retirarão de vós seu preito e vassalagem, deixarão de ser homens vossos, e se darão a el-rei, e o tomarão por senhor natural...

— El-rei! Ah! el-rei!... Aqui andam artes suas: bem o vejo. Não ousava tanto essa gente se não tivessem as costas quentes com ele. Bem: eu pensarei, e... Que se chamem os juizes. E virás tu com eles... Vireis vós com eles, senhor capitão. Daqui a uma hora, em pública audiência na nossa catedral, ouviremos dos agravos

do povo, e veremos de concertar o que for razão. Senhor alcaide-mor, a suspensão de armas está proclamada. Que me guardem porém estas portas. As da Sé vão abrir-se: que entre o povo para lá e aí me achará para ouvi-lo. Os juizes da cidade, o meu vigário, todos os de minha corte e desembargo que sejam chamados. E tu, Vasco... Não, tu virás comigo agora.

E tomando pela mão o estudante, subiu com éle as largas escadas do palácio.

Iam a meio já, quando Vasco foi conhecido do povo, e uma voz se levantou dentre as turbas:

— Traição, traição! Querem-nos tirar o nosso chefe!

— Não consentimos, não consentimos — responderam outras vozes.

— Não, não! — clamaram todos.

— Que nos entreguem arreféns, — disse um mais precatado e doutor. —

Sem isso não vai.

— Queremos arreféns.

— Venha Pêro Cão.

— Para o enforcarmos antes de tudo.

— Morra Pêro Cão.

— Morra!

E já recrudescia de novo a sanha popular, e os episcopais se preparavam para a defesa. Os dois chefes das facções contrárias, que amigavelmente subiam as escadas em sinal de paz, e em penhor das recém-nadas esperanças de concórdia, pararam, e não ousaram subir nem descer.

Assustou-se Rui Vaz, que tinha os seus planos, e não queria transtornado aquele principio de concerto. Por uma dessas inspirações que tantas vezes salvam a pátria com uma caturrice, o ex-archeiro destampou numa grande gargalhada e disse:

— Quem é o grandessíssimo traidor de bufão que veio com esse estúpido alvitre? Nem Pêro Cão, nem outros que tais cães como ele são arreféns que se peçam. Um cabelo da cabeça do nosso capitão vale mais que todas as gargantas deles. E as gargantas deles, para que as queremos nós se não for para os nós da corda?... e iça!

Desatou tudo a rir.

— Bem dito! — exclamou um caldeireiro poeta que adorava o consoante e idolatrava o calimburgo. — Bem ditol

Para que os queremos nós,
Senão para dar-lhe os nós
Que lhe machuquem a noz
Da garganta excomungada?
Para mais nada, mais nada.

Consigno o importante documento deste memorável improvisado nas duradouras páginas da minha crônica, porque ilustra um grave ponto de história literária; a saber: que não é invenção da moderna escola poética, segundo ela bazofia, este insartar de consoantes como ave-marias num terço — “pérolas num fio”,

dizia Hafiz, e os orientais todos, há mil anos. — Não, senhor, é muito antigo, já no décimo quarto século se usava, e antes. Verdade seja que os insartadores eram menos, e o zunzum não cansava tanto — portanto.

Deste precioso documento se vê também quanto é antigo e popular entre nós o uso do “calimburgo”: palavra que facilmente adoto apesar de gafa de mau francês; mas antes disso, antes naturalizá-la mesmo assim doentia, e dar-lhe terminação portuguesa, acordando-a de boamente a nossos modos e aos sons habituais de nossa língua, do que dizer pretensiosa e espevitadamente: calembourg! Som inóspito, difícil, que ressalta híbrido e ríspido, no meio de nossas palavras redondas e cheias, como um guincho dissonante que repugna.

Calimburgo foi — e não me tornem a dizer calembourg! — calimburgo foi o de Rui Vaz, o que poetizou e desenvolveu depois o Tirteu caldeireiro, e que tanto deu no goto à multidão — como sempre sucede em os ela entendendo... o que nem sempre lhe sucede.

Riu-se o povo: e quando o povo ri, bem vai ela.

Rui Vaz jogou no chorrilho e continuou:

— Arreféns por arreféns, que nos dêem o Arrifana: e bem lhe quadra o nome, Fr. João da Arrifana, venha esse de arreféns.

Outra gargalhada aprovadora que deu o povo, e outro documento de que a aliteração não é exclusivamente saxônia, como pretendem os amigos ingleses, antes mui usada e querida dos nossos, e que está em seus instintos poéticos, não menos do que o toante ou assonante, o consoante e o calimburgo.

— Pois venha Fr. João — clamaram — Fr. João queremos. Venha o Arrifana de arreféns.

— De arreféns o Arrifana!

Venceu a chacota, serenaram as turbas outra vez; o bispo assentiu, e foram buscar a Fr. João, que bem relutante deixou o asilo de seu convento. Mas não havia remédio: mandava o senhor e mandava o povo; a neutralidade era impossível.

Solenemente foi proclamado o armistício; e o prelado, com o chefe dos insurgidos, com poucos mais de uma e de outra facção, subiu enfim o último lance das escadas e entrou no palácio.

Dava neste ponto meia-noite; Garcia Vaz, que ficara para conter e suster os populares, inquieto e cuidadoso chamou por seu irmão e lhe perguntou com ansiedade:

— Ouviste que é meia-noite?

— Ovi, sim; e então?

— Então, vem ele ou não vem? Se não vem, isto acaba mal. Povo é povo: em o demorando com qualquer pretexto, em lhe fazendo passar mal uma noite, começa a esfriar-lhe a cólera; e quem fica nos cornos do touro somos nós.

— Mais medo tenho eu que lhe ela ferva demais, e que entrem por ai a fazer desatinos que el-rei desaprove e castigue depois, e que nós tenhamos de pagar também. Até agora tudo vai de maravilha; e se o mantemos assim mais uma hora...

— Mas ele, ele? Ele é que não sei...

— Ele!... Ele já cá está.

— Que dizes! É possível!

— Fui eu em pessoa, com o arcediago e com a bruxa de Caia — aquela velha que sabe tudo, e que conhece quantos alçapões, quantas covas e cavernas há no castelo e na cidade — fui eu com eles ambos abrir-lhe o postigo secreto que dá nos subterrâneos do paço, e que também vai à capela da Senhora da Silva na Sé. Lá está...

— Só está? Que perigo!

— Só: pois é homem ele que tenha medo? E quem se lhe há de atrever?

— Quem? Qualquer desses rufiães que há nesta maldita casa, e que o não conhecem pela maior parte.

— Não tem dúvida. É homem para mais: deixa-o. E além disso, Paio Guterres lá sabe onde o embrechou nos esconderijos da Sé. Ninguém o verá, e ele verá tudo, e se deixará ver quando for tempo. Sossega: isto vai de vencida, e nós havemos de ser...

— O que, Rui?

— Que sei eu, Garcia? Mais alguma coisa havemos de ser. Depois de tantos trabalhos...

— Não sei, não sei. A gente mete-se nelas, e o lucro. - -

— É para os que vêm depois... Assim tem sido sempre, e creio que assim há de ser sempre. Veremos.

— Homem, mas isso não tira que a gente que tem razão.

— E justiça.

— Pois então adiantei E Deus será conosco.

CAPÍTULO XXXV

ESTA ABERTA A SESSÃO

Era passante já da meia-noite quando das altas torres da Sé começou a reboar lenta, grave e compassada a tremenda voz de seu grande sino, que só em mui raras ocasiões se tange e sempre anuncia grande festa, grande pranto, ou muito extraordinário acontecimento público.

Quanto na terra havia que não tivesse entrado no alvoroço, acudiu agora ao chamamento do bronze sagrado que parecia dizer a toda a cidade: “Vinde, vinde todos, e grandes coisas vereis”.

Com efeito, dentro em pouco tempo revoltosos e pacíficos, armados e desarmados, toda a população do Porto se concentrava no largo da Sé, nas ruas, vielas e passagens circunvizinhas. A noite era bela mas sem lua, e as altas janelas, as estreitas frestas da catedral começavam a mostrar as variegadas cores de seus vidros com as luzes que dentro se acendiam e que ia debuxando, aqui um santo mitrado com o seu báculo na mão, lá a cabeça de um serafim entre duas asas, além uma passagem da Bíblia, acolá uma legenda do Fios Sanctorum. Não tardou a voz do órgão a juntar-se a estes anúncios de grande e não esperada solenidade, preludiando nas cordas corais, e correndo por todas as escalas com seus magníficos e impressivos efeitos.

Logo, abrindo-se as portas de par em par, uma torrente de luz rompeu dos sagrados precintos, e inundou todo o largo apinhado de gente. E a multidão rompeu pela igreja dentro, derramando-se pela imensa capacidade de suas vastas naves, atulhando-a, sem deixar senão a capela-mor e o coro, porque lho defendiam os altos cancelos que do corpo da igreja os separavam.

Magnífico era o espetáculo; e ele só per si, prescindindo do interesse da grande questão popular que ia debater-se, bastaria para atrair as turbas. Os cônegos com suas murças ocupavam as cadeiras capitulares; o bispo, trocada a armadura profana pela púrpura sagrada, a mitra em vez do morião, e no lugar da espada o báculo de ouro, parecia um antigo e homérico “pastor de povos” que deixou no campo os seus atavios de guerra, e reveste no templo as infulas sacramentais para ministrar no altar do seu deus.

Mas o seu deus é o Deus da paz e da misericórdia, que as próprias mãos inocentes as manda lavar primeiro, antes que circundem seu altar os que a ele chegam. Como receberá ele das mãos ensanguentadas desse mau pontífice o holocausto incruento que só é permitido oferecer-lhe com o coração mondado de toda a soberba, contrito, humilhado e nu de todo o mau pensamento?

Aí estava de porém, esse bispo em toda a pompa do principado e da púrpura, sentado cru seu trono, rodeado de seus clérigos e de seus oficiais, de seus ministros eclesiásticos e civis — à direita o arcebispo de seu báculo, à esquerda o alcaide-mor de seu castelo — porque ele era senhor e apóstolo, carniceiro e pastor do mesmo rebanho: anomalia repugnante das idades bárbaras que tanto esplendor deu à Igreja, tanta luz tirou à Fé!

Sobre o altar-mor, que decorava um painel bizantino representando a Virgem padroeira da nossa cidade, estava aberto um grande livro dourado, resplendente de iluminuras, e com suas letras góticas enredadas de brilhantes arabescos. Eram os Evangelhos. E o livro estava encostado a uma almofada de brocado de ouro.

No baixo do coro, junto aos cancelos, sentados em tamboretas rasas, os juizes e vereadores da cidade, os desembargadores da mitra, o arcebispo de Oliveira como vigário que era; e distinto entre todos o nosso Vasco, sem largar o pendão da cidade que nobremente e com dignidade conservava na mão. À esquerda uma banca, sobre ela os implementos de escrever, e junto dela com a pena na mão e o ouvido alerta, o escrivão da cidade, o que hoje diríamos escrivão da câmara.

Todos calavam, todos aguardavam em solene silêncio a abertura daquela grave e pomposa conferência em que se ia decidir se a segunda cidade do reino, a mais livre e independente pelo caráter e propensões de seus habitantes, tinha de continuar a ser feudo do seu bispo e do seu cabido, ou havia de recobrar os foros de cidade livre e real que a doação de D.Teresa lhe tinha feito perder, e que a dureza do domínio eclesiástico lhe fazia desejar cada vez mais.

O povo, a quem a majestade das cerimônias católicas impunha respeito e comedimento, ao ver o seu bispo ali rodeado dos prestígios do culto, sentia acalmar-se-lhe a cólera e despeito com que inda agora investira o castelo de seu senhor. Pêro Cão, não estava presente; Vasco o chefe por eles escolhido, Paio Guterres o eclesiástico deles respeitado e querido, ambos ali eram, sentados naquele conclave em que se ia tratar de seus negócios. Sossegavam e esperavam: meto caminho andado para desencruar as mais duras paixões.

O aspecto mesmo do prelado não tinha já aquele ar de sobrançeria provocante, não respirava aquele habitual desdém e desapegado desprezo que mais desafiava a malquerença pública. Suas barbas pareciam mais alvas e venerandas, seu rosto mais profundado das rugas, seus olhos com menos lume e mais embrandecidos, todo o ademã de sua pessoa menos ereto e soberbo, mais descaído, mais simpático enfim, e mais para se ver num homem colocado no fastígio das honras eclesiásticas,

O bispo tinha a cabeça um tanto inclinada sobre o peito, mas os olhos fixos num ponto único de onde os não arredava: era no comissário popular, no elegante e jovem tribuno, que solenemente sentado com o seu pendão na esquerda, e a direita gravemente colocada no peito, semelhava a estátua do santo campeão de Inglaterra que Portugal depois adotou por seu, quando o ódio a Castela fez exonerar a Dom Santiago do antigo cargo de padroeiro deste reino, que ele sempre reunira ao de Castela e depois ao padroado geral das Espanhas, e de que nunca pensou ver-se esbulhado o bom do santo.

Não tirava os olhos dele, e parecia não os ter, olhos nem atenção para mais nada, o bispo, senão para aquele mancebo.

Durou o silêncio, durou a expectativa bastante tempo; e começava a sentir-se uma ondulação de impaciência correr pelo auditório, quando Paio Guterres, atento ao que passava, e temeroso de que alguma imprudência não viesse quebrar aquelas esperanças tão bem agouradas de paz, levantou-se, chegou ao meio do coro, ajoelhou e curvou-se profundamente ao retábulo da Virgem, depois tornou-se a erguer, e inclinando-se ao prelado, fazendo vênia a um lado e outro dos capitulares, volveu-se direito ao trono episcopal e disse:

— Com permissão vossa, meu senhor e meu prelado, proporei diante desta respeitável assembléia a grave questão que aqui nos reúne, e cujas dificuldades ninguém mais que eu deseja ver resolvidas; pois, dando, como dou, justo valor aos agravos de que o povo se queixa, quisera vê-los reparar sem quebra na dignidade da Santa Igreja, sem mais perda de vidas, de honras, de fazendas, e ainda... se possível fosse... sem recorrer à suprema autoridade da Coroa a quem todos devemos respeito e vassalagem: mas... nem para com a Igreja nem para com o povo, não costuma — seja-me licito dizê-lo, porque sou franco e leal — não costuma exercer-se jamais a sua tutela sem que o tenham de pagar caro os tutelados.

Houve um quase murmúrio de meia aprovação para um lado da assembléia, e um meio rumor de improbação para o outro. Paio Guterres prosseguiu, levantando mais a voz e parecendo acentuá-la com certo propósito:

— Digo-o, sim, porque sou leal, e como se estivera na presença del-rei, o digo. Que atente bem o povo nisto e se não deixe embair de esperanças demasiado lisonjeiras e quase sempre vãs — não sempre por falta de fé, e de vontade de as realizar quem as deu, quem as prometeu: mas porque muitas vezes na prática dos melhores alvitres surgem dificuldades e oposições insuperáveis.

— Que diacho nos prega lá o arcediago? — disse um do auditório para o seu vizinho.

— Ele ou é trova, ou latim muito enrevezado, que eu não no entendo.

— Oh! E vós, — prosseguiu o orador — que tendes na mão o cajado para nos pastorear e reger, oh não apeleis tanto para a espada. Refleti quanto importa à saúde de vossa alma, e à prosperidade mesma de vossa vida e estado temporal, o atender às súplicas e reclamações de um povo que, se neste momento levanta a voz desesperada, anos e anos sofreu com paciência os vexames de maus governadores, de ministros cruéis e sem piedade, que vos mentem de continuo, caluniando o povo, e para com o povo vos caluniam a vós, pondo em vosso nome e à vossa conta as tiranias de que eles são autores — e muitas das quais, confio em Deus que até de vós são ignoradas.

— Hipócrita, — disse o bispo estremecendo de cólera e voltando-se para o alcaide-mor que tinha à esquerda. — A mim me detesta, e a mim me quer perder o malvado, aparentando querer salvar-me. Tu mo pagarás, mau clérigo... a seu tempo que não tarda.

E o pobre inocente doutrinário, espécie de ordeiro fóssil que sonhava meter razão e justiça entre duas facções apaixonadas e violentas, o pobre homem, com as mãos erguidas para o bispo, continuava:

— Senhor, senhor, esta hora é suprema e não tereis talvez outra em vossa vida: lembrai-vos de que sois grande e poderoso senhor para castigar, pobre e humilde pastor para perdoar. Oh! que por um só não padeçam todos!...

— Palavras de Barrabás! — disse o bispo ao ouvido do alcaide. — Não posso mais com ele. Dai o sinal.

O alcaide-mor, que não cessara um momento de percorrer o templo com os olhos, e que provavelmente viu tudo disposto segundo lhe convinha, levantou sobre a cabeça e volteou no ar a espada que tinha na mão como condestável,

Imediatamente, muitos homens de armas, besteiros, alabardeiros e outros dependentes do bispo que, ao entrar do povo pela porta principal, tinham ido, pelas portas do claustro, colocar-se em vários pontos assinalados da igreja e aí pareciam confundir-se com os populares, imediatamente, digo, se deitaram à uma sobre eles desprevenidos: e desarmando-os de suas más armas, feriram uns, seguraram outros e se assenhorearam de todos. Quatro robustos alabardeiros se apossaram, sem lhe fazer mal, do jovem chefe da rebelião. Todas as portas se fecharam de repente: surgiu gente armada e bem adestrada de todas as capelas laterais, dos criptos: e até parecia que das sepulturas se levantavam os mortos...

O povo espantado, aterrado sucumbiu, e nem ousava resistir. Tudo isto foi num abrir e fechar de olhos.

A revolta estava ferida mortalmente no coração e na cabeça: tudo o que nela havia de mais decidido e eficaz era dentro do templo; fora havia uma cauda imensa, mas inerte e incapaz de vida per si só.

— A mim esse mancebo! — clamou o bispo erguendo-se em pé no trono. — Trazei-mo aqui. Não toqueis num cabelo de sua cabeça; mas atai-o se for preciso, que está louco: endoideceram-no os desvarios dessa gente. Bem! Assim. Trazei-mo cá.

Desta sorte clamava o bispo, sem atender a mais nada, porque mais nada via em toda aquela multidão, nada mais o interessava já no meio daqueles agitados conflitos de tantos interesses, senão o seu estudante Vasco, o mancebo que ele criara no seu seio, e que esses malvados lhe queriam converter em serpente que lhe devorasse.

CAPÍTULO XXXVI

INTERVENÇÃO

A gente assoldadada do bispo, como toda a gente de igual profissão, tinha os instintos ferinos do dogue. Açulai-os, eles investem; depois mordem e dilaceram — sem outro motivo nem causa, senão que para morder e dilacerar lhes apurou a educação o que no homem há de mau e brutal, como em todos há.

Os do bispo começaram por segurar a sua presa... Vinha-lhes já crescendo a vontade de a espedaçar — e o pavimento do templo ia ser lavado no sangue das vítimas, se no meio da geral confusão, um pobre homem dentre os populares envolto numa ruim capa, e de tão mesquinha e fraca figura que nem os soldados fizeram caso dele, repentinamente não causasse a mais inesperada diversão que ali podia sobrevir.

Estava o homem muito encolhido e quase agachado junto aos cancelos e em frente do porta-maça do cabido que os guardava... Senão quando, alevantando-se alto e sobranceiro, arrojou de si com desusada força os alabardeiros que pretenderam contê-lo, e pronunciando não sei que palavras, que deviam de ser mágicas pelo efeito que fizeram, todos em derredor se lhe prostraram aos pés, os cancelos abriram-se de par em par, o homem da ruim capa entrou para dentro dos precintos capitulares, e levantando do chão a bandeira da cidade, que Vasco tinha sido obrigado a largar na luta:

— Sou eu que o levanto agora, este pendão, — bradou ele com grande voz: — eu que defendo a cidade da Virgem e a tomo na minha proteção.

Tudo calou, tudo tremeu, tudo caiu de joelhos em terra.

O homem era el-rei D. Pedro — el-rei D. Pedro, o cru, o justiceiro.

Os episcopais arrojaram as armas ao chão, os populares deram grandes vivas: Vasco, solto das mãos de seus guardas, foi ajoelhar diante dele e beijar-lhe a mão. Só o bispo ficou imóvel. Aterrado, não subjugado, pela inesperada presença do soberano, afirmou mais a mão no báculo, segurou mais a esquerda no pomo da cadeira pontifícia, e tomando a atitude serena de um homem que se não julga obrigado a dar contas nem explicações de seu procedimento a ninguém — sentado estava, sentado ficou, observando impassível as extraordinárias mutações daquela cena.

D. Pedro, olhando a um lado e outro, e recebendo com visível enfado as homenagens de clérigos e seculares que lhe ajoelhavam, subiu, acompanhado somente de Vasco, os degraus da capela-mor. Tomou para a direita, e sentando-se, em frente do bispo, num tamborete raso que ali achou, ficou algum tempo meditando em silêncio. Vasco estava ao pé dele e o contemplava com submisso entusiasmo.

El-rei levantou alto a voz, que distintamente se ouviu por toda a igreja, tão profundo era o silêncio que reinava:

— Tomai a bandeira da vossa cidade, Vasco: dignamente a hasteastes, e como homem de prol que sois.

— Senhor, eu...

— Tomai: sou eu que vo-la entrego.

E pôs-lhe o pendão nas mãos. Vasco ia a falar; D. Pedro o interrompeu:

— Não me digais nada. Eu sei tudo, porque tudo vi: não preciso informações de ninguém. O prêmio e o castigo hão de cair direitos de minha mão sobre quem os mereceu.

Depois, tornando a meditar um pouco, e pela primeira vez, deitando ao bispo seus olhos de aor:

— Senhor bispo, eu estou aqui — e ainda não tenho em minhas mãos as chaves do vosso castelo...

— Chaves e castelo, feudo e senhorio não são meus, senão da Virgem. Alcaide, ponde no altar de Nossa Senhora as chaves que são suas. Dali as tome el-rei, se quiser, não de minhas nem de vossas mãos

O alcaide foi ao meio do altar, ajoelhou, e colocou sobre ele as chaves da cidade.

Suspensos ficaram todos a ver o que fazia el-rei. Tirar a investidura de um feudo a qualquer mau vassalo, eclesiástico ou secular, não era nada para el-rei D. Pedro. Mas tomar do altar da Virgem as chaves de sua cidade, era audácia que nem dele se esperava. Nunca tal fizera um rei de Portugal: se o faria este?

O alcaide, virando-se para o povo, pronunciou em ar de fórmula:

— A façanha é feita, de meu preito me absolvo; as chaves do castelo estão em poder da Virgem, senhora sua e nossa.

— E a Virgem as guardar, que bem pode — disse el-rei levantando-se e cravando os olhos ardentes no bispo. — Não vs, que de tudo sois indigno; desses hábitos que vestis, do báculo que empunhais, da mitra que tendes na cabeça. Deponde-me tudo isso também sobre aquele altar. A Virgem, que guarda as chaves da sua cidade, guardar essas insígnias para quem seja digno de as trazer. Mandai tocar a S vaga, senhores do cabido. E enquanto não provemos de outro que mereça ocupar aquela cadeira, despi-me já esse cadáver de bispo que ai está corrompendo o ar desta igreja com a podridão que exala. Vamos! Sou eu que mando.

Os cônegos, aterrados e cabisbaixos, olhavam uns para os outros, olhavam para o bispo, olhavam para el-rei, e não ousavam nem obedecer, nem desobedecer. Desautorar o seu prelado, eles simples presbíteros! E sem mais formalidades que a ordem do soberano!... Mas o soberano chamava-se Pedro Cru, e não havia decretais que valessem contra seus decretos sempre instantâneos e peremptórios.

— Eu disse — tornou el-rei para os cônegos; fui eu que disse. Não ouvistes?

Os capitulares desceram lentos de suas cadeiras, enfiaram para o altar-mor, e foram, foram, com passo tardio e relutante, mas chegaram enfim ao p do bispo. Ele, como se quisesse fazer boa a palavra del-rei, fechou os olhos, não pronunciou uma palavra, e sem oferecer a menor resistência, se deixou despojar, uma por uma, de todas as insígnias pontifícias. Tiraram-lhe a mitra, o báculo, a cruz, despiram-lhe as vestes do sacerdócio; e só lhe sentiram um estremecimento nervoso na mão quando lhe sacaram do dedo o anel, símbolo da investidura e do poder.

D. Pedro observava midamente o ritual com que o iam fazendo, e respondia aos versetos e antfonas com que os padres acompanhavam a tremenda cerimônia da desautorao episcopal.

— Agora — disse el-rei quando tudo foi concluído, — agora bispo, senhor e cavaleiro, tudo se foi. O que aí está  um vilão como os outros. Que o levem dois

desses homens para onde ele encarcerava a gente de bem, e punha a ferros as mulheres dos seus burgueses que lhe não cediam às torpes requestas.

Vieram dois homens para o levar... Vasco partia-se-lhe o coração; as lágrimas, que há muito lhe estavam represas nos olhos, rebentaram sem mais poder: afogado em soluços, eis-lo que se prostra aos pés do rei, clamando:

— Senhor, senhor, piedade, misericórdia! Tende compaixão de mim, senhor, que fui o instrumento da ruína de meu benfeitor, desse homem que me criou, que eu não posso detestar, que, mau grado meu, apesar de quanto me pese, sinto que sou forçado a amar. As suas culpas são grandês... seja maior a vossa piedade, que sois rei e sois pai. Oh! meu Deus, quem me diria!... Nunca pensei que chegasse a isto. Oh! Nunca. Eu também tenho espantosos agravos dele: dizem... Não sei. Mas isto!... Vê-lo assim eu... com aquelas cãs desonradas, aqueles olhos baixos de vergonha... Senhor, senhor, piedade! Assim Deus a tenha de vossa alma.

El-rei pasmado, interdito de ver a ânsia e afogo do mancebo que lhe abraçava os pés, que lhos beijava, que parecia louco, perdido de aflição e de angústia, el-rei não sabia que pensar desta violenta explosão de um afeto que tão inesperadamente o surpreendia.

Mas o exautorado pontífice, que a tudo o mais ficou insensível, agora via, agora ouvia... e oh! Esse Compreendeu bem as lágrimas, as súplicas do aflito Vasco. Nem a crua severidade del-rei, nem a triunfadora insolência da plebe, nem o ver-se renegado e cuspidos de amigos e inimigos, nada disso lhe dera o golpe de morte que o prostrara e reduzira ao insensível cadáver que ali estava, que tudo sofrera e na da sentira. De outro lado viera o golpe, e mais certo lhe fora ao coração. Vasco, Vasco! o seu Vasco à frente deles! Esse que unicamente amara! esse, instrumento de sua ignomínia, esse feito homem dei-rei e conspirando com el-rei para a sua perda! Merecia-o, Deus era justo; mas essa tremenda, essa horrível e sobrenatural justiça o abismava. Morto da alma, seu coração se endureceu para tudo, e a adversidade o encontrou forte na indiferença. Agora porém, oh! agora com esta prova de afeto, com estas lágrimas do seu Vasco a caírem-lhe no peito, com aqueles soluços a revolver-lhe as entranhas, ai! todo o endurecimento da alma se confundiu. Gemeu profundamente do peito; ao ímpeto dos suspiros que rebentavam, descerraram-se-lhe os dentes cravados; e dos olhos saltavam, como granizo de trovoadas, grossas gotas espessas, meio coalhadas ainda no gelo de morte que todo o tomara por dentro. O sangue acordou à voz do sangue, e a sua vida despertou em Deus. Os joelhos dobram-se-lhe, caiu de bruços diante daquele altar a que dantes subia — não na humildade, mas na soberba de seu coração empedernido — e ferindo no peito com ambas as mãos exclamou:

— Pesa-me, meu Deus, pesa-me do que tanto vos tenho ofendido! E aceitai, ó Senhor, as lágrimas e aflição daquele inocente em remissão de meus grandes pecados.

Depois virando-se para o pobre estudante que chorava ainda:

— Vasco, meu filho, meu querido Vasco, sossega: o meu castigo é merecido. Deus é justo, e el-rei o é por Ele. Mas, oh meu filho! Deus te pagará esta última consolação que recebo de tua piedade, esta derradeira lição em meu infortúnio. Oh!

se destas mãos malditas pudessem sair bênçãos...se o crisma santo que as ungiu se não tivesse convertido aqui em peçonha corruta, oh como te abençoaria eu!

Alçou as mãos ao céu, estendeu-as depois ao jovem; mas não ousou bendizê-lo, porque o remorso lhe bradava dentro da alma: Amaldiçoado és tu, e amaldiçoados quantos tu benzeres!

Tornou a cair de bruços, e a regar de suas lágrimas silenciosas e envergonhadas o pavimento sagrado do templo.

CAPÍTULO XXXVII

AS TRÊS MULHERES

El-rei estava atônito, confuso: olhava para uns, olhava para outros, como pedindo a todos a explicação de tão indecifráveis enigmas. E o seu coração duro — cru, como era — já parecia dar assomos de querer mover-se com o espetáculo desta dor, deste arrependimento. E Vasco não o deixava, não cessava de bradar:

— Piedade, misericórdia, senhor!

Talvez ia amercear-se, talvez ia perdoar D. Pedro. D. Pedro perdoar! Pois ia; ia decerto. Nem sempre fora cru o amante de Inês. Se a poder de injustiças o tinham feito justiceiro e duro, se à força de crueldades tinham obliterado naquele coração o caminho da piedade; não fora tanto que lho não achasse ainda a penetrante impressão de tamanho padecer.

Todo aquele imenso concurso, inda agora tão clamoroso e agitado, estava suspenso pela ansiedade palpitante do momento. Inimigos e amigos — e amigos... oh! quão poucos, se alguns eram — todos contemplavam sem ódio já, compassivos já quase, a suplicante figura do proscrito pontífice rojando-se quase nu, e só bem coberto de sua infâmia, diante do altar em que há pouco era supremo sacerdote — ali agora miserável e torpe, revolvendo-se na imundície dos opróbrios. Oh, que espetáculo! Ninguém já podia com ele. El-rei não pôde, quebrou-lhe o ânimo. Tomou a mão do mancebo, fê-lo erguer de seus pés, e:

— Vasco! — disse — Vasco!... eu quisera...

Neste momento se abriram de par em par os altos cancelos de uma capela obscura e lateral; três belas figuras de mulher assomaram aos olhos da multidão admirada, e converteram para novo interesse a absorta atenção da assembléia.

Eram três, e todas três belas figuras; porém tão diversas uma da outra, que bem se caracterizavam nelas os três distintos tipos das raças portuguesas que então eram. — Eram três então; sangue de cafre nem de malaio ou de tapuia não tinha adulterado o nosso sangue, nem desenvolvido no sexo, belo por excelência, esse variado luxo de fealdade desgraciosa que, nas cidades marítimas especialmente, é de uma opulência desperdiçada.

Era, digo, cada uma daquelas mulheres era um tipo. Romano-celta a mais baixa, a mais viva. Sua fisionomia fortemente acusada salta de energia; em seus olhos negros sorri a luz da alegria ou resplandece o fogo do entusiasmo; suas formas ágeis, flexíveis, rápidas de movimentos são o sonho do homem de espírito; é

a Vênus mística, é a Psichis do amor ideal que se reflete da alma nos sentidos, que os sublima, que os põe em êxtase e lhes dá na terra o gozar dos céus.

Mais suave e mais doce a outra, mais alta e menos direita, mais débil, mais feminina toda, denuncia o puro sangue da raça germânica que ou se não misturara com outros, ou por singular capricho da natureza se estremeou ao formar desse ente no seio materno.

Mas puro, puríssimo sangue da Arábia é a terceira, que, através de um véu que lhe cobre o rosto, respira o queimor ardente do deserto, e nas sóas formas de seu corpo, no seu jeito, no seu ar, revela todo o Oriente e faz perguntar: Será esta Débora, será Judite, será a mãe dos Macabeus?

Não houve porém tempo de as comparar, as três mulheres: o grupo que formavam ao abrir dos cancelos, desfez-se imediatamente, porque a do véu que estava entre as outras duas, e que elas buscavam reter em vão, facilmente se soltou de seus braços débeis, rompeu pelo corpo da igreja, abriu caminho por entre as turbas admiradas, e chegando onde estava el-rei:

— Senhor, senhor — clamou, — esse jovem inocente não sabe o que vos pede; e esse velho criminoso, nem vós sabeis tudo o que ele merece. A morte lenta, a infâmia perpétua, todos os tormentos da alma e do corpo são poucos. Que me veja ele, o perverso, que me reconheça... e principie aqui o seu castigo.

Dizendo isto, levantou o véu, patenteando as feições inda belas, mas fortemente acentuadas de sua raça claramente hebréia, voltou-se para o prostrado sacerdote e cravou nele os olhos que faiscavam... dois olhos como dois punhais ardentes.

O miserável levantou as mãos para ela e clamou:

— Ester, Ester!... Oh! Venha, venha a morte agora, que os meus pecados já não podem ter perdão na terra.

— Quem és tu, mulher? — disse el-rei surpreendido — quem és, e o que és tu?

— Judia sou, — respondeu ela. Sou uma judia, eu... E esse mancebo é meu filho. Meu filho, e filho desse homem que me violentou. Manda acender a fogueira, rei dos cristãos, porque ele e eu, nós ambos, por tuas leis, devemos ser queimados.

— Que novos espantos são estes! E como te hei de eu crer, mulher?

— Que responda o malvado. Que o negue ele, se pode.

Suplicante diante dela, os olhos ora na mãe ora no filho, para si não, mas para ele só parecia pedir misericórdia o desgraçado. E a judia cega, embriagada com os primeiros deliciosos tragos daquela vingança há tantos anos cobiçada, que tantos anos tardou, a judia não tinha olhos nem alma para mais nada.

D. Pedro, o próprio Pedro Cru, se aterrou daquele espetáculo, e volvendo-se ao mancebo:

— Que dizes tu, Vasco?... Esta mulher...

— É minha mãe, senhor.

— Tua mãe... Pobre Vasco!... E este mau homem?...

— Oh! Esse... há muito me suspeitava o coração... Piedade, senhor! Tende piedade de mim e dele. Foi só esta manhã, à volta de Grijó, que ela me disse... Mas não me disse tudo. Oh! Não, crede-me: aliás nunca fora eu que levantara minha

mão para... Não, senhor, não disse: antes pelo contrário me negou, negou. E ou mente agora, ou...

— Menti então. Porque a tua existência é filha do negro crime desse homem; tua vida foi a minha desonra e o meu opróbrio; e era forçoso que fosses tu, não outro, o instrumento do meu desagravo, e do castigo infamante desse monstro, que é... oh! É teu pai. Se te eu dissera a verdade toda, não eras tu, filho, meu filho... tu bom, tu generoso, tu inocente que jamais cometerias o que a teus olhos havia de parecer...

— Um crime atroz. Jamais! E Deus te perdoe, mulher... o parricídio que fizeste cometer a teu filho... se tal sou eu, se...

— Meu filho, meu filho, lembra-te que é a redenção de tua mãe!

Vasco abaixou os olhos e chorou amargamente.

El-rei chegou-se ao pé do prostrado bispo e lhe perguntou baixo:

— A verdade de tudo isto?

— É esta; e eu mereço mil mortes.

— Viverás.

— Senhor!...

— Será o teu castigo. Viverás.

Depois levantando-se alto e digno, como juiz que vai sentenciar um grande pleito:

— Mulher, como te chamas?

— Ester.

— Teu pai?

— Abraão Zacuto.

— Abraão Zacuto. Vai em paz, mulher. O teu crime foi involuntário, e o nome de teu pai é uma aclamação de virtude. Vai-te em paz. Ah! mas agora te reconheço eu: tu eras aquela bruxa de Gaia que...

— Que ele mandou queimar — respondeu Ester apontando para o bispo.

— Sabendo quem eras?

— Porque o sabia, e para que o não soubessem outros..

— Santo Deus, que homem!... E quem te livrou?

— Paio Guterres.

— Ah!... Vai-te em paz, mulher. Cristã ou israelita,. Ester ou Guiomar, vai-te em paz. Teus agravos são muitos, as tuas injúrias atroz: eu te vingarei. Mas vai-te daqui tu, e leva contigo esse mancebo. Que te sirvas em bem das imensas riquezas de tua família....

— Eu não tenho nada, e nada quero porque nada sou... Na miséria a que me condenei, hei de morrer. Tudo é de meu filho.

— Bem fizeste... Oh! E... é verdade, que me esquecia.. Antes de castigar, premiar. Eu sou o Justiceiro; e justiça que não sabe senão punir, é sé meia justiça. Martim Rodrigues!

— Senhor!

— Onde está vossa filha?

— Acolá está, senhor, à entrada dessa capela, com a sua amiga Aninhas.

— A Aninhas do Arco?

— A do Arco, meu senhor.

— Que venham ambas.

O honesto magistrado, com as duas lindas raparigas uma de cada mão, atravessou a igreja no meio do sussurro da aclamação e admiração geral. Era o dia e a noite, era o sol e a lua, era a rosa e o jasmim, eram quantos nomes há que dizem formosura, e que emparelhados faziam melhor antítese; tudo lhes chamava o povo, cobrindo-as de bênçãos, porque dava gosto e alegria vê-las tão gentis ambas, tão diversas e tão amigas.

El-rei fez como o povo; e fez melhor, porque as beijou a ambas. Boa coisa é ser rei... Mas a crônica diz que os beijos não podiam ser mais paternais; e fiquemos nisso.

— Aninhas — disse D. Pedro, tomando-a pela mão e apresentando-a ao povo: — não cores, bela Aninhas, mostra-te sem pejo, mulher honesta e virtuosa. Que te admirem e conheçam todos! E que o teu nome fique de perpétua memória nesta terra, venerado e respeitado para sempre como o bendito Arco da tua Santa.

O povo deu muitos vivas.

— E agora, — continuou el-rei — a outra, a minha bela entusiasta. Tu a dos olhos negros, que me fazes guerreiros de estudantes, e amotinaste toda uma cidade por...

— Por pouco seria? — disse Gertrudes, sorrindo.

— Não, cachopa; desta vez!... Mas agora basta... Ela aqui está, senhor capitão; Vasco, toma a tua Gertrudes e descansa. Mestre Martim dá todas as bênçãos e aprovações necessárias. Não dais, homem?

— Meu senhor, vós mandais; mas...

— Mas o quê? Rachada tendes a caldeira do miolo. Pois não sabes, homem, que todos os arames e latões de tua lójjia, ainda não pesam ametade do ouro que tem o rapaz?

— Senhor, vós mandais e eu obedeço. Mas diz meu compadre Gil Eanes que a afronta de lhe não deixarem acabar o seu discurso que foi tal... e como ele é padrinho de Gertrudes...

— Gil Eanes é um asno. E o padrinho de Gertrudes agora sou eu, que o hei de ser do seu casamento, e dançar na boda. Estás satisfeito?

— Senhor!

— Adiante! e estas mulheres daqui para fora. Vós também, sim, vós, dona Guiomar ou dona bruxa, dona perra judia, ou o que quer que sois. Tudo fora daqui, Ide com elas, Martim Rodrigues; e tu, Vasco, também.

— Matai-me, senhor; mas não vou.

El-rei olhou para o mancebo, torvo do cenho, e espantado de palavras que não era usado a ouvir. Mas calou-se; e fazendo sinal a mestre Martim, o bom do juiz saiu levando consigo as três mulheres.

CAPÍTULO XXXVIII

CONCLUSÃO

Saíram as três mulheres; a judia com tardo pé e descontente, porque lhe ficavam os olhos na sua vingança. Mas as paixões más são covardes: Ester cedeu ao temor del-rei. O filho, dominavam-no bem diferentes sentimentos; daqueles com que não pode o medo: Vasco ficou. O inexorável juiz tornou a pôr nele os olhos, já tanto mais brandos, porém... que de outro que não fora D. Pedro, se podiam dizer compassivos.

Quase... quase que a própria voz lhe fraquejava da natural severidade, quando, voltando-se para o prostrado criminoso, lhe disse:

— A ti por fim, homem perdido! Mau bispo e mau homem... A ti, para quem é pouca ainda toda a crueza da justiça humana. Às mãos do algoz devia entregar-te para que te atasse vivo aos postes da fogueira e te queimasse nessas carnes a lascívia endemoninhada que te devora, o orgulho de Satanás que em teu danado sangue se ateou. Mas... por teu filho viver-ás. Por ele te perdô: por ele viverás. Para expiação de teus crimes, e para a penitência dos teus enormes pecados, te deixo esse resto de vida. Que o aproveites no cilício e nas lágrimas, na vergonha e no remorso, penitente diante desse altar que profanaste, que...

O bispo soluçava e gemia como se lhe estivessem dando os mais excruciantes tratos de tortura, Seus gemidos enchiam a vasta igreja; e o silêncio e a compunção reinavam no imenso auditório. Vasco foi de bruços ao chão, e prostrado com as faces nas lajes do pavimento, bebia até às fezes os longos tragos daquele cálice de amargura: tomara ele, vitima inocente e piedosa, poder expiar ali, remir até ao derradeiro, os pecados desse criminoso, que o era, oh! sim era — mas também era seu pai!

— A morte e a fogueira te perdô — disse el-rei; — a ignomínia não posso, nem devo.

Tirou do cinto o fatal azorrague de que sempre andava munido, e três vezes lhe tocou nas costas com o vil instrumento do castigo. Depois, dando-lhe do pé:

— Com este sinal de reprovação te despeço de meus olhos para sempre. E que ninguém mais te veja era terras de Portugal: ou, por alma de Dona Inês, que nem papa nem Imperador te sacarão vivo de minhas mãos.

O infeliz, precipitado como Nabucodonosor, do alto da sua soberba, como ele ficou submergido e se embruteceu no opróbrio; como ele se sentiu vil alimária da terra, e não teve mais face que levantar para o céu. Assim se arrastou por detrás daquele altar de donde o fulminava a justiça de Deus, sem ousar, nem ao menos, volver os olhos àquele filho, que era o seu único amor neste mundo, a derradeira luz que lhe ficara nesse abismo de trevas em que está sepultado.

Mas o filho é que não quis obedecer a ninguém, a mais que ao seu coração. Seguiu-o, amparou-o, foi com ele, e cobrindo-o com sua capa, atravessou os desertos claustros, e pelos secretos passadiços do castelo, o levou até à margem do rio, a uma nau flamenga que aí estava prestes a seguir viagem para Bruges. Aí se ficou com ele toda aquela noite, consolando-o, animando-o, falando-lhe de Deus e de suas misericórdias.

Os anjos... os anjos sorriam; e a cada oração do mancebo se iam atenuando e descontando, um a um, no livro da vida que diante do Eterno está aberto, os crimes enormes do velho pecador.

No entanto el-rei fez repicar os sinos da Sé como em grande festividade: os cônegos cantaram o Te-Deum: e o povo saiu contente da igreja, dando vivas e vivas a el-rei. Tudo sossegou, a bernarda acabou-se, e, por alguns anos ao menos, a nossa terra viveu em paz, porque os seus foros foram guardados, e ninguém teve mais razão nem pretexto para se amotinar.

Donde veio dizer-se que a grande receita para acabar com as revoluções era fazer justiça direita a todos, grandes e pequenos, como fazia el-rei D. Pedro. Deus lhe fale na alma!

O bispo foi para Flandres. Quisera segui-lo Vasco; mas não lhe consentiu ele por nenhum modo. — A minha penitência era nula; seria prêmio, não castigo o meu destêrro — dizia o arrependido velho — se me acompanhasses tu, meu filho. Deixa-me: É a vontade de Deus. E que te abençoe Ele, já que eu não posso.

Assim se despediram, e assim se foi só o desterrado: dizem que lá se fizera monge e acabara em santa vida.

O governo do bispado deram-no a Paio Guterres, que de joelhos e com muitas lágrimas pediu ser escusado. Mas el-rei foi inexorável; e bispo desde logo o quisera ver feito e sagrado, se tanto pudesse.

Ester abjurou o judaísmo, e com ele seus implacáveis e vingativos ódios. E foi Paio Guterres, o homem que em sua juventude a amara com toda a pureza do mais requintado amor platônico, foi o pobre velho, não velho de anos, mas velho de penas e desgostos — foi ele quem a lavou agora de toda a mancha nas regeneradoras águas do batismo.

Rui Vaz e Garcia Vaz obtiveram bons empregos; um no sal, outro na portagem. Ralharam os amigos; mas não passou daí.

E Pêro Cão?... Pêro Cão, esquecido quase, no meio de tantos e tão vividos interesses — foram-no achar pendurado de uma figueira alvar que nascera ao canto de um revelim do castelo, e que nunca dera outro fruto... senão este. Justiça se fez por suas mãos o Judas, imitando na morte, assim como na vida, o Iscariotes seu padroeiro.

Assim o observou a piedosa e douta Briolanja Gomes, da qual só me resta dizer que continuou a falar como sempre e sem intermitência. É fama que a história de Aninhas e do bispo, contada por ela, era de nunca acabar. A ponto que passando assim em tradição, lhe tomaram medo os cronistas, e por inevitável reação a escreveram tão sucintamente que mal se entende, e nem os nomes das pessoas nos conservaram. Se não fosse descobrir eu o precioso Ms. dos Grilos, nem o menor particular saberíamos dela.

Gil Eanes custou-lhe a fazer as pazes com Vasco. Foi preciso interceder Gertrudinhas, intervir formalmente el-rei, e lavrar-se e assinar-se protocolo em que ficou estipulado que na primeira sessão da câmara, toda a família iria ouvir e aplaudir com entusiasmo um discurso monumental que ele andava preparando para encovar os seus destratores, e em que a obra superava por tal modo a matéria, que ninguém era capaz de lhe adivinhar o assunto.

Fr. João da Arrifana, apesar dos sustos e cuidados que teve, continuou a engordar; e veio a morrer, pouco depois, de um fleimão ardente que lhe nasceu, salvo seja! entre os quadris, e que abafado na massa enorme das substâncias adiposas, lhe ateou um febrão que o levou.

El-rei quis ser padrinho do casamento de Vasco e da bela Gertrudinhas. Celebrou-se a cerimônia na capela do Arco. Armou-se o palanque, vieram muitos panos de ouro e de prata, de seda e de arrás, da guarda-roupa del-rei; com que se

fez a mais brilhante festa que até então se vira, e de donde ficou na nossa terra o gentil costume de entrapar as igrejas de alto a baixo quando há função de arromba.

A festa durou todo o dia e toda a noite, com muitas iluminações, muitas danças e representações, barcas, loas e chacotas que enchiam toda a rua. Por ela andou el-rei, que era grande bailarino, bailando toda a noite à luz das tochas e ao som de suas favoritas chirimias de prata.

Aninhas, chegou-lhe o marido no dia seguinte: e foi preciso tudo isto para que não chegasse tarde... Conheceu o seu erro, e promete não viajar mais. Que tome sentido! Nem sempre há reis que nos acudam — e nem sempre são bispos velhos os que nos perseguem.

FIM